

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Pelotas

**CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO:
ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS, A
POTÊNCIA DO “CUIDADO DE SI”.**

JULIANA NUNES

27/10/2017

JULIANA NUNES

**CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS, A
POTÊNCIA DO “CUIDADO DE SI”.**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação do IFSul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roselaine Machado Albernaz

Linha de Pesquisa: Linguagens Verbo-visuais e Tecnologias

Pelotas/RS
2017

Ficha Catalográfica

N972c Nunes, Juliana.

Cartografia em formação : entre escritas e conversas, a potência do
"cuidado de si" / Juliana Nunes. – 2017.
140 f. : il.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Roselaine Machado Albernaz

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.

1. Educação. 2. Cartografia. 3. Formação de professores. I. Albernaz,
Roselaine Machado. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576
Biblioteca IFSul - Campus Pelotas

JULIANA NUNES

**CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS, A
POTÊNCIA DO “CUIDADO DE SI”.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação pelo
Programa de Pós Graduação em Educação –
Mestrado Profissional em Educação do IFSul.

Aprovado em 27/10/2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Roselaine Machado Albernaz - IFSul (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Cynthia Farina – IFSul

Prof.^a Dr.^a Renata Azevedo Requião - UFPel

Prof. Dr. Róger Luís Albernaz de Araujo - IFSul

The background of the slide is a collage of historical cartographic elements. At the top, a portion of a map shows a yellow dragon-like creature. Below it, a yellow banner contains the title text. The bottom half of the slide features a detailed historical map of the African continent, labeled 'OCEAN ETHIOPIQUE' and 'Le Tropique de Capricorne'. A compass rose is visible on the right side of the map, and a coat of arms with three fleur-de-lis is at the bottom. The map also shows various geographical features and names in French.

*Cartografia em formação:
escritas e conversas, a
potência do "cuidado de si"*

Juliana Nunes

Orientadora: Roselaine Albernaz

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter restaurado a minha saúde, permitindo-me o término desta jornada.

Agradeço intensamente à professora Roselaine Albernaz por me orientar de maneira cuidadosa, amável e exigente.

Agradeço à minha família por me apoiar e me encorajar.

Agradeço à banca examinadora por ter contribuído tão belamente com este trabalho.

Agradeço às colegas Carla Rosane Campos Lopes, Celói Pereira, Isabel Ayres, Luciene dos Santos e Cíntia Gruppelli por terem cedido, a esta cartografia, suas intensidades, experiências e problematizações. Aprendi, com elas, lindamente.

Agradeço ao universo por ter me proporcionado este encontro com o mestrado do IFSul, principalmente com as filosofias da diferença.

Bem-vindos!

Sargaços

*Criar é não se adequar à vida como ela é,
Nem tampouco se grudar às lembranças pretéritas
Que não sobrenadam mais.
Nem ancorar à beira-cais estagnado,
Nem malhar a batida bigorna à beira-mágoa.*

*Nascer não é antes, não é ficar a ver navios,
Nascer é depois, é nadar após se afundar e se afogar.
Braçadas e mais braçadas até perder o fôlego
(Sargaços ofegam o peito opresso),
Bombear gás do tanque de reserva localizado em algum
ponto
Do corpo
E não parar de nadar,
Nem que se morra na praia antes de alcançar o mar.*

(...)

*Nadar, nadar, nadar e inventar a viagem, o mapa,
o astrolábio de sete faces,
O zumbido dos ventos em redemoinho, o leme, as velas, as
cordas,*

*Os ferros, o júbilo e o luto.
Encasquetar-se na captura da canção que inventa Orfeu
Ou daquela outra que conduz ao mar absoluto.*

*Só e outros poemas
Soledades
Solitude, récif, étoile.*

*Através dos anéis escancarados pelos velhos horizontes
Parir,
desvelar,
desocultar novos horizontes.
Mamar o leite primevo, o colostro, da Via Láctea
E, mormente, remar contra a maré numa canoa furada
Somente para martelar um padrão estoico-tresloucado
De desaceitar o naufrágio.
Criar é se desacostumar do fado fixo
É ser arbitrário.*

*Sendo os remos imateriais. (Remos figurados no ar pelos
círculos das palavras.)*

Waly Salomão

RESUMO

Esta dissertação dá corpo a uma escrita que articula saberes da Educação, da Literatura e das Filosofias da diferença. Esse modo de escrever abre passagem para a problematização dos encontros vividos na vida docente, incitando a prática do “cuidado de si”. Trata-se de uma escrita que busca compor um outro processo de formação. No tecer de ideias, procura-se pôr na berlinda alguns conceitos pré-estabelecidos e a formação tradicional constituída por meio do pensamento representacional. Este estudo cartográfico leva ao exercício de uma escuta, estimulada por uma conversa com uma personagem ficcional e por intervenções de fragmentos de cartas trocadas entre algumas professoras e a pesquisadora. Partindo dessa experiência epistolar, a cartógrafa busca dar sentido às questões que a inquietam: como algumas professoras, pertencentes ao Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia (Experimenta) do curso de mestrado do IFSul-Pelotas, compõem uma escrita para problematizar um processo de formação? Como experimentar uma escrita para exercitar o “cuidado de si” com intuito de dar corpo e língua a uma experiência formativa? Acompanhada por Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jorge Larrosa, Suely Rolnik, Theodoro Adorno, alguns literatos e outros pensadores, a autora problematiza o evidente para “dar a ler” e “dar a pensar” acerca de uma escrita em movimento, que pela forma como se compõe, tenta escapar dos moldes acadêmicos, distanciando-se do escrever homogêneo e aproximando-se de um escrever sinuoso. O caminhar cartográfico, ao longo da pesquisa, revela-se como um escrever aberto à irregularidade, à vida e à impureza na linguagem, aproximando-se do estilo ensaísta.

Palavras-chave: Formação; Cartografia; Experiência; Cuidado de si; Ensaio.

ABSTRACT

This dissertation gives embodiment to a writing practice which articulates knowledge from Education, Literature and the Philosophy of Difference. This style of writing opens passage to the problematization to the encounters lived in through teaching experience, encouraging the practice of "care of itself". It is a writing that seeks to compose another training process. In the weaving of ideas to put in the spotlight some pre-established concepts and traditional training constituted through the representational thought. This study leads to a cartographic listening process, encouraged by a conversation with a fictional character and by interventions of fragments of letters exchanged between some teachers and the researcher. From this correspondence experience, the cartographer tries to make sense of issues that worries her: how some teachers, belonging to the Group of research in Education and Contemporary Times: Experiments with Art and Philosophy (Experimenta) from Ifsul-Pelotas master course, make up a writing to discuss a training process? How to try writing to exercise the "care of itself" in order to give a body and a language to a formative experience? Together with Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jorge Larrosa, Suely Rolnik, Theodoro Adorno, some writers and other thinkers, the author discusses the evident "to be reading" and "to be thinking" about writing in movement, which by the way is, trying to escape the academics standards, placing itself away from a homogeneous writing and approaching a meandering writing. The walk along the Cartographic research, reveals itself as an open writing to irregularity, to life and impurity in language, approaching the essayist style.


Keywords: training; Cartography; Experience; Care of itself; Rehearsal.

SUMÁRIO

1	Emaranhamento de fios.....	09
1.1	Uma escrita e o seu desarraigar das peles.....	25
2	Cartografia: um interlúdio.....	29
2.1	O estalar de um pensamento.....	36
3	O “cuidado de si” e as dobras de uma escrita.....	46
4	Escritas de si: uma formação sinuosa.....	59
4.1	Um corpo de professoras: conversa e cartas.....	78
5	Literatura e Filosofia: a hora dos fluxos.....	93
6	O ensaio como uma forma de existência.....	99
	Forças, inquietações e incitações.....	112
	REFERÊNCIAS.....	115
	ANEXO A – Carta de uma professora de Língua Portuguesa.....	118
	ANEXO B – Carta de uma professora de Artes.....	120
	ANEXO C – Carta de uma professora de História.....	121
	ANEXO D – Carta de uma professora que deixou os jalecos brancos.....	126
	ANEXO E – Carta de uma professora da área das Tecnologias.....	129
	ANEXO F – Carta de uma professora.....	131
	ANEXO G – Autorizações para a publicação dos conteúdos textuais das cartas.....	135

1. Emaranhamento de fios

Derramo, na folha rabiscada, palavras. Sobre ela, desfilam as raquíticas, desprovidas de força para enfrentar um mero argumento. Abruptamente, aparecem as robustas que, se usadas em excesso, pesam o texto e provocam mal-estar no leitor. Inesperadamente, como um raio de sol, surgem as capazes de alterar a consistência textual, de produzir um ruído, ou melhor, um estrondo. Encontrá-las é uma aspiração, ao mesmo tempo, um desassossego. Cada palavra acolhida, antes de delinear a frase e/ou a oração, é pinçada, posta em suspensão, em análise, de modo que o dito seja efetivamente sustentado por ela. Em cada intervenção, o cuidado com o discurso vai se dobrando e redobrando, dando vazão a uma insistente busca ética da palavra.¹

Queria mudar a maneira de escrever. Já tinha consciência que desejava emitir *uma voz mais indigente, cada vez mais trêmula, liberada da vaidade dos discursos*². Tencionava me afastar do pensamento enformador. Encontrar vocábulos que exprimissem a comoção de um corpo e suas . Ser encontrada por um escrever que abrisse passagem para histórias cujo ponto alto fosse o si e o outro. A ideia que se sobressaltava era de escrever *inventando formas de tomar a palavra*³, fazer da palavra uma munição contra aquilo que, a potência da vida, tenta apagar. Uma escrita engendrada conforme os encontros *não tanto para dizer, para ensinar alguma coisa, mas para estar ali*⁴, no lugar. No ponto de tensão.

Que conexões delinearão esse mapa? Cada capítulo revelava o olhar sob “eus” em distintos ângulos e experimentados de modos desiguais. Cada capítulo, uma

¹ Algumas “escritas de si” (com recuo) da autora situadas em um tempo diferente.

² LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.25.

³ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.14.

⁴ *Ibid.*, p.36.

abertura, uma busca de rizoma. Avultava-se para diferentes direções e demonstrava singulares movimentos de uma escrita em vários tempos. Em fluxos.

Afinal, o que tencionava pesquisar? Desejava pensar a respeito de uma formação. A ideia era experimentar o verbo “aferir-se”. Pôr-se a prova. Esfacelar-se por meio de uma escrita inconstante, com a qual se tentava fazer articulações entre matérias intensas presentes nos avessos, no impensado, no dito, no vivido, no escrito e, até mesmo, no indizível. Trata-se aqui de um desfazer-se que perpassou por peculiares estados, resultando em uma diversidade de formas: palavras, imagens, poemas, perguntas, silêncios e vazios. Uma desconstrução com a qual, no decorrer da caminhada, sobre alguns pensamentos, sensações e experiências individuais e coletivas, foi possível aprender.

Estar atenta a um corpo,
 ao seu movimento diante **das diferenças**
 é um verso
 de um poema
 que ecoa
 e faz poesia

Por qual ponto começaria falar sobre a inquietação que despontava? Necessidade de iniciar, já havia. E ainda não sabia bem o que era a cartografia. Queria pô-la em prática. Recusava a sua cópia. Entendia que não cabia reproduzi-la.

Dei os primeiros passos na escrita, como uma criança a engatinhar, a partir das provocações feitas ao longo do seminário *Práticas de Si e Outras Artes*, ministrado pela Doutora Prof.^a Roselaine Machado Albernaz no curso de Mestrado Profissionalizante em Educação e Tecnologias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Câmpus – Pelotas), no primeiro semestre do ano de 2015. Foi nesse lugar que tive acesso a uma escrita repleta de experiências e vivências. Uma escrita cuja composição consolidava-se através de uma *performance*, vigorosamente incentivada após as longas discussões sobre os processos de subjetivação na contemporaneidade.

Em cada encontro, existia uma oportunidade de costurar na carne um novo conceito concernente às Filosofias das Diferenças, à Educação e às experimentações vividas, principalmente, com a Literatura. Aos poucos, um outro mundo era pintado diante da plasticidade que afetava o corpo.

Acerca das filosofias das diferenças, o que poderia dizer naquele momento? Trata-se de uma ciência que preconiza a produção de um pensamento múltiplo e busca problematizar fenômenos concernentes à diversidade, à pluralidade e à singularidade, respeitando as multiplicidades e os diversos campos de saberes.

Nesse seminário, foi possível cultivar intensos laços com vários filósofos. Um deles é Gilles Deleuze (1925 – 1995), um pensador francês, defensor da ideia de que pensar é criação. Esse filósofo das diferenças, professor da Universidade de Paris III, Vincennes, ligado aos movimentos pós-estruturalistas, questiona em suas obras a visão de pensamento que prima pela construção da identidade, visando atingir a essência das coisas e um padrão. O filósofo propõe que, ao invés de seguir modelos de pensamentos, o indivíduo cultive a arte dos encontros com as coisas e se disponha a sentir as intensidades oriundas das experiências e dos acontecimentos. Sua Filosofia propõe a construção de um pensamento singular que leve o indivíduo a experimentar e atualizar as potências de sua vida por meio das intensidades.

Em uma de suas obras, intitulada *O Abecedário de Gilles Deleuze*⁵, constituída a partir de entrevistas concedidas à Claire Parnet, o filósofo problematiza, além de outros temas, o uso da linguagem. Com sua atípica maneira de tomar a palavra, desenvolve no texto a possibilidade de se explorar outras potencialidades da língua materna. Defende a ideia de que o falante poderia inventar *uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova*.⁶ Ele sugere um afastamento e, até, uma demolição dos

⁵ “*O Abecedário de Gilles Deleuze* é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989. Como diz Deleuze, em sua primeira intervenção, o acordo era de que o filme só seria apresentado após sua morte. O filme acabou sendo apresentado, entretanto, com o assentimento de Deleuze, entre novembro de 1994 e maio de 1995, no canal (franco-alemão) de TV Arte. A primeira intervenção de Claire Parnet foi feita na ocasião da apresentação (1994-1995), enquanto a primeira intervenção de Deleuze é da época da filmagem (1988-1989)”. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 24 de jan. 2016, p.105.

⁶ DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 de jun.2015, p.5.

cercados ensinados e impostos para o uso da linguagem. Sua ideia incentiva uma escrita em fuga da colocação metódica. No momento em que escrevia, meditava sobre a possibilidade desse pensamento, em algum momento do texto, tomar corpo, para que desvios na língua, reveladores de vida e intensidades às coisas, se realizassem. O anseio era chegar a *uma expressão material intensa*⁷ que fizesse o texto vibrar.

No curso de mestrado, o contato com as Filosofias das Diferenças serviu de desejo para a construção de um projeto de pesquisa que buscasse aquilo que *uma minoria faz em uma língua maior*⁸. Estimava desfrutar de uma outra consciência, para compor uma escrita em conexão com seus pormenores. O detalhe passou a ser instigante. Experimentar a linguagem, a partir de um pequeno ou micro-olhar, transbordava uma alegria. Ao mesmo tempo, fazia crescer uma necessidade de mudar a direção por levar em conta que o projeto construído antes de ingressar no mestrado, no qual contemplava o ensino de Literatura para os nativos digitais, virava uma repulsa. Ele tinha perdido seu vigor diante da possibilidade de estudar um modo de expressão que incita passeios no território, em que pode haver processos de desmantelamento, inércia e restauração.

Compor uma escrita para cartografar algumas tensões do processo de formação e exercitar o “cuidado de si”⁹ atravessavam a investigação. Contrariar essa força poria o corpo num processo de decomposição, levando-o a perda de potência.¹⁰ As novas pretensões dobraram a ideia inicial de pesquisa, pressionaram um estudo mais potente a respeito da Filosofia. Ao mesmo tempo em que o estranhamento exalava o seu ruído, a paisagem que se instaurava revelava alguma familiaridade. A cada encontro, o encantamento aumentava, e uma potência também, não como a que se faz presente¹¹, esta tem mais força.

⁷ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.30.

⁸ *Ibid.*, p.25.

⁹ Um conceito estudado por Michel Foucault, o qual será aprofundado no decorrer da caminhada investigativa.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

¹¹ O momento presente referido insere-se na etapa em que a revisão textual foi realizada, em 2017.

Desde o primeiro encontro, no seminário *Práticas de Si e Outras Artes*, a professora conseguiu construir uma zona de estranhamento para os que ali estavam. Ela tinha um cuidado com o seu discurso, que pouco a pouco suspendia algumas verdades, parecendo *rachar as coisas, rachar as palavras*¹², como Foucault sugere. Na pele de uma principiante cartógrafa, ficava à espreita, atenta à geografia dos afetos, tentava *participar, embarcar na constituição de territórios existenciais*¹³. Estava diante de um lugar inesperado. Ainda, difícil de definir, possibilitando a quem entrasse percorrer uma diversidade de ideias. Um lugar e/ou não lugar que ressoava sua robustez nos integrantes. Há quem diga que, por vezes, parecíamos estar em estado de grande extravagância.

Com acuidade, o primeiro encontro do seminário foi cartografado. Iniciou um movimento de captura das sensações transbordantes. Começavam os exercícios com a escrita na busca de uma nova maneira de ter encontros. Lentamente, algumas paisagens se constituíam, às vezes, bem turvas e opacas, outras, cristalinas. Nítidas. Talvez um filme de pensamentos que ora trancava, ora prosseguia, ora se dobrava e desdobrava. Um encontro alegre. A primeira experiência:

Saí do primeiro encontro com uma sensação diferente no corpo. O discurso que ouvira produzia o efeito de como se alguém tivesse, de forma lenta e gradual, mexido nas partes que me constituíam. Dado uma pequena arredada em coisas – enformadas e organizadas - que ali moravam. Era uma sensação meio estranha que incomodava e, ao mesmo tempo, era suave, emocionante de tal forma, que o corpo reagia. Perante a experimentação proposta, perguntava-me se a sensação era coletiva. Pequenos abalos no plano de intensidades aconteciam¹⁴. E, também, a possibilidade de descoberta de um lugar que tanto tempo procurei, que nem bem sei como é,

¹² DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed, 2007, p.113.

¹³ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.66.

¹⁴ Escrita de si produzida pela autora em 2015.

mas que apresenta alguns indícios de ressonância, disparidade, entre outros estados. “Já não me sinto mais só”¹⁵.

Aparecia a primeira ponta de uma das peles. A descamação começara. Uma composição de escrita diferente da constituída na época da graduação se engendrava. Alguns fragmentos tornaram-se visíveis ao ponto de provocarem uma pequena vibração no texto, que desvelava tantos outros “eus”. Esses minúsculos traços de diferença começavam a tornar a escrita em devir, um conceito criado por Deleuze para se referir ao que *está sempre entre ou no meio, sempre inacabado*¹⁶. Paulatinamente, o escrever modificava a própria materialidade, ato que ajudava a colocar em prática o que Foucault tanto exorta: *que as pessoas falem em seu próprio nome*¹⁷. Para ele, o intelectual deve se propor a falar *em nome de sua própria competência e situação*¹⁸ ao invés de falar em nome dos valores universais e dos outros.

O que é falar em seu próprio nome? Segundo Foucault, *é nomear as potências impessoais, físicas e mentais*¹⁹ enfrentadas e combatidas quando alguém tenta atingir um objetivo. Ação que nada tem a ver com *cada um ter sua hora da verdade, nem escrever suas memórias ou fazer a sua psicanálise: não é falar na primeira pessoa do singular*²⁰. Esse pensamento levantava um questionamento: como materializar os entraves desse combate na escrita sem tropeçar em um “eu egocêntrico”? Como trazer à tona esse combate? Permitindo que fios de sensibilidade se entremeassem na trama do texto?

Bastava saber qual era a dosagem necessária para não fantasiar a escrita, que embora tivesse proporcionado encontros alegres, inúmeros tinham sido de perda de potência, frustração e medo. Outros vieram. Mesmo tendo formação em Letras, por

¹⁵ Posterior a essa produção, em outro seminário, escuto uma outra professora contar como foi o seu encontro com as Filosofias da Diferença. Surpreendentemente, as últimas palavras de seu discurso foram essas também. Na hora, um largo sorriso e um olhar emocionado se fizeram. Para mim, era uma confirmação. De quê? Ainda, não sabia.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.11.

¹⁷ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed, 2007, p.114.

¹⁸ *Ibid.*, p.114.

¹⁹ *Ibid.*, p.115.

²⁰ *Ibid.*, p.115.

várias vezes, o distanciamento em relação aos fluxos da linguagem ocorreu. Algumas forças colocaram as palavras e as coisas em fuga. Ainda assim, com o corpo desatinado, escrever era uma necessidade. Escrever foi um ato de insistência. *Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir. O que confesso não tem importância, pois nada tem importância. Faço paisagens com o que sinto*²¹.

Escrever com intuito de expressar algumas sensações era viável e recomendado no território habitado. No seminário Formação do Sensível²², essa forma de tomar a palavra se fortaleceu. Nos encontros, tivemos acesso às obras grotescas, impactantes e audaciosas do singular Francis Bacon²³, as quais serviram de dispositivos na investigação.

Quando conheci algumas de suas pinturas, várias sensações e ideias ganharam espaço na pesquisa. Apreciava os rostos distorcidos, deformados, contornados, evidenciadores de sensações. A tensão disseminada pela figura era a sensação mais desconcertante. Havia um empenho para entender o que estava visível e escondido nas



deformações da carne, nas dobras de um rosto que parecia ter vontade de bramar seus desassossegos. Ao ponto de tirar as coisas do eixo. Ato este que estava disposta a materializar na escrita.

Essa experiência, por exercitar as sensações, incitava o abandono das velhas trilhas e um esboço de outros/novos caminhos. Indagava-me: Quantos modos de ser

²¹ Do Livro do Desassossego - Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa) Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~magno/>> Acesso em: 12 nov. 2016.

²² O seminário *Formação do Sensível* foi ministrado, pela Doutora Prof.^a Cynthia Farina, no curso de Mestrado Profissionalizante em Educação e Tecnologias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Câmpus – Pelotas), no primeiro semestre do ano de 2015.

²³ Um pintor anglo-irlandês, nascido em Dublin, em 28 de outubro de 1909.

professor um corpo possui? Como estar atenta à multiplicidade? Como estabelecer encontros mais potentes na educação e na escrita?

Pensava também como poderia trazer alguns pequenos fragmentos de um corpo em formação para uma escrita. Traços de experiências, possivelmente, incrustados na própria carne. Vestígios que poderiam ser capazes de atravessar outros corpos, produzir encontros com diferentes potenciais, “dar a pensar”²⁴ sobre outros modos de ser professora. Tencionava compor um jogo de palavras que trouxesse para o visível as marcas de um corpo, por vezes, em estado de flexibilidade e, por outras, em estado de rigidez e entre esses dois, em estado de diferentes matizes. Interrogava-me: *com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar*²⁵?

Talvez, a resposta dessa indagação viesse com o afrouxamento de um corpo erguido e seguro de si, distante da experiência, como alerta Jorge Larrosa. Desfazer-se por meio de um escrever poderia tornar a vida uma “obra de arte”, como Foucault nos leva a pensar. Contudo, isso requereria uma experimentação enviesada da obra e alguns estancamentos que consiste: *seguir-la e não julgá-la, captar suas bifurcações, estagnações, avanços, brechas, aceitá-la, recebê-la por inteira*²⁶.

O seminário Formação do Sensível produziu um potente encontro. Passei a considerar, na Educação, partindo das explicações de Larrosa, aspectos que estão além da relação estabelecida entre a ciência e a técnica, um par que remete a uma perspectiva na qual o educador é visto como um sujeito técnico que aplica o conhecimento científico. Passei a acolher no labore de um professor a experiência, que *não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”*²⁷. Ser encontrada por algo desconhecido começou a ser uma ambição.

²⁴ Uma ideia desenvolvida por Jorge Larrosa. LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*: Danças, piroetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. – 5. ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

²⁵ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p.19.

²⁶ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed, 2007, p.112.

²⁷ LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002, n°19, p.28.

Uma perspectiva mais existencial e estética se compôs com o movimento do próprio seminário. Passei a entender como era o sujeito da experiência: *sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido*²⁸, alguém afetado pelas forças. Nesse caso, pela força de um discurso. A atenção recaía no “si”. Um potente silêncio se fazia, tornando as opiniões inválidas e insuficientes. Descobertas erguiam-se.

Com o advento da tecnologia, o homem contemporâneo vem, freneticamente, alterando a sua forma de interagir no mundo. O que tem estado em predominância, nas relações pessoais e profissionais, é o processamento veloz da informação, *como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação*²⁹. O mesmo procedimento acontece com os acontecimentos que rapidamente tornam-se notícias e perecem. A comunicação também é realizada, quase sempre, de forma veloz, dinâmica e, até, superficial, fazendo com que vários indivíduos permaneçam alheios e impassíveis ao que lhes acontece. Estar atento ao outro, ter paciência são ações raras.

O ato de escrever pode fazer com que o indivíduo componha uma relação mais ética com a vida? Poderiam as palavras produzir uma geografia dos gestos da linguagem e as transformações de corpos? Afinal, como diz Larrosa, nós podemos fazer coisas com as palavras, e elas coisas conosco. Por isso, começo a estar atenta às palavras proferidas, já que *tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo*³⁰.

Como diz Larrosa, *o sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação*³¹, luta incessantemente contra o tempo para tentar vivenciar os acontecimentos. Devora a informação, munido de sua arrogância, a fim de produzir a opinião. E nos espaços de convivências se alguém não tem opinião, sente-se desprovido de algo essencial: a verdade. Como suspender a opinião nesse emaranhado de informação?

²⁸ LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002, n°19, p.25.

²⁹ Ibid., p.22.

³⁰ Ibid. p.21.

³¹ Ibid., p.22.

Esse mesmo sujeito, por tentar acumular informação, tem estado, por vezes, com o corpo saturado. Tornando, assim, alguém fabricado pelas mídias. A fadiga desse corpo, possivelmente, seja provocada pelo peso do excesso de informação e de opinião que, pouco a pouco, vai roubando as suas sensibilidades, impedindo-lhe de experimentar os fluxos da vida.

“Vivi **tão** pouco que tendo a imaginar que **NÃO morrerei**. Parece inverossímil que uma vida humana **se reduza a tão** pouco. A gente *imagina*, apesar de tudo, que algo, cedo ou tarde, *acontecerá*. **Profundo** engano. **Uma vida pode ser muito bem**, ao mesmo tempo, **vazia** e curta. Os *dias passam pobres*, sem deixar **rastros** nem lembranças; depois, de **um golpe, ACABAM**”³².

Esse trecho da obra *Extensão do domínio da luta* corporaliza as perturbações de alguém que sente estar aniquilando a sua vida ao desfrutá-la de forma tão miserável. O lamento da personagem ressoa as sensações de um corpo que estava petrificado, quase morto diante dos acontecimentos. Imune aos afetos, deixando que pouca coisa, ou nada, acontecesse na sua vida e o fizesse:

(...) suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço³³.

Essas palavras do educador Larrosa provocam um pouso sobre os processos de subjetivação. Ao mesmo tempo, elas direcionam o pensar acerca da própria potência da palavra ao escavar os sentidos, construir outras realidades, funcionando como potentes mecanismos de subjetivação, os quais poderão, ou não, levar a outros modos de ser pessoa e educadora. Por isso, *considerar as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras*

³² HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2004, p.44.

³³ LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002, n°19, p.24.

*etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório*³⁴ nesta pesquisa, como diz esse educador. Por meio delas, estou experimentando a vida e um corpo. Tentando sentir as intensidades. Agrimensá-las. Acoplá-las na cartografia.

O que seria então a experiência? *A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece*³⁵. Alguns modos de vida, na contemporaneidade, retratam esse pensamento de Larrosa. Muitos indivíduos não sentem as intensidades das experiências e fazem da vida um grande vazio ou um circuito fechado.

Circuito fechado³⁶

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto,

³⁴ LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002, nº19, p.21.

³⁵ *Ibid.*, p.21.

³⁶ O texto *Circuito fechado* foi criado por Ricardo Ramos. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/gpt/substantivos.php>> Acesso em: 16 dez. 2015.

xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

Assim como essa personagem do texto *Circuito Fechado*, o sujeito da informação vive uma rotina agitada, porém sem vida, sem emoção, sem lugar para as sensações e a diferença. O que fica em evidência é a falta de atenção ao “si” que, progressivamente, talvez, extirpe ou diminua as intensidades dos encontros, que poderiam ser estabelecidos quando se ouve uma canção potente, lê uma literatura desconcertante, assiste-se a um filme arrebatador. Trata-se de escolher o que se faz, já que, talvez, o sujeito da informação corra demasiadamente, mas sem saber para qual finalidade, sem sentir o que de fato experimenta.

Ao acompanhar os modos de vida predominantes, quem se joga nesse emaranhado sem pensar nas próprias escolhas constrói um viver que não está em consonância com o próprio corpo, fato que pode ser capaz de roubar boa parte de sua potência. O que se tenta problematizar é a vida repetitiva e padronizada sem fios de diferença, construída sem ser pensada e aspirada.

“A dificuldade está em que não basta viver exatamente conforme a norma. **De fato, consegue-se às vezes de raspão,** no limite, mas, enfim, no conjunto se chega lá) viver segundo **a regra. Impostos pagos. Contas em dia. Você nunca sai sem a** carteira de identidade **(com cartão de crédito numa pochete especial).”**³⁷

A domesticação de pensamento também tem sido praticada por algumas escolas que têm como elemento norteador um currículo que se organiza em categorias. Nesse caso, o aluno é condicionado a pensar conforme as perspectivas desses pacotes, de acordo com o pensamento representacional, sendo considerado competente se alcançar

³⁷ HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2004, p.14.

essas expectativas, acertando o que lhe é conferido, ao reproduzir o discurso padronizado.

Essa dinâmica de pensamento prevalece, também, em algumas instituições de ensino superior que, por buscarem atender alguma demanda do mercado, formam um padrão de aluno e de aprendizagem. Esse sujeito, após sair da universidade, continua uma constante atualização de saberes, visando à quantidade de informação. Compõe, conforme Jorge Larrosa nomeia, uma formação permanente e acelerada, que utiliza o tempo como uma mera mercadoria³⁸, passando pelos acontecimentos ao longo da formação. Não vive a experiência.

Nesses ambientes, lidar com o fracasso e com o erro, muitas vezes, é algo raro. O que impera nessa perspectiva é a idealização da vida de acordo com o exemplo proposto. Não posso negar que esse modelo de educação constituiu a minha trajetória escolar e produziu, em meu corpo, as raízes de experiências, as quais agarradas, em mim, seguem-me pelos caminhos vida. Elas existem. Não posso negá-las.

“... não pode impedir o retorno, cada vez mais frequente, desses momentos em que a solidão absoluta, a SENSação de vazio universal e o pressentimento de que a existência se aproxima de um desastre doloroso e definitivo.”³⁹

O indivíduo menos atento a essa dinâmica da vida contemporânea acaba sendo capturado pelo sistema produtor da subjetividade em massa, disseminado pelas instituições de ensino, midiáticas, entre outras. Normalmente, sem se dar conta, reproduz pensamentos superficiais, comporta-se de maneira padronizada, sendo inábil para sentir e produzir inéditas possibilidades de experiências. Para produzir um percurso singular. Talvez, falte ter uma vontade de cheirar, degustar, ouvir e comer uma vida. Possivelmente, falte uma *fome de vida*⁴⁰.

³⁸ HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2004, p.23.

³⁹ Ibid., p.14.

⁴⁰ Ibid., p.14.

Fome de vida era o que faltava na existência da personagem Theodore do filme *Ela*⁴¹, um escritor de cartas que se apaixonou por um sistema operacional. Apenas com uma inteligência artificial e uma voz suave e sedutora, foi capaz de afetar Theodore. Samantha era uma máquina, todavia era hábil para estabelecer vínculos. Sua voz bramia uma fome de vida. Habilidade escassa na vida de muitos indivíduos na contemporaneidade.

Félix Guattari sugere, para aqueles que não querem cair nas armadilhas dos sistemas dominantes, a procura de antídotos para a uniformização midiática e manipulações de opinião⁴². Criar um antídoto para buscar reinventar a sua relação com a vida. Um contraveneno, para curar o homem da domesticação de pensamento e deixá-lo mais atento às tramas existenciais, que pode ser encontrado na arte (a música, a literatura e o cinema). Trata-se de encontrar meios de construir uma vida singular para evitar “viver a vida de todo mundo”, como Deleuze exorta. Uma escrita pode ser o caminho?

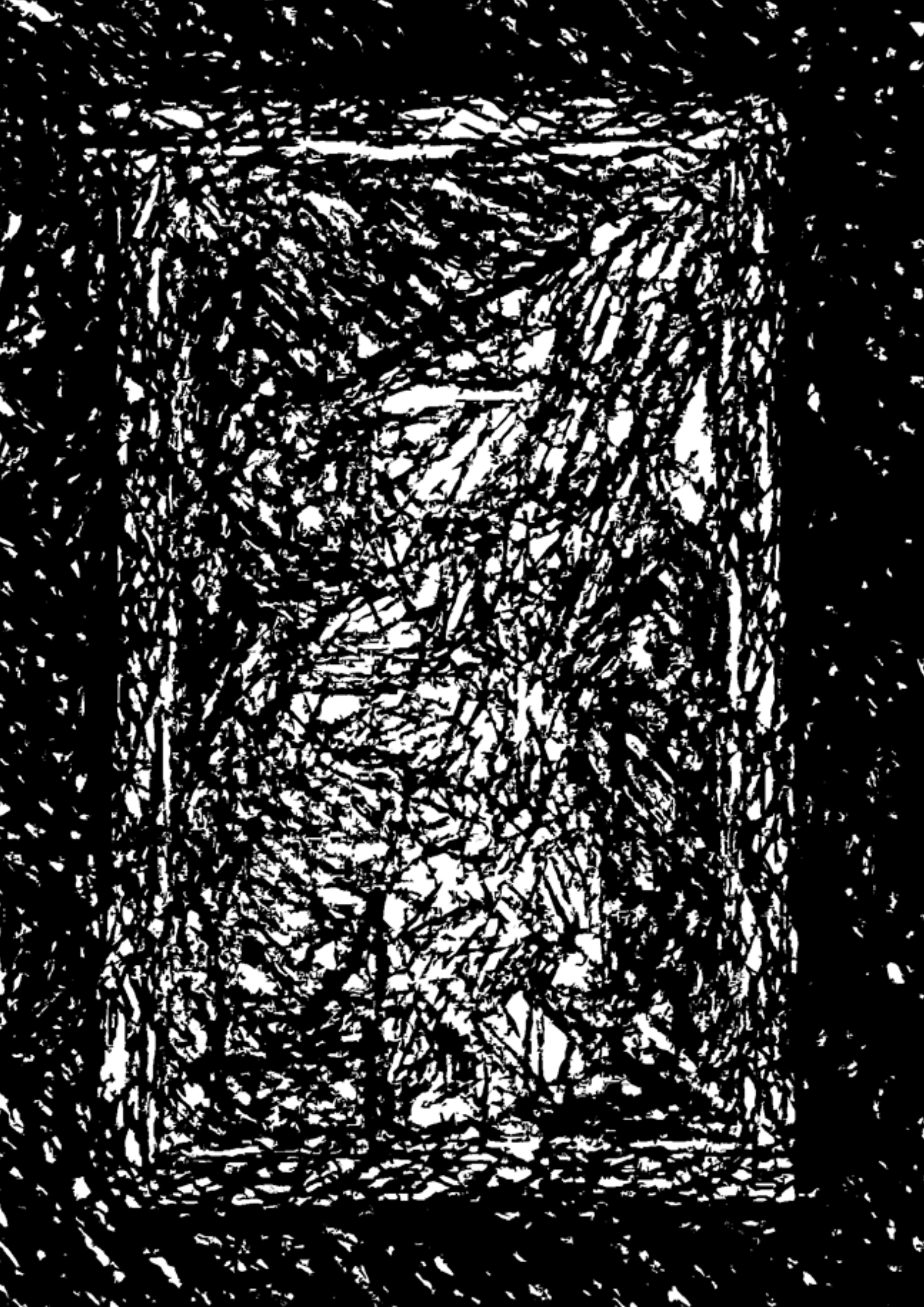
No filme “O vendedor de sonhos”, um homem, que tinha sido um nobre empresário, começa a anunciar à sociedade que o mundo tinha virado um hospício, visto que as pessoas serviam as ideias capitalistas sem se questionarem. Sua transformação se deu após a morte da sua família, que sofrera um acidente de avião. O vendedor de sonhos, quando servia a máquina capitalística, era alguém rico, influente e perspicaz que era capaz avistar de longe uma oportunidade magnânima para os negócios, mas incapaz de ser sensível para o amor e para aqueles que estavam em sua volta, à família. Até que um dia, perdeu o que mais amava. A partir dessa violenta experiência, ele começa cativar outras pessoas que vivem no cárcere da rotina e da vida padronizada. Sua casa passa a ser o mundo, e ele torna-se um nômade. Alguém com pensamento migrador, fora do eixo, atento ao próprio deslocamento. Quando atraía as multidões dizia: *vendo o que o dinheiro não pode comprar: uma vírgula, uma pequena vírgula*

⁴¹ HER. Direção: Spike Jonze. EUA: Sony Picture. Informações sobre o filme disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-206799/>> Acesso em: 29 jan. 2016.

⁴² GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papiurus, 1990, p.16.

*para que você continue escrevendo sua história mesmo quando o mundo desaba*⁴³. Seu maior medo era parar de caminhar. Sua dificuldade era desviar das emboscadas do sistema. *Todos nós já estamos presos nesse sistema social*, presos em gaiolas emocionais, ele lamentava. Além de criticar a máquina capitalística, questionava a educação. Para ele, as escolas deveriam formar pensadores e não repetidores, pessoas que são facilmente atraídas por esse sistema para percorrerem os caminhos da vida em prol da felicidade prometida para quem busca atingir o padrão de pensamento. O que é irônico nessa trama é o fato do vendedor de sonhos ser um psicótico, alguém diagnosticado como um sujeito fora dos padrões que acusa o sistema social de estar doente. O que ele buscava incessantemente é aquilo que o dinheiro não pode comprar. Não queria mais trair a si. O que desejava mesmo? Desfrutar, de maneira ética, do tempo. Ter uma relação de amor com o tempo e com a vida. Com o quê estamos gastando a nossa energia? Sentimos aquilo que vivemos? Ou só se passam muitas coisas?

⁴³ O VENDEDOR DE SONHOS. Direção: Jayme Monjardim. Brasil: L.G. Tubaldini Jr., Andre Skaf. Informações sobre o filme disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-244080/>> Acesso em: 26 maio 2017.



1.1 *Uma escrita e o seu desarraigado das peles*

A escrita estava em desequilíbrio. O pensamento distante da lógica habitual. Era o início de um estranhamento na linguagem. Gilles Deleuze na obra “Conversações” afirma *que a lógica de um pensamento é o conjunto de crises que ele atravessa*, a qual se assemelha mais a *uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio*⁴⁴. O nível de atenção estava elevado, e o corpo em situação de desequilíbrio, rendido e em sintonia com os afetos, agindo como um cartógrafo, *que aceita a vida e se entrega de corpo-língua*⁴⁵.

Escrever estava se tornando intimidador. O texto parecia um novelo enredado. Não encontrava as pontas. Mas era preciso encontrá-las? As ideias não fluíam como gostaria. Ouvia as palavras de Suely Rolnik que alertava que a dificuldade com a escrita é como uma torneira enferrujada que precisa *escorrer bastante água, até que ela vá recuperando sua potência cristalina*⁴⁶. Não importava a matéria da palavra, deixava as mais variadas verterem.

Ainda assim estava distante de uma escrita que fizesse com que o mundo parecesse aberto, visto que, ainda, estabelecia fortes relações com as verdades científicas instituídas e reproduzidas, carimbadas no corpo. Decalque. Verdades identificadas a cada reunião pela orientadora que, com seus pareceres, colocava os pensamentos enraizados a respeito da escrita em desequilíbrio.

Embora as práticas de leitura não fossem o tema da pesquisa, ao sair das orientações, inevitavelmente, lembrava-me dos exercícios de leitura em que o autor é divinizado, considerado como uma autoridade e um sábio. Jorge Ramos do Ó⁴⁷,

⁴⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed, 2007, p.110.

⁴⁵ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.66.

⁴⁶ Id., 1993, p.11.

⁴⁷ Jorge Ramos do Ó, doutor em História da Educação, pesquisa sobre as tecnologias de individualização e de poder-saber na educação, assim como a respeito do discurso pedagógico na Contemporaneidade.

professor da Universidade de Lisboa, diz que *as fraquezas do modelo escolar são que todas as tarefas do aluno resultam do exercício de leitura que se tornou completamente hegemônico no trabalho escolar*⁴⁸. E que esse modo padronizado de ler produz efeitos nas experiências com a escrita, tornando esta uma prática divinizada também. A consequência para o leitor e o escritor? A construção de modelos e estereótipos de suas figuras.

Pensar não é fácil, requer silêncio, força e resistência. É uma violência, como diz Deleuze. Nesta fase da viagem formativa, percebi que seguia esse modelo de maneira obstinada e construía as relações na perspectiva de *uma visão racional e articulada da realidade, que tem dentro dela um modelo intelectual que consiste em imaginar que o mundo é um mundo completo*⁴⁹. Um modelo absoluto que faz com que o indivíduo entenda que os pensamentos devem ser repassados, ao invés de criados. Isso, talvez, justifique a dificuldade inicial para compor uma escrita em movimento. Diante dessa perspectiva que forma moldes cognitivos, pensar fora do eixo central passa a ser uma ousadia, até mesmo um ato de violência contra si.

Reconhecer a condição de submissão é um começo para um corpo que tenciona sair do espaço constituído pela linguagem acadêmica dura, carregada de certezas. Um corpo que deseja livrar-se de alguns valores acerca dos saberes e fazeres de uma escrita. Experimentar distintos movimentos no mundo da linguagem. Todavia, como desarraigar as tantas peles que asfixiam o pensamento e explorar a língua com um olhar oblíquo como Deleuze exorta? Isto é, *arrancar da própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria*⁵⁰. Como *tornar-se o nômade, o imigrado e o cigano de sua própria língua?*⁵¹ Eis alguns desafios!

Quanto mais a escrita representativa dispunha sua rede, mais insistia na composição de uma escrita que transformasse “a formação” em “uma formação”. Para

⁴⁸ RAMOS, J. do Ó. COSTA, M. *Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo*, IN: Educação e realidade. - UFRGS/RS, set./2007, p.110. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6653>> Acesso em: 27 jan. 2015.

⁴⁹ Ibid., p.110.

⁵⁰ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.30.

⁵¹ Ibid., p.30.

tanto, entendia que haveria de lançar mão do “eu” e evocar forças capazes de deixar o sujeito desprovido de palavras. *Desfamiliarizado* na linguagem⁵². A literatura poderia ser um dos dispositivos para essa escrita? _____.....- - -- - - - -.....- -
 - - - - - - - **A-*l*-nha-va-va---***alguns* - - - - - *caminhos* - _____ - - - - -

Na tentativa de abrir fissuras na escrita padronizada, indagava-me: como deslocar-se de outro modo na linguagem? Como preencher os espaços que se produz no deslocamento? Quem sabe, como afirma Deleuze, farejando por uma escuta que emane um “devir-animal”. Um jeito singular de escrever que pede para estar “à espreita”. Atenta ao sentir, ao pensar, ao ler e ao escrever. Para escapar da escrita padrão, o emprego de pronomes e artigos indefinidos passou a ser uma aposta, embora o texto carecesse de outros movimentos com palavras intensas que materializassem um pensamento específico, entre outras demandas.

Deleuze traz, para a Filosofia, a expressão “à espreita”, termo referido ao contexto animal para destacar a atenção das espécies com o mundo. O filósofo transporta essa ação ao universo da linguagem por considerar que o escritor deve estar atento ao que se passa, para capturar as intensidades da linguagem. Segundo ele, é essa polidez do escritor que o leva a usufruir da potência criadora da escrita, a escrever “para uso de” e “no lugar de”⁵³, isto é, para um povo e no lugar de um povo que falte. Avizinhar em outros territórios por meio da linguagem, desfrutando daquilo que *uma minoria faz em uma língua maior*⁵⁴.

Para tanto, essa escrita desarticulada pede, ao escritor, para forçar a linguagem e o pensamento ao extremo. Estar no limite que separa da animalidade, sem ficar separado dela.⁵⁵ Como estar nesse entre? Quem sabe, colocando-se nos fluxos da linguagem para capturar *tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o*

⁵² LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

⁵³ DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 de out. 2015, p.05 – p.06.

⁵⁴ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.25.

⁵⁵ LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.154.

*que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido*⁵⁶. A ideia era, na composição de uma escrita sem um eixo central, desemaranhar alguns fios dos processos de subjetivação e absorver *matérias de qualquer procedência, sem o menor racismo de frequência, linguagem e estilo*⁵⁷, como um cartógrafo faz ao acompanhar as estratégias e sensações de um corpo no campo social. Uma absorção das mais variadas fontes . Quem sabe, figuras? Músicas? Filmes? Indagava-me.

⁵⁶ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.65.

⁵⁷ *Ibid.*, p.65.

2. Cartografia: um interlúdio

COMOCOMOCOMOCOMOCOMOCOMO? O vocábulo “como” anuncia um modo de pesquisa peculiar: a cartografia. Detinha poucas palavras para explicá-la e desmembrá-la. Tão logo, já tinha aprendido que ela reivindicava por uma atenção nem controladora nem controlada nem sem medida. Difícil de balizar, um tanto balizadora.

A cartografia foi formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. O seu conceito foi trazido da Geografia para o campo da Filosofia. Trata-se de um procedimento que estuda a composição dos afetos em territórios existenciais cujas matérias podem ser de espécie subjetiva, individual e coletiva. Uma prática de pesquisa prezadora por acompanhamento dos processos. Por não ter uma escolha prévia dos movimentos, não pode ser considerada como uma metodologia, e, sim, como um plano de composição.

A etimologia da palavra metodologia (*metá-hódos*) abarca um caminho (*hódos*) determinado pelas metas (*metá*) que são elencadas para que o próprio caminhar seja realizado. Já a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos em hódos-metá*⁵⁸. Refere-se a uma prática que solicita uma experimentação de pensamentos pelo cartógrafo ao invés de sua aplicação e descrição.

Pesquisar munido com esse olhar e sentir evoca uma outra maneira de percorrer a investigação. Entendi que necessidade havia de pensar “como se experimenta algo” ao invés de “o que é isso que se observa”. Isso modificava o modo de falar e de fazer ciência, transformando minha postura. Ocorria uma mudança no modo de fazer leitura, escrita e pesquisa. Passei a me considerar, na pele de uma cartógrafa, como uma experimentadora de territórios existenciais. A entender que o pesquisador, neste âmbito, é alguém que promove conexões e é conectado, submergido no emaranhado de fios, de questões. A distância entre o par sujeito-objeto e o cultivo de uma relação em linha reta simplesmente, aos poucos, esfacelou-se.

⁵⁸ KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p.11.

A pesquisa cartográfica, formada por conceitos de *multiplicidade* e de *rizoma*, destaca-se por tornar viável várias perspectivas de pensamentos. Esse método inventivo não busca a composição de caminho linear através de um modelo orientador e uma técnica padrão, pré-determinada no início da investigação, calcada em objetivos e hipóteses. Também não se refere a uma intervenção sem rumo. Há sim uma diretriz, que *se faz por meio de pistas que orientam o percurso sempre considerando os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados*⁵⁹. É uma inquirição que se constrói no acompanhamento dos efeitos e no entendimento sobre os fluxos de intensidades ocorridos no cartografar, que escapam do plano de organização de um terreno existencial.

Na caminhada do mestrado, entender o que era pensar e escrever rizomaticamente foi dificultoso. Da mesma maneira, absorver conceitos da escrita Deleuzeguattariana. “Absorver” que, segundo Bueno, significa: *embeber, sorver, consumir, esgotar; preocupar inteiramente; aspirar; engolir; entusiasmar; concentrar; aplicar*⁶⁰; À medida que aumentava o vínculo com os textos desses filósofos, entendia que não poderia consumi-los. Era inviável “sorver” um trecho do discurso e encaixá-lo nesta intervenção; afinal, *um rizoma, ou multiplicidade, não se deixa sobrecodificar*⁶¹. Se sentido houvesse em uma costura, o que faria não poderia ser um “sorver”, um “aplicar” e um “absorver”. Haveria de ser uma outra coisa. Um outro termo que, nas primeiras aulas do grupo de pesquisa “Experimenta”⁶², tomo conhecimento: tratava-se de um “experimental”.

Na obra “pesquisar na diferença: um abecedário”, os autores fazem uma junção de alguns termos utilizados nas pesquisas que estão sob a interferência das Filosofias da Diferença. No capítulo “Experimental”, de Gislei Lazzarotto, pistas foram deixadas para o pesquisador que trabalha com uma investigação sob a orientação da

⁵⁹ KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p.17.

⁶⁰ BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2007, p.13.

⁶¹ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p16.

⁶² O Grupo de Pesquisa em Educação e contemporaneidade: experimentações com Arte e Filosofia “Experimenta” é liderado pela Dr.^a Cynthia Farina e coordenado pelos professores Dr. Alberto Coelho e Dr.^a Roselaine Machado Albernaz.

experimentação. A pista que anunciarei trouxe potência ao engendrar da cartografia. *Para experimentar vista-se de não senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar. Opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento.*⁶³ Fazer do absurdo uma matéria é inventivo e encantador, perigoso também. Quando um pensar oriundo de um encontro toma corpo, quase impossível é controlar sua engrenagem. Necessidades geradas nessa máquina são matérias com força, delineiam espaços e ocupam lugares com vigorosa *performance*. Isso leva a pensar que um cartógrafo não pode ser autônomo, seguro de si. Passa a ser alguém afetado pelas forças dos encontros em uma escrita.

Este modo de pesquisar, cultivador da experiência, é uma saída para tratar da multiplicidade que nos compõe. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas*⁶⁴. Que saídas esse experimentar poderia proporcionar? *A diferença. É a diferença que invade o pensamento quando a representação não dá conta de responder ao que acontece, e nos leva a criar outros modos de pesquisar*⁶⁵. Segundo a educadora Mara Galli, a experiência não garante a experimentação, o cartógrafo há de encontrar maneiras para permanecer em processo, em invenção. Suas palavras, além de tecerem como construir esse processo, dão destaque, como Deleuze e Guattari aconselham, para o “e”, *há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser*⁶⁶:

Fique atento ao modo como as relações, o tempo e a crítica afetam seu modo de pesquisar. As relações próprias de cada experiência possibilitam analisar as condições de emergência de um problema de pesquisa. Abandone o “ou”, a dicotomia, o binarismo, deixando-se levar pela simples conjunção “e” que mantém uma rede sempre aberta para acolher a multiplicidade. Acompanhe as perturbações causadas nas tensões entre o eu “e” o nós, a teoria “e” a prática, o método “e” a metodologia, o problema “e” a resposta.⁶⁷

⁶³ GALLI, Mara. F.; NASCIMENTO, Maria. L.; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.101.

⁶⁴ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.65.

⁶⁵ GALLI, Mara. F.; NASCIMENTO, Maria. L.; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.101.

⁶⁶ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p36.

⁶⁷ GALLI, Mara. F.; NASCIMENTO, Maria. L.; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.102.

Esse tramar de ideias propõe aberturas para o múltiplo. Refere-se a uma constituição de pensamento rizomático, o qual se consolida na composição da matéria múltipla e interconectável, que caminha para uma outra direção. Diferencia-se da lógica do pensar representacional cuja prioridade é a categorização e a unificação das coisas, a instituição de verdades para o homem e o seguimento do modelo *mais clássico, o mais refletido, o mais velho, o mais cansado*⁶⁸. Não somos idênticos, somos vários, como Deleuze exorta. *Fomos ajudados, aspirados, multiplicados*⁶⁹. E as coisas – objetos e sujeitos – estão em processo. Talvez, ao invés de tudo ser, tudo esteja em movimento.

Esta é a melodia, a letra que surge quando nada pode ser dito,
quando as palavras não rimam com a vida.

Quando as melhores intenções são esmagadas e destruídas.

Quando os medos são maiores e mais numerosos que as promessas.

Quando as certezas são engolidas num tenebroso mar de incertezas.

Quando confrontados com o indivisível, seja a nossa canção, estrofe, ponte e refrão.

(*O bilhete e o trovão – Os Arrais*)⁷⁰

Na escrita, em que lugar as incompreensões se situam? Ou seja, as inconstâncias em meio à travessia dos estados. Aonde elas se encontram nos processos de subjetivação? Como compreendê-las quando estão em via de se fazer? Talvez, no percurso, na ponte que liga a estrofe à canção, nas linhas do entre, na busca dos elementos para compor uma paisagem na pesquisa, em que a opinião e o juízo de valor sejam postos em suspensão por alguns momentos para tentar sentir o que for intenso no território existencial. Nem que para isso se transite no espaço sem respostas.

No processo com a escrita, busquei *descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das*

⁶⁸ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p19.

⁶⁹ *Ibid.*, p.17.

⁷⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xAUjCOGBQs8> > Acesso em: 27 dez. 2015.

*intensidades*⁷¹. Um entendimento que nada tem a ver com explicar e muito menos revelar⁷². Tentei mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem⁷³, como Rolnik sugere, a qual levasse a entender uma formação em transformação. Conectar um pensamento e sentir em conexão com quais *multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua*⁷⁴ própria conexão. Em suma, a ideia era fazer fluir um rizoma, um modelo de pensamento desarticulado.

O pensamento rizomático, por meio das conexões, constrói um mapa aberto, *conectável em todas as dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente*. Pode ser alterado, adaptado a *montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social*.⁷⁵ Esse é o movimento que me atrevi a compor com esta cartografia. A indagação surgia. Como uma escrita poderia contribuir com essas articulações e acolher o movimento do processo de produção de realidade? Quais escritas? Por ventura, as “escritas de si”? Ou/e as cartas para alguns professores? As conversas com pensadores da Literatura e da Filosofia? Seria possível delinear um mapa de pensamentos interligados? Isto é, compor um rizoma. Múltiplas são as saídas: *Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer... É impossível exterminar as formigas...*, como Deleuze diz.⁷⁶

A cartografia é um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como uma atitude por quem se propôs investigar uma determinada questão.⁷⁷ O rigor das ciências permanece de maneira ressignificada. Ter precisão passa a ser o compromisso e o interesse selados pelo cartógrafo com a própria pesquisa. Uma exatidão que requer uma disposição para percorrer alguns caminhos. Em suma, um

⁷¹ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.66.

⁷² *Ibid.*, p.66.

⁷³ *Ibid.*, p.66.

⁷⁴ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p.18.

⁷⁵ *Ibid.*, p.30.

⁷⁶ *Ibid.*, p.25.

⁷⁷ KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p.11.

pulsar pelas descobertas que, em mim, esteve e continua no momento em que faço uma revisão do texto⁷⁸. Só essa vontade não é suficiente. Suely Rolnik aconselha o cartógrafo a ter consigo um aparato composto de: *um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações*⁷⁹, modificável no caminhar. Além das “escritas de si”, acolhi no ~~meu~~ roteiro, o qual está em intensivo processo de transformação, a ~~minha~~ vontade de escrever cartas para alguns professores a fim de problematizar uma ~~minha~~⁸⁰ formação.

Por se tratar de uma pesquisa-intervenção tramada nos encontros vividos pelo pesquisador no campo social, questionava-me: como investigar as intensidades de um processo de formação sem deixá-las escapar? Será que um escrever, detalhista ajudaria estabelecer fortes vínculos com esse processo? Os saberes compartilhados por alguns professores serviriam de combustível para uma escrita e suas engrenagens? Será que o próprio ato da escrita de carta incitaria a composição de um novo território existencial?

A cartografia delinea-se por meio de mergulhos realizados pelo pesquisador no plano de produção, em que o sujeito, o objeto, a teoria e a prática estão engendrados. Esse investigar pede, ao cartógrafo, uma atenção às estratégias do desejo, um acompanhamento dos fenômenos presentes no campo social: *desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva*⁸¹. Importante perceber, no fluxo de pensamentos múltiplos, qual elemento carece de ~~minha~~ atenção. Como fazer essa uma varredura no território? Kastrup indica o rastreamento e o acompanhamento *das mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo*⁸². Nesse movimento de vaivém no campo da existencialização, o território de um campo perceptivo se constitui.

⁷⁸ O texto foi construído em 2015 e revisado em 2017.

⁷⁹ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.67.

⁸⁰ Na qualificação do projeto de pesquisa, a banca considerou algumas partes do texto egocêntricas. No segundo ano de investigação, durante a revisão textual, a pesquisadora, por viver um processo de desconstrução, retirou do texto as palavras egoicas, mas deixou algumas para dar corpo ao processo de transformação.

⁸¹ *Ibid.*, p.65.

⁸² KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p. 40.

Kastrup diz que *tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo* que aciona o processo de seleção⁸³. Uma aplicação cuidadosa que não tem a ver com a focalização e a seleção de informações, vincula-se com o estar à *espreita* para ser tocado pela experiência. Uma atenção aberta ao encontro, ao que está por vir, em *devir*, como diz Deleuze e Guattari. Durante o percurso, indagava-me como dedicarei uma ~~minha~~ atenção nas “escritas de si”? E nas cartas? Se estas não forem respondidas? Um retorno virtual, em vias de se fazer, poderia ser tão potente e atualizar esta ~~minha~~ formação.

A autora recomenda ao cartógrafo intensificar a sua atenção para o problema de pesquisa depois de ter realizado o ato de suspensão, isto é, o momento no qual os dados subjetivos - alguns interesses prévios e saberes acumulados - foram desarticulados. A ideia é parar e dar uma espécie de *zoom* no campo de observação para entender com riqueza de detalhes as experiências cotidianas e aprender com os atravessamentos. Trazer trechos de cartas e “escritas de si” seria uma estratégia de pouso. Possivelmente, as articulações entre as duas contribuiriam com a composição de um pensamento rizomático, visto que as cartas permitiriam um pouso em outros processos de subjetivação, uma abertura para a transformação dos estados.

Esse movimento de ampliação dos sentidos não é o mesmo gesto de focalização. Quando a atenção pousa em algo, um trabalho fino e preciso recai sob o objeto, evidenciando sua magnitude e sua intensidade. Preso aos detalhes, o cartógrafo realiza um reconhecimento atento do território com intuito de reconduzir os seus sentidos para o objeto, destacando seus contornos singulares até ampliar a percepção e potencializar dados presentes no plano de produção. Assim, virtualiza, atualiza um mundo que já existe e abre espaço para a criação de um outro território⁸⁴. A fase de meditação sobre as “escritas de si” tende a ser um momento de atualização, como a que me propus fazer no capítulo *Escritas de si: uma formação sinuosa*. Para que rumo essa atualização direcionará o trabalho?

A cartografia requer uma atenção oscilatória, a qual suscita diversos movimentos, e é entendida como um músculo em funcionamento que deve evitar dois

⁸³ KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p.42.

⁸⁴ *Ibid.*, p.44- p.45.

extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada do cartógrafo. Este método inventivo requer uma condução de maneira ético-política, como experiência estética, já que não se trata de uma competência, é *performance*. Um desempenho que se constitui no caminhar com base na atenção e no nível de sensibilidade do pesquisador. O seu critério alterável é *o grau de abertura para a vida*⁸⁵, que deve levar em conta o grau de defesa para a sua proteção, caso alguma situação na pesquisa evoque. Por isso, seu princípio é extramoral. O que faz a cartografia ser o lugar do imprevisível para uma escrita.

2.1 O estalar de um pensamento

Por meio das primeiras “escritas de si”, produzidas como “práticas de si”, passei estar atenta às intensidades do ~~meu~~ arranjo existencial. Formas foram dadas a uma experimentação do “si”, calcada na ética, realizada por alguém *que se escolhe, e ao se escolher, escolhe o risco de viver, o risco de vir a ser o que ainda não é, o risco de criar a si mesmo, sem ficar aderido a recortes instantâneos de uma trajetória existencial*.⁸⁶ A ideia era acolher um sujeito-em-prática, inserido em um estrato social. Investigar o funcionamento de ~~meu~~ um terreno existencial, na tentativa de acolher as multiplicidades para um coletivo. Acompanhar um processo de constituição e perceber o que está em potência em distintas realidades, entender o que *se passa entre os grupos, nos grupos, no que está para além e aquém da forma dos grupos*⁸⁷.

Uma formação não se constrói somente nas relações estabelecidas na escola, ainda que se queira delimitar esse espaço para o educador. Mesmo que se feche a porta da sala de aula, o que está no lado de fora, por fazer parte da formação, tentará se

⁸⁵ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.68.

⁸⁶ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013, p.17.

⁸⁷ KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p.27-p.28 e p.30.

infiltrar pelas frestas, pelos mínimos buracos, seja das portas, das janelas, das paredes. O que tenta entrar são as ramificações das experiências, cuja força pode ser como a das raízes fasciculadas, estruturas subterrâneas que se alastram embaixo da terra. Forças avassaladoras que invadem um campo existencial. É possível que professores não estejam imunes a elas. Talvez as acolhessem ou não. Mas o que interessava era o processo. O vaivém entre pensamentos, caso a troca de cartas ocorresse.

No entrelaçar da cartografia, à tona, vieram as questões inquietantes atreladas aos processos de subjetivação: **Como uma escrita, que vai se construindo a partir das articulações com a Literatura e Filosofia, problematiza os processos de subjetivação de uma professora? Como essa escrita se compõe? Como as escritas de cartas para professores e filósofos podem reinventar uma formação, caso aconteçam? E as conversas com algumas obras literárias e filosóficas? E as “escritas de si”, como “prática de si”, tornam audível algumas fragilidades, alegrias, limitações, inquietações e potências de um corpo?**

A orientadora, em novembro de 2015, convidou-me para compor um texto em formato de conversa com Michel Foucault. Na mesma hora, aceitei. Acreditava que daria conta do intento, embora esse tipo de escrita exigisse alta criatividade. Pulsava a vontade de inventar. Naquele dia da orientação, a professora trouxe para mim vários livros de Literatura com intuito de fortalecer o texto da pesquisa. Ela parecia um pouco incomodada e questionava: “cadê a Literatura em teu trabalho? Está faltando vida!” Realmente, por vários atravessamentos, não estava próxima dessa arte como gostaria. Saí da orientação com uma pilha volumosa de livros. Em torno de oito obras, entre elas, estava a de Clarice Lispector, que aparentava ter passado por muitas mãos. Com acuidade, folhei cada página, à margem de uma delas, encontrei várias anotações com micro palavras, provavelmente, feitas por um leitor que deixara suas marcas. Lembrei-me da literatura menor, de Deleuze, de Foucault, *esse povo!* A cada anotação lida, tinha uma sensação de que a leitura, para esse leitor, tinha sido avassaladora. Teria ele encontrado algo surpreendente? É interessante saber quais as palavras e os trechos avassaladores. Peguei outros livros e folhei-os com muita curiosidade e ansiedade. O que poderia encontrar? Fiquei devaneando por alguns instantes e, mais uma vez, deslizei as minhas mãos sobre a obra de Clarice. Suas suculentas palavras despertavam uma vontade de me achar. Decidi me arremessar nas páginas envelhecidas. Conforme a

história se engendrava, alguns trechos ecoavam alegria, fazendo vir à tona algumas lembranças. Dou-me conta que, há nove anos, eu já tinha tido um contato com a obra. Uma leitura feita sem acuidade numa época em que precisava dar conta de uma alta demanda de leituras, exigida pela Academia. Agora mais que a leitura anterior, a cada página era impactada com a voz eloquente do narrador, o qual, a todo o momento, trazia algumas questões relevantes para a pesquisa: os processos de subjetivação, a literatura e a construção de uma escrita e uma vida. Ainda que a conversa com Foucault pudesse ser tão substancial quanto essa, naquele momento, a voz de Rodrigo, um fabuloso e instigante narrador, atraía-me. Priorizei a literatura de Clarice Lispector. Aos poucos, a conversa com narrador ajudou a construir alguns pensamentos sobre a escrita que tentara criar, notavelmente modificada depois desse (...)

A arte é um meio de pensar acerca das questões constantes básicas do viver, como os medos, as crises e as transformações etc. Por isso, ao longo do caminho, acolhi obras de outros artistas, aquelas com capacidade de me tocarem, pertencentes a uma literatura menor, a qual *tem a ver é com o povo que falte*⁸⁸, capaz de operar uma decomposição da língua e realizar a sua invenção no interior da língua maior. Para compor a cartografia, além de Clarice Lispector, conto com Fernando Pessoa, Paulo Leminski, Viviane Mosé, Francis Bacon, entre outros que trabalham com a arte. Ainda, trouxe alguns artistas que não conhecidos são, mas produtores de uma obra potente, capaz de agrimensar pensamentos múltiplos nesta cartografia.

A tentativa foi de desemaranhar, através das escritas e da escuta sensível, as linhas da vida para agarrar *as coisas onde elas crescem, pelo meio, rachar as coisas*⁸⁹ ao ponto que a palavra seja um meio de cura. Deleuze exorta que a função do *escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, de si próprio e do mundo. Constrói a ideia de saúde como literatura, como escrita. E o escritor como vidente e ouvidor*⁹⁰ ou outra espécie de coisa que não seja escritor. Sua ideia é de que o escritor seja capaz de sair de seus próprios sulcos e criar, para si, uma língua de modo a traçar *uma espécie de*

⁸⁸ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.27.

⁸⁹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed, 2007, p.113.

⁹⁰ Id., 1997, p.13-14, p.16.

*língua estrangeira e que a linguagem inteira revele seu fora, para além de toda sintaxe*⁹¹.

Essa experiência entrelaçada com uma escrita, uma arte e um “cuidado de si” requer um movimento de esquecer-se de si, nascer de si e retornar a si. Sentir, pensar e viver a própria experiência.⁹² Embora se traga questões de um “si”, *o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo. Tudo adquire um valor coletivo*⁹³. O que está em jogo é a capacidade que se tem para *sustentar a vida em seu movimento de expansão, ser suporte disso*⁹⁴. Qual a capacidade de um corpo para suportar esse processo? De decidir a que rumo tomar? Em que tempo fazer uma travessia? Perguntava-me. *Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia...*⁹⁵

Já se passaram dois meses e treze dias. Desde o dia 29 de fevereiro de 2016⁹⁶, nenhuma palavra foi fisgada, esculpida, rejeitada, encarnada na escrita da pesquisa. Um silêncio, uma espécie de pausa, estancou a capacidade de dizer. Hoje, no dia 12 de maio de 2016, escuto ruídos que fazem um estardalhaço no pensamento. Esses dois prolongados meses foram período de estancamento da pesquisa. Solidão é o sentimento que me avassalou, quando parei num deserto que desertificou o pensamento, esvaziando-me ao ponto de me fazer esvair no tempo. Os caminhos percorridos na pesquisa já não me movem. Esculpir um novo percurso, que

⁹¹ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.16.

⁹² LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

⁹³ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.27.

⁹⁴ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.70.

⁹⁵ Poema *Travessia* de Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/46299-travessia.shtml>> Acesso em: 04 dez. 2015.

⁹⁶ Data da qualificação do projeto de pesquisa.

mude a composição do mapa, é o que está em via de fazer-se, pois para que serve caminhar em prol de algo que aparenta ter sucumbido?

"De que serve ter o mapa
Se o fim está traçado,
De que serve a terra à vista
Se o barco está parado,
De que serve ter a chave
Se a porta está aberta,
De que servem as palavras
Se a casa está deserta?"⁹⁷

Já era para ter retomado a pesquisa, já era para estar, talvez, tateando os pontos trepidantes. Estava a mercê de um silêncio devastador.

"Aquele era o tempo em que as mãos se fechavam
E nas noites brilhantes as palavras voavam
E eu via que o céu me nascia dos dedos
E a Ursa Maior eram ferros acessos
Marinheiros perdidos em portos distantes
Em bares escondidos em sonhos gigantes
E a cidade vazia da cor do asfalto
E alguém me pedia que cantasse mais alto"⁹⁸

Esta fase da pesquisa está como um mar aparentemente calmo. É chegado o momento de pular da canoa furada, de enfrentar as tempestades, os perigos que podem vir. Dar braçadas e mais braçadas para não se afundar. Dirigir-se para o lado que a correnteza vai. Sair da inércia. Pesquisar.

"De que serve a terra à vista se o barco está parado"⁹⁹

Passei o ano de 2015 e até fevereiro de 2016 a problematizar uma escrita, requerendo a ela a função de pensar os processos de subjetivação, particularmente os meus. Ao sair da qualificação, esse desejo revelou a sua latência, que, possivelmente, tenha dado algum indício anteriormente. A escrita que expressava as "minhas" sensações e experiências, com um golpe mortal, perdeu o seu espaço. Estava cansada daquele texto carregado de

⁹⁷ Trecho da música *Quem Me Leva os Meus Fantasmas* de Pedro Abrunhos.

⁹⁸ Trecho da música *Quem Me Leva os Meus Fantasmas* de Pedro Abrunhos.

⁹⁹ Trecho da música *Quem Me Leva os Meus Fantasmas* de Pedro Abrunhos.

emoção. Ciladas do eu, da narrativa em primeira pessoa do discurso. Era chegada a hora de virar os holofotes para outro lugar, outro universo, outras pessoas, outras coisas, ou apagá-lo por alguns instantes. Mas quem seriam os outros corpos? A conversa com Deleuze e Foucault? As cartas para os professores de escolas? Em razão de um tempo que se impunha, começar pelas cartas seria uma estratégia mais assertiva. Porém, não sentia vontade de escrevê-las. Pensava nos professores que inicialmente desejava manter um vínculo e percebia que não era por eles que tencionava prosseguir na pesquisa. Cheguei a um ponto de esgotamento. O problema de pesquisa não dava mais conta das indagações anestesiadas. O que me enverga é outra coisa que, até o momento em que escrevo, não consigo apalpar. Constituir uma escrita para pensar os processos de subjetivação de uma professora não é mais potente. O barco está parado em alto mar. Desenvolver uma escuta sensível, construir uma pergunta na qual ela esteja imbricada é mais motivador. Que questão mudará a direção do percurso?

“De que serve a terra à vista se o barco está parado”

“De que serve ter a chave se a porta está aberta”¹⁰⁰

Paralelamente ao mestrado, curso a especialização em Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação, em que desenvolvo uma pesquisa. Os alunos têm trazido alguns problemas de escrita e posicionamentos sobre o modo de fazer essa prática. No que se refere à produção de pensamento, eles criticam o ensino com enfoque na transmissão e reprodução de conteúdos previamente instituídos, que exercitam somente a memória retentiva, com a função principal de armazenamento de dados, como Pereira alerta:

A memória retentiva é a responsável pelo armazenamento de informações apreendidas nas infinitas situações de aprendizagem que vivemos, formal ou informalmente. Do ponto de vista da aprendizagem formal, é esta a memória ativada pelo estudante quando tem diante de si uma equação e precisa lembrar-se das fórmulas adequadas e da sequência correta para a sua solução,

¹⁰⁰ Trecho da música *Quem Me Leva os Meus Fantasmas* de Pedro Abrunhos, interpretada por Maria Bethânia.

ou pelo profissional, quando tem uma determinada tarefa a executar e precisa executá-la com precisão.¹⁰¹

Repetir somente o saber instituído pela academia nos trabalhos científicos e nas provas, para aqueles alunos, é barrar a criação. É imobilizar a “memória projetiva”, que, como Pereira ensina, é aquela que tem a função de ampliar progressivamente as potências do ser. Levar à criação. “Pensar” nas palavras de Deleuze e Guattari. Trata-se de um novo movimento existencial, ou seja, uma mudança que ocorre após o rompimento com as relações contínuas, contribuindo com constante devir, que vai transformando o ser a cada momento.

Tanto nessa investigação quanto nas discussões que fervilham no grupo de pesquisa *Experimenta* do IFSul, continuo problematizando uma escrita que produza condição de possibilidade de uma outra escrita e constato a necessidade de fisgar outros pontos de interesse que imploram por uma atenção. Investigar uma escrita como constituição de si, através do “cuidado de si”, está perdendo a força. Desejo desviar por alguns instantes do “eu”.

Essa mesma dificuldade de expressar através da escrita o que se pensa também tem sido queixa de alguns colegas do curso de mestrado. O desnorteador para muitos é reconhecer que estão naufragados no pensamento representacional. Ainda que utilizem nos seus textos palavras que recorrem ao pensamento rizomático, usá-las não é o suficiente, como alguns declaram. Existe algum movimento nesse percurso que faz eclodir esse novo pensamento, tão desejado por muitos e produzido por poucos. Um movimento que ainda desconheço que, talvez, não tenha uma receita para alcançá-lo. Como descobrir o ponto de grude, deslizamento e fluência nos fluxos? Viver a experimentação na escrita, encontrar o seu próprio patoá, eis alguns desafios.

Ao ouvir a fala dos colegas no grupo de pesquisa *Experimenta*, sou afetada. Estalo e mais estalos, como aquele produzido pelo fogão retratado no conto *Amor* da obra *Laços de Família* de Clarice Lispector. Na hora, lembrava-me de Ana, uma personagem desse conto. Ana era uma dona de casa, mantinha

¹⁰¹ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013, p.70.

tudo, em seu lar, na devida ordem. Gostava de sentar e ficar admirando os objetos de sua casa em plena organização. Ela vivia para a família. Talvez, o estilo de vida que levava não permitisse viver outras aventuras. Seu olhar acerca do mundo foi impactado quando encontrara um cego no bonde mascando uma goma. Quem sabe, o que lhe arrebatara era o fato daquele homem que não enxergava ser capaz de ver e sentir os pequenos prazeres da vida. Ainda que fosse cego, era livre para experimentar. Talvez, escolhesse a vida que gostaria de ter. Já Ana, pode ser que vivesse uma vida imposta. A vida de todo mundo, como diz Deleuze. As falas dos colegas, que arrombaram os meus ouvidos, eram a correnteza, o fluxo que estava aguardando. Conforme ouvia o que dilacerava a cada um dos presentes, mais eu escorregava nessa viela de intensidades.

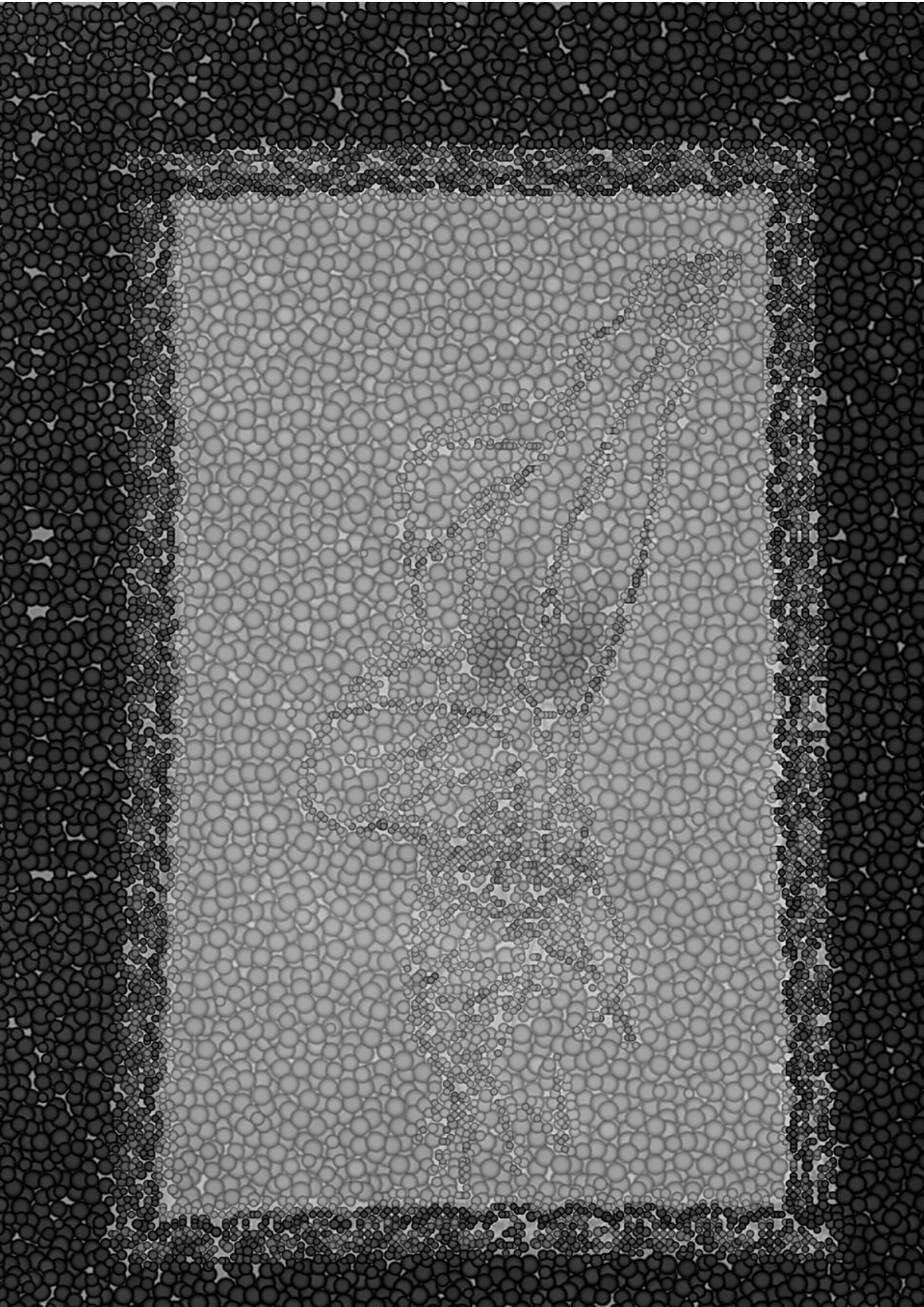
Uma colega, que se considera uma professora muito rígida, no momento da partilha das experiências, relatou as transformações que sofrera nos dois anos de pesquisa. Normalmente, no seu discurso, tencionava aspectos da escrita. Ela me emocionava. Sensibilizava a escuta. Reparava que, quando ela esboçava suas questões, demonstrava-se indignada com sua escrita por esta entregar significativos traços de si. Apontar evidências na escrita pode ser como colocar um espelho em frente ao corpo. Ela comentava que não enxergava os textos tristes, como seus professores relatavam. O que precisa ser eclodido no pensamento para se chegar ao “conhecimento de si”? Ainda que os outros nos apontem as saliências que nos habitam, voltar-se para elas talvez dependa estritamente de nós. Ao ouvir as questões dela, dei-me conta que aquele grupo de pesquisa poderia movimentar a investigação novamente. Estava diante de um emaranhado de fios. Tratava-se de um coletivo. *ESCUtava* alguns estalos, parecido com aqueles do fogão da personagem Ana. Talvez, um estalar de pensamentos, de indagações. O problema de pesquisa sofrera um abalo. Encontrara um lugar. As cartas! Lembrei na hora.¹⁰² A questão era outra: **como algumas professoras, pertencentes ao Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade:**

¹⁰² Escrita de si produzida em 2016, após a qualificação do projeto de pesquisa. Os nexos coesivos estavam enraizados no texto. Nesta escrita, ainda não conseguia apagá-los.

***experimentações com arte e filosofia (Experimenta)* do curso de mestrado do IFSul Pelotas, experimentadoras das Filosofias da diferença, compõem uma escrita para problematizar um processo de formação? Como experimentar uma escrita para exercitar o “cuidado de si” com intuito de dar corpo e língua a uma experiência formativa?**

O problema de pesquisa passou por uma transformação, alterando os movimentos na cartografia. Com essa viável intervenção, o propósito era conhecer outra escrita em formação. Voltar-se para ela. Fazer um caminho em zigue-zague. Na obra *Abecedário*, no capítulo *Z de ZigueZague*, Gilles Deleuze trata a respeito dos itinerários que esse movimento propõe. Contagiado pela Física, pelas teorias Zen, ele diz que o Zigue-Zague, um movimento realizado pela mosca, produz uma “diferença de potencial” no percurso. Ao tentar compor um caminho em Zigue-Zague nesta pesquisa, desejo tentar relacionar algumas singularidades díspares dos pensamentos, afirmando uma distância positiva dos diferentes. Trata-se de uma composição de percurso que pode ser construir por meio de conexões através de um escrever que *nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir*¹⁰³. O que poderia surgir com as trocas de cartas? Uma escuta sensível capaz de cartografar os fluxos das escritas, as saliências e diferenças de uma formação que reverberam em sala de aula? Através de qual “prática de si” isso se realizaria?

¹⁰³ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p.19.



3. *O cuidado de si e as dobras de uma escrita*

Escrever já apresentava o primeiro indício de mudança. Afirmar? Uma prática não era. O verbo “indagar” com suas diferentes roupagens começou a colocar em suspensão algumas realidades que passaram por fissuras e até dissipações. Os movimentos de dizer, redizer e estancar algumas verdades permitiram a experimentação de uma formação em processo de inquietação e desequilíbrio, vivida dentro da escola, fora dela e nas linhas das experiências que perpassam o percurso entre o fora e o dentro.

Quando se aceitou o desafio de vivenciar uma outra escrita, foi com a intenção de aprender um *novo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro*¹⁰⁴. Escreveu-se com intuito de tentar dismantelar algumas verdades, de modo a colocá-las numa berlinda, em suspensão. Insuportável e desconcertante escrever se tornou por vários instantes ao longo da caminhada investigativa. Mesmo sem alcançar um estado de excelência, exercitar o “cuidado de si”¹⁰⁵ (*Epimélia heautoû*) foi uma escolha, uma ética exercida com o “si”, *com os outros, para com o mundo*¹⁰⁶.

Desejava estar atenta aos processos de subjetivação, para tanto deixava fluir as forças do mapa com intuito de experimentar um olhar para um “si”. Havia necessidade de uma teoria para nutrir o texto e, principalmente, a experimentação de um “eu”. Acesamente, provava de um método de pesquisa que abria passagens para vários percursos, mas não para quaisquer. No início, fiquei perdida sem saber que rumo tomar. No desenrolar de cada leitura, era como se um fio se enroscasse em minhas mãos e, por algum tempo, incitasse-me a ir para um lugar, por qual, posteriormente, colocava-me a caminhar.

¹⁰⁴ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.11.

¹⁰⁵ Michel Foucault, em seus estudos, pensou acerca do “cuidado de si”, uma “prática de si” que buscava fazer o sujeito ocupar-se consigo mesmo. FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.11.

A primeira viela que entro me leva ao conceito *Epimélia heautoû*, o “cuidado de si”. Afinal, o que aprendera acerca da antiga prática? Nos pergaminhos, nas fichas de leitura, nos esquemas facilitadores ao entendimento sobre a Filosofia, constava o nome do filósofo francês Michel Foucault e o que dissera sobre essa prática milenar. De acordo com ele, o “cuidado de si” além de ser uma atitude, é uma forma de atenção, que *implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa, ao que se passa no pensamento*¹⁰⁷ e em um corpo. Um tema tão antigo da cultura grega.

Nos exercícios de atenção com o próprio “eu”, aberto à dobra do pensamento, a captura de alguns anseios, aquela capaz de transformar uma existência, pode realizar-se. Neste trabalho, persistiu o desejo de tentar resistir ao comando de alguns “eus”, de diminuir o peso do discurso, de pensar sobre as palavras usadas por esses “eus” individuais e coletivos. Sentir como se *age e reage com as interferências que vem do meio, do outro, dos outros*¹⁰⁸.

O “cuidado de si” compõe-se no exercício constante e está vinculado a *ações que são exercidas de si para consigo pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos*¹⁰⁹. A sua prática requer um “ocupar-se consigo mesmo”, cuidar de si e defrontar-se com as suas questões. É um ato que implica uma atenção voltada para si, *denominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do “cuidado de si” que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática*¹¹⁰.

Trata-se de um cuidado que cultiva laços com as diferenças e as incertezas, que convida o sujeito para visitar o “si” com atenção, para percorrer um caminho no qual não se sabe aonde desemboca a porta de saída. O resultado dessa aventura? Um interessante labirinto de pensamentos e de palavras. Para quem é indicado? Para aquele

¹⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.12.

¹⁰⁸ PEREIRA, Marcos V. *O desafio da tolerância na cidade contemporânea*. In: PORTO, Tânia Maria E. (org) *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003, p.11.

¹⁰⁹ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.12.

¹¹⁰ Id., 1985, p.49.

indivíduo disposto a se perder no seu arcabouço de verdades. Ao ponto de ser contrariado por aquilo que não sabe, sobre um escrever e um educar. Nem sempre as coisas ocorrem da forma que se espera ou conforme a ordem pré-estabelecida, pode haver desvios, novas aberturas, outras formas de pensar.

Mandei a palavra rimar,
 ela não me obedeceu.
 Falou em mar, em céu, em rosa,
 em grego, em silêncio, em prosa.
 Parecia fora de si,
 a sílaba silenciosa.
 Mandei a frase sonhar,
 e ela se foi num labirinto.

(...)

Desencontrários, poema de Paulo Leminski.¹¹¹

No decorrer da pesquisa, buscou-se explorar a potência de um corpo em processo para romper com a inércia e partir para uma experimentação de outros modos de ser educadora. Conhecer outras estruturas e o seu poder. Gilles Deleuze, no capítulo “O que pode um corpo?”, da obra *Espinoso e o problema da expressão*, diz que *a estrutura de um corpo é a composição de sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado*¹¹². O que me afetou e afeta? Nesse processo, a leitura, a escrita, o contato com outros pensamentos e realidades de outros “eus” assolaram-me constantemente. Foram afecções, denominadas como encontros de forças que podem gerar novas realidades, como elucidam as palavras do professor Marcos Pereira:

(...) quando leio um livro, assisto a uma palestra, participo de uma manifestação política ou exponho-me ao Sol, afeto e sou afetado por isso.

¹¹¹ LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*/Paulo Leminski. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.190.

¹¹² DELEUZE, Gilles. *Espinoso e o problema da expressão*. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinoso-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>> Acesso em: 16 abr. 2017. p.147.

Essas afecções produzem, no plano de consistência, novos movimentos. As afecções são encontros de forças que geram novos desenhos nos mapas virtuais (isto é, produzem novas marcas, reacendem marcas dormidas, geram novas figuras).¹¹³

O diário de ensaios, ora caderno, ora uma folha qualquer, ora a própria epiderme, acolheu qualquer tipo de palavra, a dura, a libertadora, a transformadora, a curadora e entre outras. Até mesmo aquelas com matizes de sombras, consideradas atravessadoras. Algumas, ao longo da pesquisa, sustentadas, transformadas, invalidadas e, até, apagadas.

Essa experiência que requer um pensar sobre si, um escrever sobre si, que nada tem a ver com escrever sobre as próprias memórias, de maneira egocêntrica e psicanalítica, mas sim sobre e com as forças que atravessam o viver...¹¹⁴

Alguns caminhos: feitos, desfeitos e refeitos. Alinhavados. Nessa breve costura, com amarras não tão firmes, teve-se a cautela para tecer uma escrita que pegasse *as coisas para extrair delas as visibilidades*¹¹⁵, para mudar as ações rotineiras, aquelas que tiram a potência da vida. Colocou-se como prioridade a construção de um percurso que perpassasse por vias mais experimentais, a fim de que vertesse a vontade de espreitar, buscar uma produção de sentidos sobre o processo de formação ao ponto de compor outros arranjos existenciais: o nascimento de uma terceira pessoa que destituísse o poder de dizer Eu. *Chegar ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus*, como Deleuze e Guattari direcionam a pensar.¹¹⁶

Vivem em nós inúmeros;

Se penso ou sinto, ignoro

Que é que pensa ou sente.

Sou somente o lugar

Onde se sente ou pensa.

¹¹³ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013, p.28.

¹¹⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed., 2007, p.110.

¹¹⁵ DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p.124.

¹¹⁶ Id., 2007, p.17.

Tenho mais almas que uma
Há mais eu do que eu mesmo...

Poema Odes¹¹⁷

No tecer de cada pensamento, transparecia a vontade de conhecer os modos de subjetivação por intermédio das palavras, da leitura, da meditação, do pensamento e da arte. Também a de desfrutar os vários “eus”, de escrever na companhia de corpos, capazes de aglutinar forças para enfrentar um combate. Escrever coletivamente. Voltar os sentidos para alguns elementos da escrita de outrem, as marcas descritas por Suely Rolnik de forma peculiar. Para a educadora, quem escreve não é o escritor, mas sim suas marcas, que atualizam o texto e ampliam a capacidade de escuta desse sujeito. *Quanto mais denso um texto, ou seja quanto mais movido pelas marcas, mais preenhe de ovos de linhas de tempo, mais eterna sua atualidade, maior seu brilho*¹¹⁸. Se nele houver marcas-feridas, *a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nessas marcas, anular o seu veneno*¹¹⁹.

Questionava-me: Como as palavras podem transformar um corpo de professoras em formação? Como podem desmanchar as calcificações, possivelmente, resquícios de experiências que diminuem a potência de uma vida, que talvez um corpo possua? Como transformá-las em pensamentos? Em incertezas e perguntas? Como tirá-las do espaço que as limita a terem formas duras, velhas e repetidas. Como dizê-las de um jeito novo para desviar do que já é conhecido. Como torná-las fluidas para que elas possam expressar o que está esquecido nas tramas dos avessos?¹²⁰

¹¹⁷ Poema *Odes* (13/11/1935), Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa) FILHO, José Paulo C. Fernando Pessoa: uma quase autobiografia. Rio de Janeiro: Record, 2011.

¹¹⁸ ROLNIK, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir* - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico In: Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica. PUC/SP, set./fev. 1993, p.9.

¹¹⁹ Ibid., p.10.

¹²⁰ Escrita de si produzida pela autora em 2015.

RECEITA PARA ARRANCAR POEMAS PRESOS¹²¹

A maioria das doenças que as pessoas têm
 São poemas presos.
 Abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras
 calcificadas,
 Poemas sem vazão.
 Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado.
 Prisão de ventre poderia um dia ter sido poema.
 Mas não.
 Pessoas às vezes adoecem da razão
 De gostar de palavra presa.
 Palavra boa é palavra líquida
 Escorrendo em estado de lágrima
 Lágrima é dor derretida.
 Dor endurecida é tumor.
 Lágrima é alegria derretida.
 Alegria endurecida é tumor.
 Lágrima é raiva derretida.
 Raiva endurecida é tumor.
 Lágrima é pessoa derretida.
 Pessoa endurecida é tumor.
 Tempo endurecido é tumor.
 Tempo derretido é poema
 Você pode arrancar poemas com pinças,
 Buchas vegetais, óleos medicinais.
 Com as pontas dos dedos, com as unhas.
 Você pode arrancar poemas com banhos

¹²¹ A autora do texto poético *Receitas para arrancar poemas preso* é Viviane Mosé, psicóloga e psicanalista, especialista em elaboração de políticas públicas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre e doutora em filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://julianamendessvete.wordpress.com/2008/09/04/poemas-viviane-mose/> > Acesso em: 13 dez. 2015. Recitação do poema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U5IbJB4GEt0> > Acesso em: 13 dez. 2015.

De imersão, com o pente, com uma agulha.
Com pomada basilicão.
Alicate de cutículas.
Com massagens e hidratação.
Mas não use bisturi quase nunca.
Em caso de poemas difíceis use a dança.
A dança é uma forma de amolecer os poemas,
Endurecidos do corpo.
Uma forma de soltá-los,
Das dobras dos dedos dos pés, das vértebras.
Dos punhos, das axilas, do quadril.
São os poema cóccix, os poema virilha.
Os poema olho, os poema peito.
Os poema sexo, os poema cílio.
Atualmente ando gostando de pensamento chão.
Pensamento chão é poema que nasce do pé.
É poema de pé no chão.
Poema de pé no chão é poema de gente normal,
Gente simples (...)

Para compor uma escrita portadora de marcas, durante o processo, a problematização do evidente passou a ser uma necessidade. Experimentar o legível se fazia para abrir espaços entre o saber e o pensar em prol da atualização dos sentidos, o “dar a ler”. Jorge Larrosa diz que esse ato é praticado por um sujeito passional dependente de sua ignorância, sua impotência, seu abandono para ler o que, ainda, não sabe acerca da própria subjetividade¹²². Trata-se de uma ação que roga por suspensão da vontade de poder, de domínio, de intenção sobre si, um processo de desestabilização e de “desapropriação de si¹²³”.

¹²² LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

¹²³ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013.

Desapropriar-se de si, de um pensamento e de uma escrita exige coragem, coloca o corpo em situação de perigo, de medo e insegurança. Pensar, nas palavras de Foucault, *é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as visibilidades, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados*¹²⁴. Consiste em um processo doloroso, principalmente, quando se percebe que a reprodução é maior do que o ato de pensar.

A pergunta recorrente era se realmente um corpo de professoras conseguiria pensar dessa forma, entender as amarras do próprio corpo e de uma escrita. Marcos Villela Pereira ressalta que ser professor é como produzir no sujeito uma marca constituidora do campo da existencialização. Isso traduz que ser professor *não é vocação, não é identidade, não é destino. É produto de si*.¹²⁵ Esse pensamento confere ao professor uma autonomia, ele passa a ser alguém que se produz a partir das próprias escolhas diante da vida, ainda que não tenha consciência delas. Sendo assim, a grande missão torna-se o cuidar do “eu”, *uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose*¹²⁶, que implica em diversas ações, de acordo com Foucault, denominadas como fórmulas dos princípios do “cuidado de si”:

“ter cuidados consigo”, retirar-se em si mesmo”, “recolher-se em si”, “sentir prazer em si mesmo”, “buscar deleite somente em si”, “permanecer em companhia de si mesmo”, “ser amigo de si mesmo”, “estar em si como uma fortaleza”, “cuidar-se” ou “prestar culto a si mesmo”, “respeitar-se”, etc¹²⁷.

O “ocupar-se consigo mesmo”, exercitado tanto por Sócrates quanto por Gregório de Nissa, *tem sempre um sentido positivo, jamais negativo*¹²⁸. Isto é, embora a sua prática converta o sujeito a si, não se trata de uma atividade egocêntrica. É possível, com a prática do “cuidado de si”, que o indivíduo consiga transformar-se e afetar quem lhe cerca. É uma prática social que pode servir de instrumento para colocar o corpo em posição de alerta na busca das intensidades presentes em um território, como Foucault afirma:

¹²⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed., 2007, p.123.

¹²⁵ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013, p.18.

¹²⁶ LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.39

¹²⁷ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.12.

¹²⁸ Ibid., p.14.

(...) o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver, desenvolveu-se em procedimentos, práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constitui assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim um certo de conhecimento e a elaboração de um saber.¹²⁹

Na obra *A hermenêutica do sujeito*, Foucault apresenta o processo de transformação do conceito o “cuidado de si” em três momentos da história Greco-romana: o período socrático-romano (século V a. C.), em que os estudos desse conceito eram realizados a partir do diálogo entre Sócrates e Alcebiades, personagem do texto de Platão; o período helenístico-romano (séculos I e II d. C.), considerado o momento da “idade de ouro”, em que os estudos eram direcionados à cultura helenística e romana e, por fim, o período cristão (séculos IV e V d. C.), fase em que o “cuidado de si” era especulado e experimentado a partir dos textos cristãos.

Michel Foucault traduziu em seus estudos uma noção grega, consideravelmente rica e complexa, acerca do “cuidado de si”, uma prática que os indivíduos adotavam por um período ou por toda a vida. Ele era praticado para promover um desenvolvimento de uma relação consigo e com os outros indivíduos. Esse exercício de cuidado com a vida desenvolvia-se por meio de uma aplicação precisa e particular pela qual era estabelecida a seguinte regra geral: *é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo*¹³⁰. A partir dessas práticas de si, o indivíduo buscava *o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si*¹³¹. Eis o conceito formulado por Foucault para definir a “ética”. Na elaboração do trabalho ético, há diferenças na prática do “cuidado de si” *para tentar se transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta*¹³². O trabalho ético nada tem a ver com o seguimento de regras e valores prescritos, a prática de uma moral.

¹²⁹ FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.50.

¹³⁰ Id., 2010, p.6.

¹³¹ Ibid., p.38.

¹³² Ibid., p.35.

A importância da noção do “cuidado de si” foi, amplamente, disseminada através do personagem Sócrates dos textos de Platão. Sócrates era reconhecido como o homem do “cuidado de si”. Tinha o hábito de orientar os jovens na rua, dizendo-lhes: *é preciso que cuides de vós mesmos*¹³³. Estimular os concidadãos a terem essa polidez com a existência trazia benefícios para a cidade, pois ao ocuparem-se consigo, conseqüentemente, ocupar-se-iam com a própria cidade. Essa prática, a princípio individual, aos poucos, ia delineando um comportamento singular que acabava afetando a vida coletiva. Ainda que ela fosse disseminada por interesses políticos, trazia benefícios para quem a praticasse. Atrelado a esse conceito do “cuidado de si”, surge, na filosofia, em torno desse personagem, o “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*), a fórmula fundadora que permeou a relação entre sujeito e verdade durante uma fase da história da sociedade romana.

Num determinado período, o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) estabeleceu uma relação de subordinação com o conceito *epiméleia heautoû* (“cuidado de si”), visto que o sujeito para se conhecer, isto é, acessar uma determinada verdade sobre si, precisava realizar o “cuidado de si” como prática na vida. Uma atividade que se convergia em uma “atitude” do sujeito consigo, com o outro e com o mundo. Para aquele que se propusesse viver essa experiência de tentar criar o próprio modo de vida, deveria preocupar-se em compor *um singular modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro*¹³⁴.

Alcebíades pertencia a uma das famílias mais ricas da cidade de Atenas. Era um homem belo, arrogante e tinha orgulho de sua beleza. Quando chegou a um período caótico de sua vida, encontrou-se sozinho. E embora possuísse riqueza, quando precisou governar a cidade, não portava qualidades melhores que as de seus rivais, homens de Esparta e Persa. Ele não tinha nem sequer conhecimento das habilidades que poderiam lhe diferenciar. Ignorava a própria ignorância: a de não saber se governar. Faltava-lhe a prática do “cuidado de si” para conhecer o que é que ignorava, esse é o primeiro ponto do modelo platônico. Sócrates dizia a Alcebíades: *deve, primeiro, ocupar-se de si próprio – e logo, enquanto é ainda jovem, pois com “cinquenta anos será demasiado*

¹³³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.9.

¹³⁴ *Ibid.*, p.11.

tarde”¹³⁵. Esse cuidado não se convertia a uma atenção com as riquezas, com a honra, mas sim com eles próprios e sua própria alma. Segundo Foucault, *a ignorância e a descoberta da ignorância é que suscitam o imperativo do “cuidado de si”*¹³⁶. A partir do momento que esse é aplicado, o segundo ponto do modelo platônico se desvela: o “conhecimento de si”. Ou seja, ao cuidar-se, o sujeito conhece a si ou acessa uma verdade. O terceiro ponto refere-se à relação entre os dois primeiros que leva à reminiscência: ao lembrar-se do que viu, *a alma descobre o que ela é*¹³⁷. O indivíduo toma consciência do que vem sendo.

Sócrates exerceu o papel de educador ao instruir Alcebíades. Sua missão ia além da instrução. Buscava despertar no povo, principalmente nos jovens, o desejo de exercitar o “cuidado de si”, uma prática que poderia levá-los a compor um processo de transformação. Sócrates, ao dialogar com o seu aluno, fazia-lhe provocações com intuito de instigá-lo a buscar o que ignorava: o “não saber”, algo pouco intensificado em sala de aula por vezes. A ideia era de que ele adquirisse domínio sobre si e preparo para governar Atenas. Por isso, nesse período histórico, o “cuidado de si” tinha uma finalidade social e política.

Embora a atenção para consigo fosse exercida no modelo platônico com base nos interesses políticos, a maneira como os jovens eram levados a pensarem em si pode ajudar na investigação de alguns aspectos da educação na contemporaneidade. Alcebíades desvelava o saber e passava por um processo de transformação por exercitar uma “escuta sensível” e por tentar experimentar alguns pensamentos trazidos por seu mestre, descobertos e criados por si mesmo. Abria-se um espaço para uma “escuta”, uma relação mais sensível e uma construção de vida mais singular, em que o sujeito tinha a oportunidade de ser o autor de sua própria história, contudo sem desconsiderar o saber que estava fora de si: o outro e o mundo. O “cuidado de si” *é um privilégio-dever, um dom-obrigação que assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação.*¹³⁸

¹³⁵ FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.50.

¹³⁶ Id., 2010, p.227.

¹³⁷ Ibid., p.228.

¹³⁸ Id., 1985, p.53.

O “cuidado de si”, denominado também como *uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência*¹³⁹, conforme afirma Foucault, *é o quadro, o solo, o fundamento a partir do qual se justifica o imperativo do “conhece a ti mesmo”*¹⁴⁰. Trata-se de um princípio válido para todos, pode ser praticado por uma vida inteira como forma de conhecimento e de formação:

Mas que os filósofos recomendem cuidar-se de si não quer dizer que esse zelo esteja reservado para aqueles que escolhem uma vida semelhante à deles; ou que uma tal atitude só seja indispensável durante o tempo que se passe junto a eles. É um princípio válido para todos, todo tempo e durante toda a vida. Apuleu observa isso: pode-se, sem vergonha nem desonra, ignorar as regras que permitem pintar e tocar cítara, mas saber “aperfeiçoar a própria alma com a ajuda da razão” é uma regra “igualmente necessária para todos os homens”.¹⁴¹

Por isso, colocar-se em fluxo com a vida, ter atenção com os atravessamentos ao ponto de extrair deles as visibilidades, através de uma escrita e da leitura, é um modo de exercitar esse conceito foucaultiano. Nunca é tarde para exercitar-se a si: *Aquele que diz que o tempo de filosofar não chegou ou que já passou é semelhante àquele que diz que o tempo da felicidade ainda não chegou ou que não mais chegará*¹⁴². Quem deve filosofar? *O jovem e o velho, este para que, ao envelhecer, seja jovem em bens pela gratidão ao que foi, e o outro para que, jovem, seja ao mesmo tempo ancião pela ausência do temor pelo futuro*¹⁴³. Ainda que velho e praticado em um passado distante, o “cuidado de si” é capaz de ressignificar o presente, uma prática que requer um exercício para toda a vida.

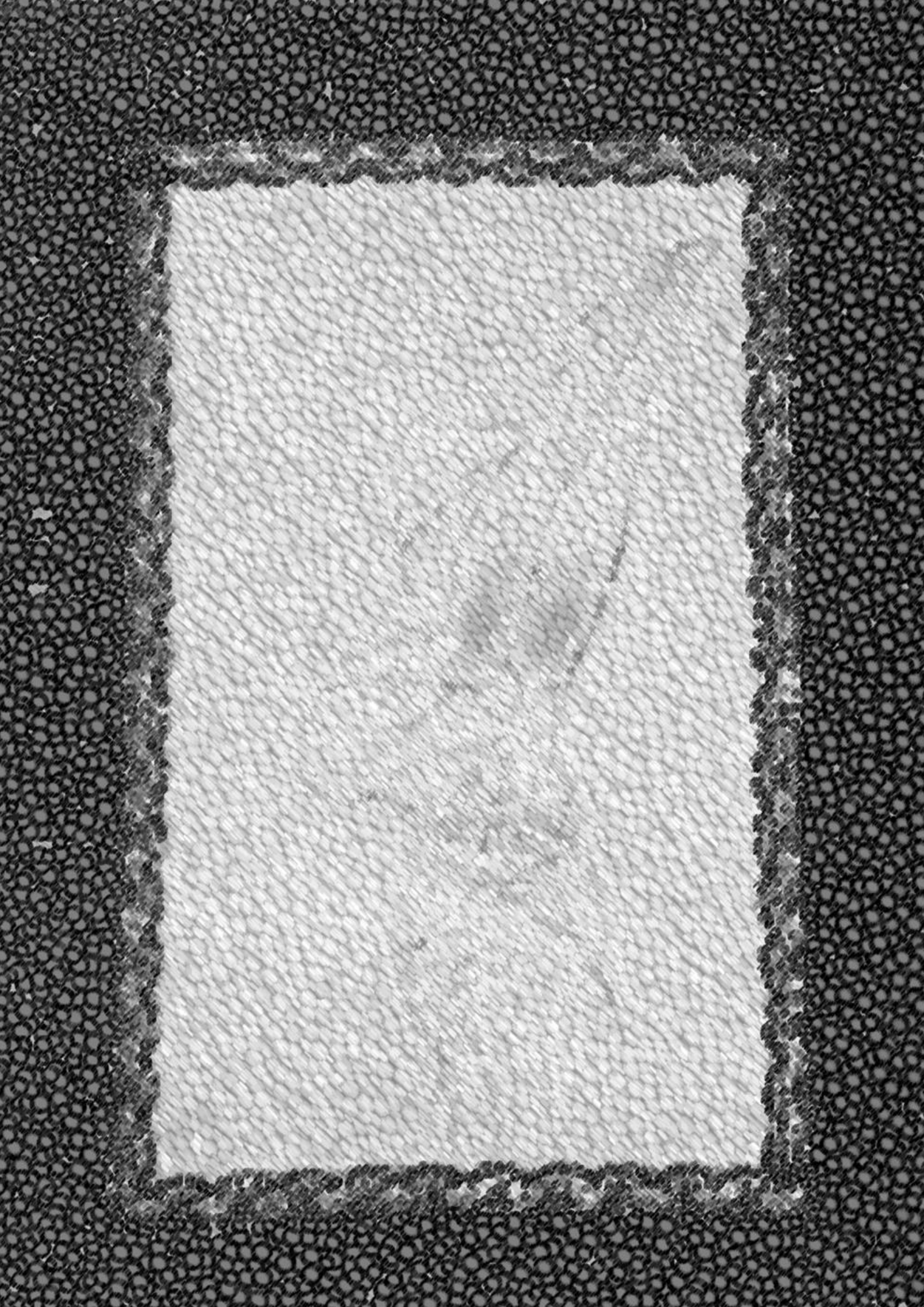
¹³⁹ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.9.

¹⁴⁰ Ibid., p.9.

¹⁴¹ Id., 1985, p.53.

¹⁴² Ibid., p.54.

¹⁴³ Ibid., p.54.



4. *Escritas de si: uma formação sinuosa*

A “escrita de si”, desde tempos remotos¹⁴⁴, de acordo com Michel Foucault, era praticada para registrar os acontecimentos diários da vida das pessoas e corporalizar o passado, os pensamentos, as sensações e as experiências. Um artefato que podia gerar um movimento de inquietação no sujeito que se dispusesse a sentir as intensidades provindas das ações cotidianas, dos sentimentos ocultos, das dores da alma e dos discursos proferidos. Tinha o poder de promover um fugaz diálogo entre o sujeito e o “si” ou, até, um exercício de autorreflexão que poderia mudá-lo substancialmente.

Vêm à tona algumas lembranças. Mantive uma relação íntima com a escrita na infância e na adolescência. Busco entender: por que a hesitei depois de certa idade? O que me levava a descartar os diários em que vivências e experiências repousavam? Teria o corpo se enredado na dinâmica da vida corrida? Ou, quem sabe, passei a considerar o ato de escrever sobre o cotidiano como uma ação supérflua? O que essa recusa desencadeou no momento atual da existência? Recordo-me que era uma menina silenciosa. Apesar de pouca idade, tinha uma visão aberta acerca da vida e olhava para questões inquietantes e polêmicas com amadurecimento. Escutava os outros atentamente e julgava pouco. Hoje, época em que os acontecimentos se esvaem por serem, quase sempre, voláteis e inúmeros, em que o estabelecimento de opiniões e juízo de valor ocorre rotineiramente, poderia essa menina que se tornou educadora, juntamente com um corpo de professoras, tecer uma escrita como “constituição de si”? Para pensar um “eu”, seus contornos e movimentos, uma vida mais singular, uma pesquisa, um escrever? Esse processo pede um distanciamento da escrita homogênea. Convida à criação de deslocamentos na linguagem que desviem da escrita dogmática para compor nem que sejam alguns fluxos de um escrever

¹⁴⁴ Michel Foucault, em sua pesquisa, investigou o “cuidado de si” cultivado entre os gregos, helênicos e romanos evidenciando as transformações ocorridas desde o século V a.c. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

sinuoso que percorra diferentes formas no decorrer de seu emaranhamento¹⁴⁵.

Esses questionamentos apesar de ruminarem o passado, proporcionavam aberturas para o presente. A qualquer momento uma paisagem poderia tornar intenso o itinerário que conduzia a “si mesmo”. No processo de recolhimento, algumas questões se materializaram: como escrever contagiada por um “devir-animal”? De que modo escrever *como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca*¹⁴⁶? Ao ponto que a escrita esboçasse um modo de vida? Como criá-la? De modo a tornar o *escrever um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se*¹⁴⁷. Como escrever em “devir”, conceito Deleuziano, a fim de escapar do seu uso como escudo e bandeira? Como fazê-lo presença sem dizê-lo recorrentemente? As perguntas provocavam uma espécie de atualização, de marcação no mapa em constituição.

O ato de ler e escrever tem me colocado no mundo mais atenta aos acontecimentos da formação, estou “à espreita”, como diz Deleuze. Com esmero, exercito uma escuta sensível, pois *uma pessoa que não é capaz de se pôr à escuta cancelou seu potencial de formação e de transformação*¹⁴⁸. Durante as práticas com a “escrita de si”, busco sentir sua matéria, seus ruídos e reverberações em diferentes espaços: aqui, ali, lá, acolá. Um diálogo não só com um “eu”, mas com distintos “eus” com os quais me relaciono: eu e outras professoras. Esta investigação se desenha nos movimentos de algumas experimentações a respeito de “uma formação”, *que implica, necessariamente, na capacidade de escutar (ou de ler) o que as coisas têm*¹⁴⁹ a dizer.¹⁵⁰

¹⁴⁵ Escrita de si produzida no ano de 2015.

¹⁴⁶ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.28.

¹⁴⁷ Id., 1997, p.11.

¹⁴⁸ COSTA, Maria Varraber (Org). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007, p.133.

¹⁴⁹ Ibid., p.133.

¹⁵⁰ Escrita de si produzida no ano de 2016.

Michel Foucault, na sua obra *O que é um autor?*, apresenta algumas funções dadas à “escrita de si” na antiguidade greco-romana e sua percepção dos textos de *Epicteto*. Este, segundo Foucault, praticava uma espécie de meditação, um exercício do pensamento sobre si para se conectar com outras verdades e modificar os estados ontológicos. Nesse movimento de pensar, por meio da leitura, abria-se um espaço para assimilar o saber e se preparar para enfrentar o mundo real. Todo o processo de recolhimento buscava executar um trabalho no pensamento, na escrita e na realidade.¹⁵¹ Embora a “escrita de si” fosse considerada uma prática milenar, esquecida em um passado distante, seu exercício poderia abrir espaço para uma vida mais singular no presente. Para tanto, ela evoca ao sujeito que se ponha como um cão em vigia, “à espreita”.

O termo estar “à espreita”, usado por Deleuze, refere-se ao comportamento atento dos animais às sensações balizadoras para as suas vidas. Uma atenção potencializada nas “escritas de si” com a qual se pode chegar a um delineamento de um específico território. Deleuze faz uma crítica aos humanos que não têm o próprio mundo, que *vivem a vida de todo mundo, ou seja, de qualquer um, de qualquer coisa*¹⁵². E não fazem uma demarcação de território desejada, escolhida. Para o filósofo, o *território é o domínio do ter, as propriedades do animal*¹⁵³. Então, *sair do território é se aventurar*¹⁵⁴, é se colocar em situação de vulnerabilidade, de perigo. Por vários momentos, a “escrita de si” foi responsável pela demolição e feitura de tocas.

Na sua obra intitulada “O Abecedário de Gilles Deleuze”, no capítulo “A de animal”, ao ser questionado, Deleuze expunha sua admiração por animais não domésticos, não familiares, não familiares. Dizia ser sensível às espécies não domadas. Em sua concepção, o ser humano deveria se propor a ter uma relação animal com os animais, ao invés de uma relação humana. Repudiava a modelação dos modos de vida e a passividade dos bichos diante do mundo, ações comuns na vida dos gatos e dos

¹⁵¹ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.

¹⁵² DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 de out. 2015, p.03 – p.04.

¹⁵³ Ibid., p.03 – p.04.

¹⁵⁴ Ibid., p.03 – p.04.

cachorros domesticados.¹⁵⁵ Por outro lado, era um grande apreciador de animais como as aranhas, os carrapatos e os piolhos, pois eles mantêm vínculos bem ativos com os seus predadores. Ainda que se aloquem em um pobre e reduzido território, possuem uma capacidade de demarcação. Com muito fascínio, o filósofo destacava as três coisas às quais o carrapato reage¹⁵⁶:

Por exemplo, falamos, há pouco, de animais como o carrapato. O carrapato responde ou reage a três coisas, três excitantes, um só ponto, em uma natureza imensa, três excitantes, um ponto, é só. Ele tende para a extremidade de um galho de árvore, atraído pela luz, ele pode passar anos, no alto desse galho, sem comer, sem nada, completamente amorfo, ele espera que um ruminante, um herbívoro, um bicho passe sob o galho, e então ele se deixa cair, aí é uma espécie de excitante olfativo. O carrapato sente o cheiro do bicho que passa sob o galho, este é o segundo excitante, luz, e depois odor, e então, quando ele cai nas costas do pobre bicho, ele procura a região com menos pêlos, um excitante tátil, e se mete sob a pele. Ao resto, se se pode dizer, ele não dá à mínima. Em uma natureza formigante, ele extrai, seleciona três coisas.¹⁵⁷

Trata-se de uma vida extraordinária que deixa marcas por onde passa e, principalmente, escolhida é. Ética. Uma escrita pode esgueirar e edificar territórios existenciais, ser um objeto de exercício pessoal com o qual é possível meditar (*meletan*) e treinar (*gymnazein*) a si mesmo. Epicteto dizia se caso a morte o arrebatasse, ele deveria estar com os pensamentos a todo o momento à disposição: *põe-nos por escrito, faz-lhes a leitura; que eles sejam o objeto das conversas contigo mesmo, com um outro... se te suceder um daqueles episódios que chamamos indesejáveis, logo encontrarás alívio no pensamento de que não era inesperado*¹⁵⁸.

Tento permanecer *no limite que separa o pensamento do não pensamento*¹⁵⁹ para percorrer novos fluxos de linguagem e de saberes. Releio, cinco meses depois da criação, a “escrita de si” intitulada “O que pode um corpo?”. Escuto a sonoridade das palavras vivendo como um sujeito disposto a *ouvir*

¹⁵⁵ DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 de out. 2015, p.02-p.03.

¹⁵⁶ Ibid., p.04.

¹⁵⁷ Ibid., p.04.

¹⁵⁸ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992, p.134.

¹⁵⁹ DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 de out. 2015, p.03 – p.07.

*o que não sabe, o que não quer, o que não precisa*¹⁶⁰. A atenção repousa neste trecho do texto: “Desejo dançar com algumas estonteantes palavras, as capazes de desestabilizar um corpo e arrancar as suas peles. Esse movimento aponta para um caminho: uma descamação cuidadosa. Escolhida. Trata-se de uma ética consigo e com um mundo. Advinda de alguém que caminha para encontrar as pontas das robustas peles, sobrepostas umas às outras, escondidas umas nas outras e das outras, reproduzidas no coito com o tempo acelerado e com o automatismo das ações, que progressivamente asfixiam um corpo”. Quais peles poderiam ser dispensadas para transformar os modos de ser educadora? Ao longo desse exercício de reviramento da formação em prol de “uma formação”, começo a percorrer o texto com intenção de encontrar algo arrebatador. Seria capaz de me tornar um ser *disposto a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura*¹⁶¹. *Alguém capaz de se deixar transformar-se numa direção desconhecida*¹⁶²? Para qual rumo, a retirada das peles levaria um corpo de professoras? Ele aguentaria o que viria? O trecho da primeira escrita ensaísta traz à tona um fato do passado, a maneira rígida com a qual lidava com os planos de aula, quando atuei em uma determinada escola. Na época, acreditava que um professor, para realizar o seu trabalho com eficiência, deveria cumprir aquilo que fora previamente traçado. Isso, para mim, era um critério estabelecido a um bom professor. Não costumava acolher, nessa escola, aquilo que surgisse ao longo do caminho. Romper com a ordem do sistema era impensável, mesmo que num exíguo momento.¹⁶³

Jorge Larrosa diz que a “formação como leitura” não mantém vínculos com a apropriação. Ela está atrelada a uma escuta materializada via uma *relação*

¹⁶⁰ COSTA, Maria Varraber (Org). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007, p.134.

¹⁶¹ Ibid., p.134.

¹⁶² Ibid., p.134.

¹⁶³ Escrita do diário de ensaios produzida no ano de 2016.

*hermenêutica, como uma relação de produção de sentido*¹⁶⁴. Para abrir-se à transformação, há que se renunciar à posição de um *leitor arrogante que se empenha em permanecer erguido frente ao que lê*¹⁶⁵. A descamação das peles abriu uma espécie de fissura no pensamento, modificando a maneira de se relacionar com o outro. De modo que o outro permanecesse *outro e não como outro eu*¹⁶⁶, uma variante do próprio eu que se pronunciava.

Havia medo do inesperado, daquilo *que Foucault chamou de a atualidade*¹⁶⁷, posto que a composição do novo levaria a perda do controle da turma e do saber em domínio. Ou, ao contrário, emanaria potência ao corpo! Possivelmente, tivesse receio de assumir o estado de fragilidade e, até, de mediano preparo para lidar com os atravessamentos de uma vida docente. Na época, entendia que na pele de uma professora deveria estar pronta, preparada para enfrentar as intempéries do processo. Mas, descobri no percorrer da cartografia e do ambiente de mestrado: a fragilidade tem amplo lugar na vida de um(a) educador(a).

Olhando o tempo fora do lugar
Com lápis e papel.
Matando o tempo a fim de rabiscar,
Todo o azul do céu.
E a porta aberta traz
O vento do quintal
Soprando faz lembrar minha condição
Percebo que sou
Tão frágil,
Frágil como folhas de outono

¹⁶⁴ COSTA, Maria Varraber (Org). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007, p.133.

¹⁶⁵ Ibid., p.133.

¹⁶⁶ Ibid., p.133.

¹⁶⁷ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 6 ed, 2007, p.113.

(...)

Música Folhas de Outono¹⁶⁸

Atendia ao critério quantidade, propunha muitos exercícios para os alunos por respeitar a exigência da escola. A respeito do ensino da língua materna, considerava questões da linguagem vistas com menor prestígio social e realizava experimentações sobre a gramática tradicional. Estar no “entre” era um desafio. A ideia era compor um estudo da língua contextualizado à vida e ao modo de aprender dos “nativos digitais”, termo cunhado por Marc Prensky. Redes de informação: divertia-me com elas. Sentia-me uma “nativa digital”, apesar de pertencer ao grupo dos “imigrantes digitais”. Investia na prática de jogos, de criações, de resolução de problemas e enigmas. Entendia que os estudantes careciam de desafios e abertura para cultivarem laços com um saber. Contudo, quando construía as atividades, mantinha uma relação estreita com o livro didático. Seu uso era exigido. Os professores eram lembrados quando lacunas, nele, eram esquecidas. Poder. Espaços que, possivelmente, indicassem quebras de paradigmas, fugas e deslizos. Havia escapatórias? Sim. Produzir uma aula mais criativa com o uso dos objetos virtuais de aprendizagem (vídeos, trechos de filmes, músicas, jogos). Com muita cautela, tentava ousar e sair da mera reprodução de pensamento. O preenchimento das lacunas? Por vezes, um trabalho para ser feito em casa. Existia medo de contrariar algumas regras impostas? Aprendi no início da vida que o jeito certo de se viver preconizava o seguimento da regra. Silêncio. Capim. Macabéa.¹⁶⁹

Macabéa é uma personagem da obra *A hora da Estrela* de Clarice Lispector. Tinha 19 anos, era alagoana e foi morar no Rio de Janeiro, onde trabalhava como datilógrafa. Morava em uma pensão com quatro colegas. Tinha uma beleza fora dos

¹⁶⁸ A música *Folhas de Outono* foi composta por Felipe Valente. Disponível em: <<https://letras.mus.br/felipe-valente/verei/#radio:felipe-valente>> Acesso em: 27 dez. 2015.

VALENTE, Felipe. Folhas de outono. Disponível em: <<https://letras.mus.br/felipe-valente/verei/#radio:felipe-valente>> Acesso em: 27 dez. 2015. (se precisar seguir a ABNT, mas tenho notado que as notas estão bem explicadas. Se pode seguir da tua forma, mais livre, pode ser assim)

¹⁶⁹ Escrita de si produzida no ano de 2016.

padrões e era considerada uma pessoa alienada, não desconfiava das pessoas e não conseguia enxergar a própria condição. Essa é uma leitura viável e mais recorrente. Mas é possível imaginar que talvez Macabéa escolha ser alguém de poucas ações, o que lhe faz portar uma identidade fora dos padrões. Paralelamente, a obra apresenta a condição do escritor Rodrigo S. M. que está em crise com o seu papel de narrador da história.

Ainda que um professor não acolha, suas experiências podem ressoar na formação atual, na prática docente e nos relacionamentos. O que se viveu, querendo ou não, constitui um tipo de saber que pode levá-lo *a viver humanamente e a conseguir a excelência em todos os âmbitos da vida humana: no intelectual, no moral, no político, no estético etc*¹⁷⁰. Não se quer relembrar acontecimentos esquecidos nas linhas do tempo em prol de uma memória. O que se tentou é entender de que maneira o vivido pode respingar no que se é. Ao ponto de configurar *uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, enfim, uma forma humana singular que é, por sua vez ética (um modo de se conduzir) e uma estética (um estilo)*¹⁷¹.

Hoje, penso na hipótese de fazer escolhas durante o processo de formação não mais considerando a regra como prioridade, pois para pôr em prática outra “professoralidade”, hei de me atrever a revirar alguns pensamentos e percorrer outras vielas. A investigação evoca por criação. Uma ação que se concretiza aos poucos na construção da cartografia, uma pesquisa-intervenção que permite acolher o inesperado. Esta escrita inconstante que experimento torna-me estranha ao longo do caminhar. É a mesma que também abre portas para a invenção. Para uma pesquisa que toma corpo de escrita que extravasa o tanto de vida que há na professoralidade. Ainda que o formigamento possa ser uma sensação inquietante, estar em um processo prurido é sinal de que o corpo reage. É sinal de existência de vida, de palavras e corpos que se esbarram. Encontros. Afecções.¹⁷²

¹⁷⁰ COSTA, Maria Varraber (Org). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007, p.138.

¹⁷¹ *Ibid.*, p.138.

¹⁷² Escrita do diário de ensaios produzida no ano de 2016 e revisada em 2017.

A prática da “escrita de si” pode levar ao questionamento dos modelos pré-estabelecidos e incitar a construção de uma formação composta por “*um devir plural e criativo, sem padrão e sem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária*”¹⁷³. E também contribuir com a produção de diferenças e o desnudamento das vulnerabilidades do sujeito; tornar visível uma outra formação, possível de ser vista em algumas cartas escritas por um corpo de professoras.

Como licenciada em História, venho de uma formação que se deseja Científica. Não que o que fazemos não seja ciência. Mas, o que quero dizer aqui, que os métodos e teorias que nos cercam enquanto tal, nos formam para o afastamento pesquisador-objeto, assim como na maioria das outras formas de pesquisa. Pensemos no seguinte, tudo que a humanidade fez, sentiu, criou, todas as ações que envolvem a humanidade no tempo são possíveis de serem historiado, desde que seja observado as regras de pesquisa histórica. Diante desse quadro confortável, pois embora pareça exigente, é confortável, está diante de mim o modelo a ser seguido, não tive, sequer cogitei um modo diferente de fazer pesquisa. Sequer, questionava esse modo de fazer pesquisa. Havia um deslumbre enorme com a possibilidade de fazer pesquisa, de ser uma cientista. Que aquela maneira se tornou um dogma a ser seguido, para que no final eu atingisse o paraíso acadêmico. No entanto, todo crente tem um pouco de herege, afinal o que sustenta os dogmas, são as possibilidades de controle sobre os crentes. Minha heresia, durante aquele período era com a sala de aula, me incomodava e me incomoda aquele jeito de dar aula. De entender e perceber os alunos. Não entendia, e ainda não entendo a necessidade que há de controlar os alunos e

¹⁷³ COSTA, Maria Varraber (Org). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007, p.135.

pensar que no final eles têm que saber tudo. Aliás, que eles necessitam aprender cada parte de um carregado, pesado e em alguns momentos, desinteressante currículo de história.¹⁷⁴

Marcos Pereira define a “professoralidade” como *um estado em risco de desequilíbrio permanente*¹⁷⁵. Para ele, ser professor não é *a recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão*¹⁷⁶, tem a ver com algo que não foi. É escapar do estado estagnador, que reflete sempre a mesma figura, estabelecendo um perfil identitário. Esse conceito de professoralidade revoga o pensamento que considera que ser professor é assumir uma postura pré-concebida, configurada e instituída. Ser professor é produzir a si mesmo, é delinear o próprio percurso formativo. Nas palavras de Pereira, é “diferir de si mesmo”. Uma diferenciação possível de ser concebida na prática da “escrita de si”.

No período Greco-romano, a escrita servia de aparato pelo qual se realizava o “treinamento de si”. Exercia a função *etopoiética*, termo nomeado por Plutarco¹⁷⁷, que designava à escrita o papel de um *operador da transformação da verdade em “ethos”*^{178,179}. Uma escrita *etopoiética* advinda dos documentos dos séculos I e II, intitulados de correspondência e *hypomnemata*¹⁸⁰.

A correspondência era uma espécie de cadernos de notas, constituídos de escritas pessoais, que poderia ser enviada a outras pessoas em forma de cartas, sendo um meio do exercício de si, tanto pelo destinatário quanto pelo emissor. A leitura e a

¹⁷⁴ Trecho da carta da professora de História.

¹⁷⁵ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013, p.35.

¹⁷⁶ Ibid., p.35.

¹⁷⁷ Um filósofo e biógrafo grego que viveu em 46 d.c a 120 d.c, Estudou a matemática e produziu vários escritos, os quais permitiram contar a história da antiga civilização grega.

¹⁷⁸ A palavra “ethos”, surgida na Grécia Antiga, significa valores, ética e hábitos.

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.147.

¹⁸⁰ “Podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” e de livro de vida. FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p.135 – p.136.

escrita são práticas que se compõem em *simbiose*¹⁸¹, pois de acordo com Sêneca¹⁸², *quando escrevemos, lemos o que vamos escrevendo, exatamente do mesmo modo como ao dizermos qualquer coisa, ouvimos o que estamos a dizer*¹⁸³. Trata-se de uma relação de mão dupla em que o comum pode tornar-se extraordinário.

*O processo de formação está pensado, melhor dizendo, como uma aventura. E uma aventura é, justamente, uma viagem no não planejado e não traçado antecipadamente, uma viagem...*¹⁸⁴ Mais de três meses se passaram depois da escritura das cartas. Emergiu um extenso vazio. Escrever parece um combate. Algumas palavras, históricas. Uma escrita potente escoa facilmente. Parece água. Exige cuidado e alto nível de atenção. Emociona, vitaliza, enfraquece, transforma e até adocece. Pode ser cura. Verbo. Também, substantivo e adjetivo. Paralisa. Traz potência. Alegria. Leva o aventureiro a perder-se dentro de si, na linguagem, no outro, na biodiversidade do mundo. Torna possível outros “devires” definido por Deleuze como *uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação*.¹⁸⁵

As “escritas de si” de um corpo de professoras¹⁸⁶ deram corpo a um escrever de encontros, fortalecida no percurso em “zigue-zague”, nos desvios e nas conexões entre matérias suscetíveis à articulação imprevista, no lugar em que um “rizoma”¹⁸⁷ põe-se em articulação. *Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, “intermezzo”*¹⁸⁸. O engendramento dessa escrita – que se

¹⁸¹ Simbiose é a relação entre dois seres vivos, em que ambos recebem benefícios, mesmo que em proporções desiguais.

¹⁸² Sêneca, discípulo de Sócrates, filósofo e político, que viveu no período 4 a.c a 65 a.c, cujos textos de referência são as Cartas a Lucílio.

¹⁸³ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p.146.

¹⁸⁴ LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.9

¹⁸⁵ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*: Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.11.

¹⁸⁶ Na página 72, apresenta-se como se constituiu o corpo de professoras, participantes da investigação.

¹⁸⁷ O rizoma, que contém um alto potencial criativo, é um conceito filosófico que significa o lugar de encontro e da imprevisibilidade.

¹⁸⁸ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p36.

tornou coletiva – delineou itinerários de vidas, inquietações, alegrias e desejos. Para sua prática, manuais eram dispensáveis e reafirmações de cercados, também.

Seu exercício requereu disposição e paciência para que cada viajante encontrasse seu ritmo, seu passo durante o processo de recolhimento. No momento em que as velas eram ajustadas, ao menos para uma navegação, o escritor encontrava mundos na escrita e a atenção não estava mais voltada ao percurso, mas para a “paisagem” apresentada. Que podia ser aquela nunca avistada, assim como a tão sovada, cujo percurso já se conhece, porém pouco dele ou nada se sentiu.

O que possivelmente nos encontrou? Uma escrita capaz de verbalizar um pensar transversal de um corpo revirado diante da paisagem, o qual não só olha, mas sente e vive o que vê. Experimentou-se um escrever delineador que propôs inúmeras perguntas: quem aceita desapropriar-se de si e das certezas? Há coragem e resistência suficiente para enfrentar uma desconstrução de território? De dismantelar algumas formas de ser sujeito? Estar em conexão com outras formas era o que interessava. Por isso, compreender as escolhas movimentou a investigação. A ideia era que viessem à tona os estados que eu e outras educadoras perpassávamos. É para isso que se aspirava uma escrita:

Na experimentação das “escritas de si” através das cartas e da cartografia, foi possível conhecer os diferentes sentidos dos advérbios e expressões adverbiais de dúvida – “talvez”, “quem sabe” e os verbos no modo subjuntivo. O uso do modo indicativo era recorrente e escolarizado na formação. Fiz dele um imperativo. Eis que, depois de ser interpelada por leituras, escritas, encontros e desencontros, saio naturalmente do extremo. Aos poucos, desvencilho-me dos pontos que asseguram as linhas das certezas. A tentativa é de estar nos limites do entre, como um equilibrista que enverga o seu corpo para se manter sobre a corda. Estar em equilíbrio não para sair do caos, mas para afastar-se dos dois e muitos caminhos. Há quem diga que essa posição, a de estar no meio, revigora. Avulta a tenacidade ao próprio pensamento. Há de se deixar transbordar a sensação que aqui está possivelmente de passagem, as cores da paisagem estão em alta intensidade. Agora, existe beleza até no ruído produzido pela água do café caindo na xícara. Respiro o silêncio da manhã. Quanta vida transborda

nesse pequeno instante em que desfruto da natureza matinal e do acordar do pensamento. O ato de pesquisar? E a tessitura do texto? Começam sem ao menos ter papel e caneta em mãos. O processo? É vagaroso. Escritas geram novos movimentos e reações. Uma alegria intensa invade o momento. Isso se desenhou depois de ter sido arrebatada por uma doença, a qual estabeleceu limites para o cérebro, e, também, após ter experimentado recolhimento do corpo incitado agora por esta investigação. As vontades estão acesas, mas o corpo não obedece. Reencontrei outra vida, outros pensamentos: sinuosa escrita. As palavras são entregues para o texto com cortejo, cuidado e refinamento. Não são meros vocábulos, são máquinas produtoras de afetos. Cuidam, ferem, curam e transformam. O que tentam expressar? Um processo de transformação narrado e vivido em diferentes lugares e tempos. Ainda que o “voltar-se para si” seja contado com intensidade, nem tudo que se viveu, até o momento, recebeu o predicativo de “bom”. Não se quer ilustrar a história de alguém. Não há anseio de categorizar o que se sentiu nem criar um mundo surreal. Cartografar sim, eis uma intenção.¹⁸⁹

Cada “escrita de si” desenhou um pinçar de algumas peles, de um corpo em escamação. A abertura de uma passagem para um eu, um “si mesmo”, que não é fixo e *não está para ser descoberto, mas para ser inventado*¹⁹⁰. Criação. Escolha. Ética. Trata-se de um eu que se encontra em movimento, percorrendo linhas espessas, finas, tracejadas. Embora se arranque camadas e mais camadas de peles, *não há um eu real e escondido a ser descoberto. Atrás de um véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara; atrás de uma pele, outra pele*¹⁹¹. A intenção foi de sentir a textura de outros ‘eus’ que experimentam a viscosidade, a porosidade e o peso das peles que os encobrem. Por isso, uma escrita potente foi um anelo declarado com vigor desde o início da pesquisa, porém não quis dar, à sua criação, um espaço de evidência. Mesmo ela sendo a ferramenta de abertura para os “eus”, que buscavam veemente saber como

¹⁸⁹ Escrita de si produzida no ano de 2016.

¹⁹⁰ LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.9.

¹⁹¹ *Ibid.*, p.9.

se desenharam ao longo da vida. Esse desenrolar de vivências e experimentações solicitou espaços à escrita, à leitura e à escuta para, como diz Jorge Larrosa, *percorreremos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem por nós*¹⁹². Estou acompanhada com um corpo em formação, constituído por cinco professoras de diferentes áreas, mestradas em Educação e Tecnologia, pertencentes ao *Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia (Experimenta)* do curso de mestrado do IFSul Pelotas. Para esse grupo, enviei uma longa carta em agosto de 2016, condensada de indagações e uma entrega. Até certo ponto, por alguns, pode ser lida como uma arriscada exposição. Daquilo que traz beleza, vida e desassossego. Na carta digital, salientou-se a necessidade de desarticular a estrutura da escrita e apresentou-se um emaranhado de questões acerca de uma formação. Não se tinha grandes metas estabelecidas. Havia sim uma vontade de esbarrar em um saber desconhecido e pouco sentido. Perguntava-me: o que pode ser o sentido? Ele possui uma corporeidade? Dá-se na presença de algo? Escritas-outras poderiam eclodir um sentido? Este se daria na leitura das cartas, na presença das palavras ou na passagem delas? Para G.H, uma personagem da obra *A paixão segundo G.H.*, o sentido era evidenciado: *Eu estava vendo o que só teria sentido mais tarde – quero dizer, só mais tarde teria uma profunda falta de sentido. Só depois é que eu ia entender: o que parece falta de sentido - é o sentido*¹⁹³.

Depois de fazer uma leitura cuidadosa acerca da experiência formativa daquelas professoras, retomei a produção escrita, buscando conectar alguns pensamentos daqueles “eus” que se desenrolavam. Iniciei uma revisão dos capítulos, que não era de caráter gramatical, para estruturar a dissertação. Queria pensar sobre o dito há nove meses. Arrancar do texto toda a *verborreia reiterativa e rotineira que torna impossível qualquer experiência, que polui qualquer experiência com tudo o que de trivial e falso existe em nossa própria história linguística naquilo que ela tem de*

¹⁹² LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.22.

¹⁹³ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964, p.23.

*ruído*¹⁹⁴. Tentar renovar as palavras comuns. Escutar os “eus” contidos nas cartas. *Dá-me a tua mão desconhecida, que a vida está me doendo, e não sei como falar - a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada, minha irrealidade e minha imaginação são mais pesadas*¹⁹⁵, pedido enaltecido em alguns momentos nas conversas. Abaixo, mais um fragmento de uma carta produzida por outra professora que revela a dor interiorizada e a necessidade do processo de descoberta.¹⁹⁶

Tu falas da DOR, na carnalidade do ato de escrita, no ato de pensar, dessa necessidade de trazer à superfície aquilo que anos, muitos anos de formação foi nos interiorizando. Nos travado. Compartilho contigo esta dor. E penso que não sangramos por conta desta necessidade de fazer superfície, mas a dor acontece porque ao fazer-se superfície nossas verdades se esvaem. Ficamos sem ter onde nos agarrar. Fica em nossas mãos as responsabilidades dos mundos que criamos. É nossa pura, absoluta responsabilidade, a partir desse desfazimento, sabemos que são nossos modos de estar no mundo que fazem dele o que é¹⁹⁷.

A dor era coletiva. Algumas trocas de cartas contribuíram com o desenraizamento de um “eu” mais rígido. As palavras fizeram uma espécie de deslocamentos no pensamento, ao ponto de livrar o “eu” daquilo que o fez ser alheio a si mesmo. Escrever, entrelaçar escritas proporcionou a retirada de peles que encobriam um corpo. Um desfazimento da máscara ideal que ancora a “falsa consciência” acerca

¹⁹⁴ LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.47.

¹⁹⁵ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964, p.22.

¹⁹⁶ Escrita de si produzida pela autora em 2016.

¹⁹⁷ Uma professora de história que experimentou a beleza da paisagem após descobrir que sua forma não era mais rocha.

da subjetividade, do que se é: *sabe que os homens não se conhecem a si mesmos, que se enganam a si mesmos, que não são o que dizem que são e o que creem que são*¹⁹⁸.

Um movimento que me faz falar e questionar. Esse convite ao pensamento me faz falar e perguntar. Esqueço o silêncio e abraço a palavra. A minha e a do outro. E assim estou percebendo o quanto o outro é importante para mim. Uma união invisível e talvez fragmentada, pois vivemos de pequenos instantes - os instantes-já de Clarice Lispector - e os encontros de Jorge Larrosa. E nesses pequenos encontros acadêmicos vou me refazendo enquanto jovem questionadora de um sistema. Para deixar de estar inserida e passar a ser constituidora enquanto criadora. Afinal, não é isto o que nos move? Aquilo que nos impulsiona a um crescimento intelectual, a uma ruptura com antigas estruturas?¹⁹⁹

Com a troca de cartas é possível acionar diferentes habilidades nos indivíduos. *A carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe*²⁰⁰. Séneca²⁰¹, ao trocar cartas com Lucílio²⁰², não se contentava em dar conselhos, ele exercitava a si mesmo, considerando dois princípios: *que é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria*.²⁰³ A escrita transformava o destinatário e armava o escritor.

¹⁹⁸ LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.24.

¹⁹⁹ Trecho da carta da professora de Língua Portuguesa, uma jovem questionadora.

²⁰⁰ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p.146

²⁰¹ Séneca (século 4 a.c) ou Lúcio Aneu Séneca foi um dos mais importantes intelectuais do império Romano. Era advogado, escritor e filósofo. Ocupava-se de práticas que lhe incitasse a ter uma vida com sabedoria e ética. Dentre elas, a escrita. Destacou-se como estilista literário e escrevia cartas a fim de problematizar os modos de vida e levar ao treinamento de si.

²⁰² Destinatário que Séneca dava dicas de como se tornar um estoico mais devoto.

²⁰³ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p.146.

Tendo a concordar contigo, quando falas da impossibilidade de escrita rizomática sem fazer disso parte de nossa vida. Estamos tão acostumados a pensar que experimentar é somente possível em laboratório, que em alguns momentos, ao menos comigo, tentei agir com relação aos conceitos, ao método da cartografia, como uma pipeta, uma placa de petri. Mas, isso foi completamente quebrado, estilhaçado, quando consegui ter esta compreensão acerca destas escritas. Tanto que o artigo para especialização foi escrito a partir de uma experiência. Do desfazimento daquela rocha que mencionei.²⁰⁴

A escrita múltipla talvez tenha possibilitado ao corpo de professoras uma cura provisória dos dramas que as alarmam. *É possível que não sejamos mais do que uma imperiosa necessidade de palavras, pronunciadas ou escritas, ouvidas ou lidas, para cauterizar a ferida*²⁰⁵.

Como uma escrita pode aquietar e fazer fluir pensamentos? Vale pousar os sentidos sobre outra escrita *etopoiética*, abordada por Foucault, os *hipomnemata*, considerados registros notariais, livros de contabilidade e cadernos pessoais. Livros de vida, uma espécie de guia de conduta, que guardavam as coisas lidas, ouvidas e pensadas por seus escritores. A matéria prima era considerada um tesouro acumulado, o qual poderia ser lido, relido e meditado pelo sujeito-autor e, posteriormente, usado como argumento para lutar contra uma circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína) ou contra um defeito (a cólera, a tagarelice, a bajulação). A ideia era de *constituir para si próprio um “logos boethikos”, um equipamento de discursos a que se pudesse recorrer, susceptíveis – como diz Plutarco – de erguerem eles próprios a voz e de fazerem calar as paixões, como o dono que, com uma só palavra, sossega o alarido dos cães*²⁰⁶.

²⁰⁴ Trecho da carta de uma professora de História.

²⁰⁵ LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.22.

²⁰⁶ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p.137.

Foucault alerta que, embora os *hypomnemata* parecessem livros pessoais, eles não eram diários íntimos ou relatos de experiências espirituais. Não revelavam o oculto, mas captavam o dito, isto é, o discurso propagado, fazendo um agrupamento daquilo que se podia ouvir ou ler e que, de fato, constituía o sujeito. Estimulava a meditação do passado, já que pensar o futuro perturbava a alma humana. O processo de recolhimento era orientado pelo "cuidado de si" e por estes objetivos: *retirar-se para o interior de si próprio, alcançar-se a si próprio, viver consigo próprio, bastar-se a si próprio, tirar proveito e desfrutar de si próprio*²⁰⁷. Uma postura ética que, diante da efervescente era contemporânea, a vida pede.

A escrita e a leitura eram vistas como práticas indissociáveis. A primeira, um meio de dar visibilidade à subjetividade humana, a segunda, uma forma de pensar sobre os processos de subjetivação que implicavam na formação de um sujeito. Por isso, o ato de ler era tão importante quanto o de escrever. Sêneca dizia: *a prática de si implica a leitura, pois não é possível tudo tirar do fundo de si próprio nem armar-se por si só com os princípios de razão indispensáveis à conduta: guia ou exemplo, o auxílio dos outros é necessário*²⁰⁸. Escuta. Leitura. Aberturas. Paisagens. Um mundo.

Outra finalidade da escrita era de abster o mau pensamento da vida cotidiana para evitar o exercício de conduta inadequada na sociedade. Acreditava-se que o registro dos pensamentos estabelecia uma comunicação entre o sujeito e a sua alma. Essa interação, segundo Foucault, era uma forma de se defender dos pensamentos impuros, posto que ao conhecê-los por meio da “escrita de si”, o sujeito sentiria vergonha de suas obscuridades e evitaria colocá-las em prática.

A “escrita de si” pode estabelecer uma relação de anacorese, já que *atenua os perigos de solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível, desempenhando um papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha*²⁰⁹. Quando o sujeito que escreve profere acontecimentos de sua vida, põe em análise a própria conduta. *Dessa forma, a “escrita de si” podia constranger o sujeito, era uma presença, uma força que exercia um poder sobre aquele que ousasse a falar de si, de seus medos e*

²⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p.139.

²⁰⁸ Ibid., p.140.

²⁰⁹ Id., 2010, p.145.

de suas lembranças. Era como se ela fosse outro sujeito, capaz de corrigir e de transformar a vida de outrem.

Acreditei durante muitos anos da minha vida que a única maneira de estar no mundo era ser uma rocha. Dura. Daquela que estão encravadas na terra profundamente. Daquela que seria preciso dinamites para que se conseguisse atingir sua sedentariedade. Para se olhar o que estava por debaixo. A dinamite não foi preciso, pois a água contorna as rochas e com este contorno, a esculpe. Toca. Violenta. E, mesmo encravada na terra, faz-se movimentar. Assim como a água, as escritas da filosofia da diferença, tem me contornado, dado outras formas, e de algum modo, me tira deste sedentarismo. Vai, me puxando. Água deixa os terrenos, os territórios movediços. E com seu passar, vai escavando a terra e em alguns momentos, torna visível, aquilo que se esconde por debaixo da rocha. Em alguns momentos, traz à superfície aquilo que se escondia²¹⁰.

Nenhuma habilidade pode ser desenvolvida sem um exercício. Da mesma maneira, *não se pode aprender a arte de viver, a “tekne tou biou”, sem uma “askesis”, sem um adestramento de si por si mesmo*²¹¹. Esse movimento convida o sujeito à prática do “cuidado de si”, a uma avaliação sobre os acontecimentos felizes e funestos e aqueles situados nas linhas do “entre”. Por isso, a ideia foi pousar nos sentidos do próprio processo de subjetivação, o qual em conexão com mundos em ebulição compôs um saber impensado. As “escritas de si”, intermediadas por cartas, agiram como vetores, que intensificaram algumas riquezas da linguagem e da vida de um corpo de professoras.

²¹⁰ Uma professora de história, os efeitos do tempo e uma fissura cartografada.

²¹¹ FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.146.

4.1 Um corpo de professoras: conversa e cartas

Este capítulo apresenta uma conversa de um corpo de professoras, que se compôs a partir de uma carta enviada pela autora/mestranda às participantes, experimentadoras das Filosofias da Diferença, pertencentes ao *Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia (Experimenta)* do curso de mestrado em Educação e Tecnologia do IFSul Pelotas. Cada intervenção era como se fosse uma espécie de ruptura, de conexão entre linhas soltas no texto.

Um dia de julho de 2016.

Estimada professora-pesquisadora, agradeço por aceitares participar deste processo de investigação, por cederes o teu tempo, a tua escuta, as tuas palavras, a potência da tua vida. Que possamos juntas experimentar outros saberes.

Escrevo, me_..._ço
traço, começo, re-começo,
abro passagem
e me arremesso

no centro, -

na margem.

No canto,

OSREV ON

Da folha da vida

Não me disperso.
 Enfrento a **batalha!**
 EsCUto os sentidos
 de um corpo entregue
 nas t.r.a.m.a.s de um verso

Costuro buracos, junto arestas
 Com as pa-la-vras
 Que servem de linha
 Que permeiam as frestas
 Das carnes
 De um corpo, por vezes, com dor.

Dor que pinica
 Dor que incomoda
 Que roga mudança
 Que *dobra* as *dobras*
 De um corpo que experiencia
 a vida provando de um novo sabor.

DOR. Palavra curta. Potente. Insolente, que não profere “por favor”. Chega, trava uma batalha com quem não a convocou. Não queria iniciar a prosa criando atritos com ela. Porém, como diz um poeta, às vezes, o ato de escrever pode vir acompanhado de dor. Agora, neste exato momento, tento cessar a rima que não me deixa compor um texto que dê vazão ao que, em alguns mundos, se formou. Essa condolência no ato da escrita pode ser, segundo um colega, a dificuldade que temos de colocar para fora o que, no subterrâneo do corpo, se entrevou.²¹² Não sei se essa questão que aponto, em ti, ressoa, mas trago alguns pensamentos que o envolvimento com as palavras, nesta carta, invocou.

Se fosse te contar como surgiu o interesse por uma escrita, talvez, tivesse que retomar alguns episódios da infância. Mas, ao ter como referência a investigação que estamos compondo, entendo que as vivências dessa fase não precisam ser o ponto de partida. Importa o que nos toca, o que pode estar no entre, em processo. Em erupção. Para dar abertura à conversa, falarei das experiências mais recentes.

Uma professora e as palavras: *comecemos. Em algum momento temos de começar e por algum lugar, por alguma provocação.*

²¹² Conversa com um colega do mestrado no dia 14 de julho às 18h16min do ano de 2016.

Desde a época da graduação que questiono a escrita acadêmica e padronizada. Sempre se fez presente a vontade de produzir uma escrita densa e com vida. Naquele tempo, faltou coragem para colocá-la em prática na instituição da qual fui aluna. Dar voz, nos trabalhos científicos, à vontade de pensar diferente do padrão parecia um atrevimento. Quem sabe, por não ter amadurecimento para sustentar esse anseio em um ambiente em que os moldes acadêmicos eram requeridos com rigor. Uma austeridade que tinha o poder de castrar a criatividade. Por vezes, o estímulo à escrita acadêmica, que levava muitos de nós a escrever em nome dos outros, isto é, a reproduzir pensamentos, gerava uma sensação intensa de deslocamento. Durante as conversas, alguns colegas relatavam o seu descontentamento acerca da abordagem. Na época, nada fizemos para mudar o cenário instaurado. Para delinear outra lógica de pensamento. Uma micropolítica. Possivelmente, algumas forças paralisaram a cada um de nós ao ponto de impossibilitar a criação de um escrever que destoasse da lógica do pensamento instituído. Se achares pertinente, gostaria que tu me contasses como era a tua escrita no período da graduação. Conseguias emitir a tua voz, o teu timbre e o pensamento por meio dela?

Uma professora e seu jaleco branco: *Leio devagar porque já tive pressa e, neste deslocamento vagaroso, vou “ruminando” as palavras, degustando as ideias. E quanto à escrita! Esta não é nada fácil! Como disse Clarice Lispector: escrever é duro como quebrar rochas, mas voam faíscas e lascas como aço espelhado²¹³. Mas, vamos adiante! Antes de participar do mestrado em Educação, eu nunca havia sentido esta “dureza” da escrita, muito embora, só agora eu sinta certa leveza ao escrever. Eu sei! É paradoxal mesmo! Por isso, já explico. Para orgulho de meus progenitores, concluí o curso técnico em Química e logo consegui um emprego. Depois, para o meu orgulho, concluí o curso superior como tecnóloga em Controle Ambiental. Na sequência, vieram uma especialização e um mestrado incompleto. Resumindo: passei mais de 10 anos (e isso é mais do que um terço do que vivi até aqui) vestindo jaleco branco, respirando químicos, manipulando vidrarias e fazendo experimentos. E quanto às escritas: eram mais relatos do que criações. Eu descrevia mais do que escrevia. Mas na época essa “descrição” não me incomodava. Eu pensava que todo o conhecimento se produzia assim: pelo relato científico, pela descrição dos resultados de experimentos.*

²¹³ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 19.

Quando me tornei aluna do mestrado, eis a surpresa de perceber que, nesse ambiente, havia espaço para criar. Nas primeiras páginas do projeto de pesquisa, o encantamento com as Filosofias da Diferença ganhou potência nas t.r.a.m.a.s do texto. Envergando a sua rede. E a vontade de experimentar uma escrita diferente do modelo instituído por boa parte das universidades veio à tona novamente. No intuito de tecer um texto singular e com potencial criativo, tentei desarticular a escrita dura, arraigada no pensamento representativo. No texto, busquei potencializar o interesse de percorrer as linhas das incertezas e conhecer outras formas de pensamentos que habitam em mim e nos outros. Ao longo da criação do projeto, uma desacomodação entre os modos de escutar, escrever, pensar e viver ganhava frequência e oscilava nos níveis de intensidade, conforme os movimentos da cartografia. No cruzamento entre as experimentações dessas práticas, fendas desalinhavam o texto e traziam novos elementos, entre eles, alguns fios de sensibilidade. Possivelmente, já presentes nesta carta. Envergo o corpo para adentrar no universo de uma escrita sinuosa, para tocá-la e, mediante a sua prática, exercitar o “cuidado de si”, um conceito de Michel Foucault, considerado uma atitude que *implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa, ao que se passa no pensamento*²¹⁴. Uma atenção que tem recaído sobre a composição de uma peculiar escrita, porém a ideia não é somente experimentar essa particularidade que tanto move a investigação. O que ela pode acolher da vida, criar e transformar, também, é pertinente. Por isso, a problematização dos modos de vida e de uma formação é um ponto que se tentará encostar para sentir algumas matérias porosas e intensas.

De acordo com a banca examinadora, no projeto, era perceptível que o desejo de entremear o universo das palavras exalava deslumbramento. Ainda que não quisesse, alguns pontos da escrita desobstruíam o plano textual, tornando o “eu” visível ao leitor. Diante de tal constatação, com intuito de romper com o “eu” identitário, no ano de 2016, o problema de pesquisa passou por uma transformação que consistia na ideia de diminuir a força do eu, visto que compreendi que *escrever é perder o seu próprio rosto, perder a sua própria existência*²¹⁵. Com efeito, novas estratégias surgiram, já que focar

²¹⁴ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.12.

²¹⁵ Id., 2016, p.73.

na beleza da escrita abria espaço para o “eu”. Logo, a atenção intensamente emanada à escrita, começou a ser dirigida à “escuta sensível”. A mudança de foco não ocorreu de forma intencional. Foi algo que se compôs naturalmente ao longo do processo da investigação, no qual me incluo. A força do verbo “dizer” sofreu uma atenuação. E o silêncio e a escuta passaram a operar ao ponto de darem um espaço potente às cartas na pesquisa. Aposto no surgimento da fruição de silêncio, de escrita e de pensamento por intermédio das trocas de cartas que faremos, caso esta experimentação produza som em ti. Eco, estrondo, criação, assim como fez em mim a força do “silêncio”, ideia que trago neste poema:

SILÊNCIO²¹⁶

Palavra oca

Capaz de roer a roupa

De roer a carne

De roer os ossos

Capaz de dobrar um corpo

De dobrar as dobras

De mudar o ângulo

De quebrar as normas

Silêncio, palavra oca

Capaz de sequestrar o sono

Silêncio, palavra louca

Capaz de levar ao pranto

Silêncio, palavra tonta

Capaz de mudar alguém um tanto.

Séneca²¹⁷, nas cartas enviadas a Lucílio, destacava a importância de se praticar o “cuidado de si” em toda a vida e dizia que a ajuda alheia era recomendável ao labor da

²¹⁶ O poema *Silêncio* foi criado pela pesquisadora em 2015.

²¹⁷ Escritor, filósofo, intelectual do Império Romano.

alma sobre si própria. Naquela época, estabelecia-se a ideia de que a escrita possibilitava ao sujeito um “conhecimento de si”, de tal forma que ela exercia uma função “etopoiética”, um papel de “operador da transformação da verdade em ethos”²¹⁸, como uma ética. A permuta de cartas, as quais serão digitais em razão da dinamicidade, podem ser algumas das linhas de um rizoma à espera de conexão com outros mundos. *Um rizoma conecta um ponto com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza.*²¹⁹ Também, em outras palavras, um meio de transformar o presente, o nosso tempo. Portanto, faço uma aposta nas articulações das experiências, na composição de um espaço de pensamento em que as palavras tenham capacidade de fecundar e transformar o corpo de quem as opera. Refiro-me a nós, caríssima leitora.

Uma professora e seu jaleco branco: *Quanto ao teu convite para “percorrer outros mundos, desmanchar, nem que sejam no ato da escrita, as verdades que tiram a potência da vida e endurecem os corpos”, o aceite já foi dado antes mesmo de formulares a pergunta. Digo isto por dois motivos: primeiro porque já me vejo percorrendo estes outros mundos desde os primeiros contatos com as Filosofias da Diferença; e segundo porque este texto já se constitui como um aceite e comecei a produzi-lo antes mesmo de ler o trecho da carta em que me fazes o convite. Nem bem termino de dizer, vem Clarice Lispector sussurrar no meu ouvido direito: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”. Certo, Clarice! Eu digo. Sim, eu aceito o teu convite, Juliana.*

Uma professora e as palavras: *Agradeço o convite ao pensamento, às dobras que tua escrita, Juliana, me convida neste momento de imersão em que estamos inseridas. Coragem. Coragem! A coragem de pensar e repensar onde estou e o que estou vivendo.*

²¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.147.

²¹⁹ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p31.

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *Te agradeço Ju, por me convidares, mesmo aos trancos e barrancos, para fazer parte da tua pesquisa. Não me senti, em momento algum, pesquisada, e sim participando de um diálogo contigo.*

Uma professora e o tempo: (...) *é com grande satisfação que aceito teu convite a estas experimentações. Tua escrita, antes de qualquer outra sensação me deu muita alegria. Foi com grande leveza e felicidade que me alimentei das palavras, das tuas inquietações. Sinto nas tuas provocações o carinho e angústia com que cada uma delas permeia tua escrita, tua vida. E por fim, sinto o quão maravilhoso é poder vomitar estas sensações e compartilhar. Mais do que isso, que bom saber que outros compartilham de nossas dificuldades, desse não saber, é como se tivesse outros que nos ajudasse a segurar a carga, aliás a falta de carga. Esse esvaziamento de conhecimento que nos é roubado quando entramos em contato com as obras da filosofia da diferença.*

Uma professora e a arte: (...) *sigo nestas linhas não lineares.. me emociona sempre com tua escrita que me remete logo a desejar também escrever mais e mais. Minha gratidão pelo envio e confiança com tua carta nos percursos de tua pesquisa.*

Como pertences a um grupo de pesquisa que requer um “desfazimento do eu”²²⁰, uma desconstrução de um território, uma desvinculação do ser sujeito rígido, é possível que estejas apalpando a tua materialidade e tentando compor um mapa do teu processo na escrita. Se essa ideia for acolhida por ti, como tem sido esse ensaio? O que a escrita vem te permitindo provar? Saborear.

Uma professora e o tempo: *Penso que a forma como escrevemos, ou melhor, o fato de entrar em contato com estes jeitos de pensar é a subversão dos modos que foram apresentados para nós durante a vida. São os microterrorismos que nos propomos a viver, experimentar.*

Uma professora e seu jaleco branco: *Foi como aluna especial que experimentei uma escrita diferente de tudo o que eu havia produzido até então: uma escrita que se constitui a partir daquilo que me afeta; uma escrita que revela mais do que relata; uma*

²²⁰ PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013, p.19.

escrita que cria e não mais descreve. Clarice Lispector não se enganou: “escrever é duro como rocha!” Porque nesta escrita criativa temos que nos “despir” das opiniões, do senso comum, das ideias estruturadas. No entanto, sinto que nesta escrita criativa há certa leveza que talvez resulte desta “nudez” de opiniões.

Michel Foucault, em sua obra *O belo perigo*, conta como se delineou o seu processo com a escrita e as relações de incompatibilidade entre ela e a fala. Para ele, o encanto secreto, considerado perigoso de escrever, insere-se naquilo que não é possível de falar. Já terias experimentado alguma escrita em que esse perigo se instaurou e te “obrigou” a criar uma outra estratégia?

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *Tenho vontade de chorar, como várias vezes chorei, escrevendo as páginas da minha dissertação.*

Foucault, quando se encontrou nessa situação, ficou atento às formas da língua e percebeu a sua consistência, leis, linhas, asperezas, escarpas, em suma, sua paisagem²²¹ aonde nós podemos passear. Falo de um lugar que nos convida a experimentar a materialidade da palavra “limite”, a dançar sobre um fio quase invisível. Imagine os corpos se equilibrando à beira de um precipício. Lembrei-me de Pina Bausch²²², uma dançarina e diretora de balé alemã que criava coreografias baseadas nas experiências de vida dos bailarinos. Refiro-me a uma situação de alegria, dor, medo, aventura e intenso perigo... Desejas desfrutar dessas riquezas? Esquadrinhando um caminho em ziguezague, como Deleuze sugere.

Uma professora e seu jaleco branco: *(...) pelo menos por hora, reafirmo meu aceite em percorrer junto contigo os caminhos sinuosos da tua pesquisa. Espero que a simplicidade desta escrita contribua para os traçados do mapa cartográfico que de tuas intervenções resultará. Ah! E também que tenhas tido um bom encontro, como diria Espinosa, com minha escrita.*

²²¹ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

²²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5pftKZoVndM>> Acesso em: 22 jul. 2016.

Uma das intenções das Filosofia da Diferença é de nos provocar a indagar as evidências. De que maneira tens experimentado esse movimento na escrita do mestrado?

Uma professora e seu jaleco branco: *Em relação a este indagar as evidências de que me falas em tua carta, percebo que isto está muito presente nos referenciais filosóficos que compõem nossas pesquisas. Por consequência, a problematização de algumas “verdades” instituídas tem movido minhas escritas. Os artefatos artísticos também influenciam nossas pesquisas, pois em articulação com referenciais filosóficos, aguçam nosso olhar para questões atuais. Alguns filmes produzidos por Almodóvar, por exemplo, me parecem muito pertinentes para esta problematização do instituído.*

Uma professora e as palavras: *Um novo lugar! Foi assim que pensei quando aqui (MPET) cheguei para experimentar novos conhecimentos. E também me apaixonei pela Filosofia da Diferença. Claro que sigo rompendo com estruturas, e isto é interessantíssimo. Movimentar águas que estavam cristalizadas é sempre muito bom, mesmo que num primeiro momento assuste. Uma sensação de insegurança entre aquilo que já estava pensado e aquilo que estava por começar a pensar. Um envolvimento com o sensível que até então estava adormecido. Um convite ao movimento!*

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *Eu entro no fluxo, não quero parar de ler, fecho os olhos, vou para outra dimensão. Não essa do sujeito violentado com os rótulos, certezas e opiniões, mas para uma dimensão onde o pensamento de si pede passagem, pede voz, pede calma, surge o silêncio, esvaziamento! Porque me afeta, consigo enxergar na tua escrita algumas lágrimas que devem ter rolado com a dor do pensar. E essa dor encontrei no mestrado, aonde tive oportunidade de experienciar outros modos de escrita e pensar aquilo que nunca foi pensado antes. Foi quando quebrei as certezas identitárias.*

Quando se decide pensar com Deleuze, o convite é percorrer as linhas das incertezas da vida. Como profere Foucault, *aquele que fala não enuncia verdade alguma, simplesmente interroga evidências*²²³. Portanto, tentar conhecê-las e dizê-las de forma respeitável é algo que, a meu ver, não se traduz à mera troca de palavras. Parece que

²²³FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.22.

existe um deslocamento a ser vivenciado antes do ato de escrever. Suspeito que para tecer textos pensando rizomaticamente, antes de dizer alguma coisa, é preciso viver. Embarcar em uma navegação na própria vida, como sugere Fernando Pessoa: *Navegar é preciso; /viver não é preciso*²²⁴. Nesse desenho, os pontos de formigamento requerem um pouso. Um assentamento na força do verbo “sentir”. Sentes o que digo?

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *O que me afeta? O que sinto? Se sinto? Se já senti? Em todo o tempo de leitura e a partir da escuta da carta, senti, não só a intensidade da vida, o mergulho na experiência de dor, paixão; e, ao mesmo tempo, encontros, alívio, “desfazimento de si”.*

Um estímulo à sensibilidade, intimamente, atrelado ao questionamento das certezas, o que Jorge Larrosa intitula de “dar a ler”, um processo que demanda uma problematização do saber, ao ponto de provocar a ilegibilidade das palavras, isto é, um afastamento entre o saber e o pensar. É tentar tornar desconhecido aquilo que já se sabe²²⁵ em prol de algo que está por vir, ou seja, de uma criação, um pensamento. Ao longo desta investigação, ficou perceptível o quão difícil é pensar. Estamos acostumados a viver, ler e escrever de maneira universal. Por isso, a reprodução de pensamentos, de verdades e de conteúdos é tão intensa e corriqueira em nossa vida, seja no âmbito pessoal ou profissional. A grande pergunta que surge é: como interromper com o que já sabemos para pensarmos o que nunca tínhamos pensado? Como podemos, de um jeito novo, conectar as forças: escrita e pensamento? Não retenha a tua singularidade! Possivelmente, esse fio de diferença que tentas dispensar seja o ponto de torção. Uma torcedura de fios que podemos fazer juntas.

Uma professora e seu jaleco branco: *Parece-me que só conseguiremos aguçar nosso olhar para o mundo, indagar as evidências, se nos “despirmos” daquelas verdades que pensávamos ser nossas. O que não é nada fácil! As certezas nos dão segurança; é pisar em solo firme. Enquanto a dúvida nos desassossega, nos faz “perder o pé”. Mas é no desassossego que nos movemos em direção a outros mundos. Talvez estejam aqui algumas das chaves para um pensar diferente: livrar-se das armaduras da verdade;*

²²⁴ Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2016.

²²⁵ LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

permitir que o desconhecido, nos inquiete e nos mova. O caos gera a vida, ao passo que a ordem gera o hábito. Fico com o caos!

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *O desejo à flor da pele, a dor da escrita, o medo de falar a “verdade”, aquilo que Foucault diria que é difícil mostrar quem realmente somos. E o que somos? Uma mistura de “eus” entrelaçados nas necessidades do dia a dia. O que posso ser mais do que isso? Ou como posso dar vazão àquilo que não quero ser, mas acabo sendo? Então fica a pergunta: será que temos tempo, nos momentos do dia a dia, para nos reinventarmos, assim como nessa dimensão do pensamento ao qual mencionei?*

Deleuze nos sugere que se fuja dos esquemas de compreensão da própria língua, ou seja, subverter a própria sintaxe²²⁶. Criar outra lógica de pensamento que desarticule a gramática, a escrita, a vida e o sujeito. *Escrever para fazer reviver, escrever para reencontrar o segredo da vida*²²⁷. Escrever para fazer com que o dito ecoe de forma inacreditável aos ouvidos de quem escuta. As palavras de Jorge Larrosa corporificarão com força o dizer que tento tecer:

O poeta aspira a um texto casto que possamos saborear sem tédio. O filósofo pretende um discurso ilegível que suscite perguntas inéditas. Em ambos os casos, transtornar o uso normal da língua, interromper o sentido comum das palavras até fazê-las ilegíveis. Mas o filósofo, dando a ler de outro modo as palavras comuns, libera a possibilidade de pensar de outro modo. O poeta é na frase que se encontra pela primeira vez, enquanto o filósofo o é na frase que faz aflorar questões escondidas. E o filósofo insiste em que não chega a essa frase desde sua genialidade, mas desde as palavras, aprendendo delas e com elas, levando-as até o extremo do que podem dar a pensar.²²⁸

Entrelaçar uma escrita com intensidade e vida foi uma escolha anunciada desde a primeira página do projeto, hoje dissertação.

Quando decidi embarcar na proposta de escrita de Deleuze, entreguei-me de *corpo-e-língua*²²⁹, expressão utilizada por Suely Rolnik para se referir ao envolvimento do

²²⁶ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.16.

²²⁷ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.47.

²²⁸ LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.18.

²²⁹ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.66.

pesquisador com a própria investigação. Mergulhei em um novo território da linguagem sem me importar com os rótulos que poderiam vir.

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *Quando enfim deixei o pensamento livre para pensar, não era mais eu: Cíntia, filha, esposa, mãe, aluna, professora, cristã... era uma mistura de desejo, intensidades e dor. No período da escrita da dissertação, ao dormir, nas madrugadas o corpo já não aguentava, os pensamentos continuavam vivos e a mente não queria parar de trabalhar. O desejo presente em todo o momento; e as palavras já não davam conta daquilo que precisava ser escrito.*

O “cuidado de si” está sendo experimentado com intensidade, assim como a experimentação do silêncio, da escuta, da leitura e da escrita. Interessam as questões pululantes da investigação e o território estranho da linguagem. Empreender uma nova experiência. Desaprender a gramática tradicional, pois reconheço que a escrita rizomática requer algo que está além do conhecimento gramatical. Isso me desafiou. (Ou melhor, desafia-me). Tornou-me alguém impotente diante do saber. Queria experimentar a pergunta que não parava de ecoar no corpo: de que escrita Deleuze fala? Poderia desfrutá-la?

Na época, compôs-se a compreensão de que o ato de escrita requerido pedia por uma experimentação de pensamento criada nos minúsculos movimentos durante a própria vivência. Não se tinha poder sobre a escrita. Ela teria que ser vivenciada ao ponto de dizer uma palavra casta, algo que transformasse o presente. Perante aquilo que surgisse, o verbo “ser” não daria conta, não teria corpo e força para sustentar o dito, porque esse deixaria de ser representado, para ser experimentado. Consegues tocar na força que esse pensamento evoca? Estamos diante de *uma permanente busca ética da palavra* como Foucault nos faz pensar.²³⁰ Por isso, insistentemente, estou cutucando o morfema, o fonema, a gramática, o pensamento, o texto e a sua textualidade não como alguém de autoridade, mas como quem experimenta o dizer e busca uma forma intensa de referir-se àquilo que não sabe o que quer dizer. Busco dizer desapossada de mim. “Experimentando” da impotência e da ignorância perante o conhecimento²³¹. Um

²³⁰ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.15.

²³¹ LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.18.

abandono do qual adquire consciência neste exato momento em que te escrevo (11/07/2016, às 21h 06min).

O que foi dito aponta para a ideia de “dar a ler”, construída por Jorge Larrosa, e pode ser apresentada assim: ler sem saber ler e dar o que não se imagina que se tem, quando se lê. Deslizei nos fluxos da escrita ilógica de Deleuze, trancando no decorrer da leitura em suas frases esdrúxulas. Predicativo que, se tratando desse filósofo não é uma ofensa, é uma singularidade. O que ele dizia algumas vezes não produzia nada, ao menos se uma articulação fosse feita. Era como se existissem linhas soltas no texto à espera do leitor para fazer uma conexão. Linhas dispersas que apontavam e apontam para direções diversas. Uso o verbo “apontam” no presente, porque o texto Deleuziano se põe com vida, requerendo do leitor uma capacidade para adentrar no plano textual e sentir os variados níveis de intensidades. Trata-se de uma leitura que não ocorre entre Deleuze e o leitor. Considero mais adequado dizer uma leitura entre Deleuze, o leitor e o mundo. A sua escrita rizomática violenta, desarticula o modo de leitura universal. E esta, diferentemente da outra, por portar uma lógica organizada, poussa a sua atenção no início e no fim, não suporta um “entre”, um entremezo, o processo intenso que as obras Deleuzianas estimulam no leitor. Provocação! Essa é uma palavra que produz algo! Deleuze não diz, ele incita o leitor a sair da posição de receptor, de passivo diante da vida. Empurra-o para fora do livro com a força de suas palavras e de seu pensamento para levar o leitor a uma experimentação da própria palavra. Parece que ele sugere um percorrer no limite entre a palavra e a vida. Entre aquilo que se fala e vive. Como sentes esse processo? Poderias trazer alguns “ovos” de diferença para a nossa conversa? Os ovos aos quais me refiro são *os pontos de vistas que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo que em nós se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo*²³². Em outras palavras, falo do engendramento dos devires, conduzido pelas marcas.

Uma professora, as tecnologias e a maternidade: *Parece que a jovem de 17 anos tinha voltado. Na minha juventude, gostava de fazer poesias, contemplar a vida ao redor e, sem saber, falar dos modos de vida que me tocavam - amores, dissabores,*

²³² Suely. *Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético, estética, política no trabalho acadêmico* In: Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica. PUC/SP, set./fev. 1993, p.3.

natureza, Deus... Nesses momentos, o desejo produzia em mim uma vivacidade, um êxtase, como agora...

A escrita tem desmanchado algumas calcificações do corpo produzidas pelas experiências da vida. Ainda que não se queira, há palavras, atitudes, rótulos, opiniões, padrões de pensamentos que violentam o sujeito, o qual pode passar uma existência inteira sufocado com as ofertas do mundo. Consome-se sem pensar a respeito desse ato. Há quem trabalhe uma existência inteira sem acreditar no que faz, entretanto, mantém-se no lugar por medo do novo. A escrita pode ajudar a problematizar essas questões da vida. Há, em ti, verdades petrificadas que se tornaram visíveis a partir dos exercícios constantes com a escuta e a escrita? Já percebes transformações na sua composição ao ponto de alterar a densidade dela? Tens apalpado o teu próprio discurso? Percorrido outros territórios através da linguagem? Como? Responda como isso te afeta.

Uma professora e seu jaleco branco: *Sim, Juliana! Já percebo a diferença na minha escrita. Como eu já comentei, percebo uma leveza na possibilidade de criar mais e descrever menos. Tenho me aventurado na produção de contos. É incrível! Eles emergem do inusitado. De um simples atravessar a rua, por exemplo. E quanto às afetações: elas são numerosas. Gosto de brincar com isso e dizer: virei uma afetada (risos)! Falas, gestos, músicas, filmes, sons, cores, paisagens, tudo parece “dar língua” à pesquisa. Deleuze estava certíssimo quando disse que estar à espreita é terrível. Um animal em vigia!*


Outra funcionalidade dada à escrita por Foucault é o poder que ela tem de levantar o invólucro e as peles até se chegar à lesão, ao foco de doença que se esconde nas tramas das matérias inspecionadas²³³. Desliza nesse fluxo, também, um pensamento trazido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua obra “Kafka: por uma literatura menor”. Deleuze exorta que a função do escritor é de ser médico de si e do mundo. Para ele, a escrita é saúde, é vida²³⁴ que tem a capacidade de fecundar um pensamento e o corpo de quem a experimenta. Suspeito que escrever seja um mover-se em descompasso, um sair da medida, do enquadramento. Um desalinhar do corpo, do pensamento e das palavras. Talvez, seja um colocar para fora o que nem se sabe que se tem a fim de que se possa

²³³ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

²³⁴ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.13-14, p.16.

fugir de si para rumar em direção daquilo que é desconhecido, que pode ser libertador para o próprio si. Escrever, talvez, seja um deslocar-se para fora em direção ao outro, como Larrosa anuncia.

A fecundidade é dar uma vida que não será nossa vida nem a continuação de nossa vida porque será outra vida, a vida do outro. Ou dar um tempo que não será nosso tempo nem a continuação de nosso tempo porque será um tempo outro, o tempo do outro. Ou dar uma palavra que não será nossa palavra nem a continuação de nossa palavra porque será uma palavra outra, a palavra do outro.²³⁵

De uma pesquisadora aberta a outras experiências, outros encontros para tentar compor uma escrita  encharcada na multiplicidade de pensamentos.

De uma cartógrafa

²³⁵ LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.30.

5. *Literatura e Filosofia: a hora dos fluxos*

Este capítulo é composto por uma conversa com o narrador Rodrigo S. M da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector. A ideia dessa experimentação foi propor uma articulação entre alguns pensamentos acerca da escrita, problematizados pelo personagem ficcional, com teorias filosóficas de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik e Michel Foucault, estudadas ao longo do curso de mestrado.

Uma pesquisadora: Gostaria de saber como se compõe sua relação com a palavra. O que interrogo e, grandemente me importa, é o teu processo de escrita, como você trama e costura a rede do texto? Começemos então!

Narrador Rodrigo S. M: *Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem*²³⁶. *Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu – meu mistério*²³⁷. *Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir.*²³⁸ *Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura, lidando com fatos como se fossem as irremediáveis pedras de que falei.*²³⁹

Uma pesquisadora: O filósofo Gilles Deleuze diz que não basta uma história particular para tecer um texto. *Escrever não é assunto privado de alguém. É se lançar, realmente, em uma história universal e seja romance ou a filosofia.*²⁴⁰ Ao falar do fato motivador para uma criação textual, o filósofo afirma que *um escritor escreve “para uso dos*

²³⁶ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.14.

²³⁷ Ibid., p.14.

²³⁸ Ibid., p.16.

²³⁹ Ibid., p.17.

²⁴⁰ DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 23 de maio. 2017, p.06.

leitores” e pelos não leitores. *Escreve-se pois “para uso de” e “no lugar de” um povo que falte. Já para Michel Foucault, o escritor exerce o papel de um diagnosticador, uma espécie de médico que consiste em trazer à luz através da própria incisão da escrita algo que seja a verdade daquilo que está morto*²⁴¹. Foucault quando escrevia não buscava o conhecimento petrificado em si. Sua escrita se engendrava para encontrar algo distante do próprio eu, um saber desconhecido. Na obra *O belo perigo*, constituída em forma de conversa, ele falava a respeito desse processo de indicar sintomas: *só descobro o que tenho para demonstrar no próprio movimento da escrita, como se escrever fosse precisamente diagnosticar aquilo que eu queria dizer no exato momento em que comecei escrever.*²⁴² Esses dois filósofos apresentam em suas obras, além desses motivos, outros que justificam a potência da escrita. E você, têm razões específicas?

Narrador Rodrigo S. M: *Porque escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força de lei”. Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Embora não aguento bem ouvir um assovio no escuro, e passos. Escuridão? Lembro-me de uma namorada: era moça-mulher e que escuridão dentro de seu corpo. Nunca a esqueci: jamais se esquece a pessoa com quem se dormiu. O acontecimento fica tatuado em marca de fogo na carne viva e todos os que percebem o estigma fogem com horror.*²⁴³

Uma pesquisadora: A marca de uma experiência fica codificada no corpo. A educadora Suely Rolnik diz que *cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância*²⁴⁴.

²⁴¹ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.49.

²⁴² Ibid., p.49.

²⁴³ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.18.

²⁴⁴ ROLNIK, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico* In: Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica. PUC/SP, set./fev. 1993, p.2.

Quando isso acontece, há sua ritualização em uma nova conexão que produz uma nova diferença. Em outras palavras, trata-se de um engendramento de devires do indivíduo, conduzido pelas marcas. Para Rolnik, o processo de escrita também é guiado por elas. Conforme suas palavras, é possível *dizer que as marcas escrevem*²⁴⁵. E escrever é trazer notícias delas, é propor escuta, é adentrar em uma zona de estranhamento, onde um indivíduo, sempre outro, encarna-se: *escrever é traçar devir*²⁴⁶. Ao atualizá-las na escrita, esta se coloca em estado de multiplicação, em movimento. Como se dá esse processo em sua escrita?

Narrador Rodrigo S. M: *E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim. Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.*²⁴⁷

Uma pesquisadora: Escrever pode ser um ato de cura e de dor. Foucault dizia que a escrita está atrelada à morte, fundamentalmente, a dos outros. Vinculá-la a algo mortífero não remete ao assassinado dos outros. A morte, nesse sentido, é para trazer à tona o que já estava condenado. Para o filósofo, *escrever é mesmo lidar com a morte dos outros, mas é essencialmente lidar com os outros na medida em que já estão mortos*²⁴⁸. Ele se coloca na pele de um anatomista que faz uma autópsia por meio da escrita. Cada escritor tem uma força que lhe atravessa. No engendramento de sua escrita, qual força que verte da palavra, do som da palavra, do pensamento?

²⁴⁵ ROLNIK, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir* - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico In: Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica. PUC/SP, set./fev. 1993, p.9.

²⁴⁶ Ibid., p.9.

²⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.18.

²⁴⁸ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.45.

Narrador Rodrigo S. M: *Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras. Mal ousou clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio.*²⁴⁹

Uma pesquisadora: Você escreve com o corpo. Foucault, na pele de um diagnosticador, de um anatomista, visitava o corpo dos outros. Dizia ele: *com minha escrita, percorro o corpo dos outros, faço incisões nele, levanto os tegumentos e as peles, tento descobrir os órgãos e, trazendo-os à luz, fazer enfim aparecer esse foco de lesão, esse foco de doença, esse algo que caracterizou sua vida.*²⁵⁰ O que interessava ao filósofo era trazer à luz o coração nocivo das coisas e dos homens. Nesse jogo, a palavra é uma ferramenta potente que indica o tipo de ferida e o processo de cura, se caso essa existir. Como você lida com a palavra?

Narrador Rodrigo S. M: *Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela.*²⁵¹

Uma pesquisadora: Para Foucault, *a palavra só começa após a morte, só uma vez estabelecida essa ruptura*²⁵². A escrita, para ele, não é uma marcha rumo à fonte da vida. É uma ida ao passado, aos acontecimentos esquecidos. O objetivo desse filósofo era encontrar, nas linhas do tempo percorrido, o segredo da origem das coisas: a verdade, mesmo que provisória. O que você almeja atingir por meio de uma escrita?

²⁴⁹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.16.

²⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.45.

²⁵¹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.20.

²⁵² FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.47.

Narrador Rodrigo S. M: *Bem, é verdade que também queria alcançar uma sensação fina e que esse finíssimo não se quebrasse em linha perpétua. Ao mesmo tempo que quero também alcançar o trombone mais grosso e baixo, grave e terra, tão a troco de nada que por nervosismo de escrever eu tivesse um acesso incontrolável de riso vindo do peito. E quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muito acham: que existir é coisa de doido, caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico.*²⁵³

Uma pesquisadora: Esse modo de falar acerca da escrita revela um movimento que vai contra a lógica instituída. É testar os limites da linguagem, chegar ao seu extremo. Essa função cabe ao escritor que, nas palavras de Deleuze, *é responsável pelos animais que morrem*²⁵⁴, é quem responde por eles. *Escrever é, necessariamente, forçar a linguagem, a sintaxe, porque a linguagem é a sintaxe, forçar a sintaxe até um certo limite, limite que pode se exprimir de várias maneiras*²⁵⁵. De que modo você ultrapassa esses limites da linguagem? O que foi exposto converge com seu pensamento?

Narrador Rodrigo S. M: *Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. É claro que, como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudo substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação.*²⁵⁶ *Vejo agora que esqueci de dizer que por enquanto nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade de minha linguagem. Pois como eu disse a palavra tem que se parecer com a palavra, instrumento meu. Ou não sou um escritor? Na verdade sou mais ator porque, com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto.*²⁵⁷

²⁵³ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.20.

²⁵⁴ DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 23 de maio. 2017, p.07.

²⁵⁵ Ibid., p.06.

²⁵⁶ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.14 – p.15.

²⁵⁷ Ibid., p.23.

Uma pesquisadora: Depois de realizar o acompanhamento dos processos por meio desta cartografia, quando evoco um pensamento, não é mais para afirmá-lo. O que tenciono é interrogar aquilo que se faz necessário escrever. Com muita dificuldade, tento encontrar um ponto de subdesenvolvimento, um terceiro mundo, um deserto, como Deleuze e Guattari ensinam. *Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca.*²⁵⁸ E você, por que escreve?

Narrador Rodrigo S. M: *Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui.*²⁵⁹

²⁵⁸ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997, p.28.

²⁵⁹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.21.

6. O ensaio como uma forma de existência

Um dia de 2017.

Caras pesquisadoras,

As escritas experimentadas delinearam algumas sensações de corpos, incitando a prática do “cuidado de si”. O que se exercitou foi um escrever aberto não ancorado no formato da escrita acadêmica tradicional, na qual a teoria é enaltecida. O que aconteceu conosco e atravessou o viver foi um material relevante à cartografia, do mesmo modo ao tipo de escrita que acolhemos, a qual não se guia pelas regras do jogo da ciência e da teoria organizadas com base em um eixo central. Foi possível notar que amparamos vários tipos de matérias, nem só escritas nem só teóricas, cujos *operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quando de uma conversa ou de um tratado de filosofia*²⁶⁰. Houve uma abertura para a conexão de matérias heterogêneas, díspares, que cresciam para diferentes dimensões, impedindo momentaneamente a sobrecodificação do conteúdo e a sua organização em categorias. Era inviável nomear, estratificar aquilo que foi constituído como forma de expressão, proferido pelas múltiplas vozes, visto que se tratava de intensidades, que constituíam um rizoma. Ocorreu por meio de uma concatenação de matérias, visível nas tramas de cada uma de nossas cartas, um acolhimento da multiplicidade, algo que *não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)*.²⁶¹

²⁶⁰ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.65.

²⁶¹ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p.23.

Tenho pensado muito nos desenhos de escrita, nos jeitos de escrever, no estilo. Afinal, penso que no estilo de escrita pode ressoar um pouco dos territórios que temos construído. Mas outro dia, me pegava a pensar, que às vezes não há necessidade de rompimento completo com os jeitos institucionais de escritas, mas que estas fissuras podem vir da forma como construímos o texto. Do jeito como fazemos a pesquisa. Da forma como dou aula. Da forma como aprendo, e como aprendo! Com os alunos. Eles me potencializam, me desafiam a produzir com eles mundos que antes não seriam possíveis.²⁶²

Uma das lições que aprendi ao traçar linhas de diversas matérias e espessuras, que apontavam para diferentes caminhos, construindo um mapa, foi a potência da experimentação. Leio experimentando. Só depois que, de fato, experimentei o que medito e escuto, sou capaz de escrever. A escrita é mais demorada, trabalhosa e afetante. Requer grandes esperas e tempos de maturação. Depois de fluir numa escrita muito peculiar, dou-me conta do quanto ela tinha sido intensa no trabalho, sendo praticada por mim e por vocês. Surge a necessidade de entender sua composição e suas peculiaridades. Aquilo que buscava compreender intitula-se como escrita ensaísta.

O primeiro texto encontrado foi *O ensaio e a escrita acadêmica* do educador Jorge Larrosa, que problematiza como as políticas de verdades e os saberes dominantes do meio acadêmico impõem certos modos de escrita e eliminam outros, como o ensaio. Ele diz que o trabalho feito na academia cultiva laços estreitos com as palavras. E o que se faz a cada dia é escrever e ler, falar e escutar do mesmo jeito, com mesmas formas de pensamento, seguindo as velhas regras que normatizam a escrita sem questioná-la. Como o autor diz, há uma espécie de conformismo linguístico: fala-se, escreve-se, lê e pensa como ordena o saber instituído, indicação de que o âmbito acadêmico carece de uma revolta linguística e intelectual que abra espaços para um pensar, um ler e escrever de outro modo, um tanto mais singular. Movimento que nós tentamos realizar. Era possível perceber essa manobra na tessitura das cartas.

²⁶² Trechos da carta de uma professora de História.

Tenho vivido essa dificuldade em minha escrita. Dá medo. Adio o início de novos textos. É angustiante cada vez que preciso colocar em palavras aquilo que estudo e vivo. Às vezes penso que me falta maior intensidade na vivência da pesquisa. Outras, não sei se sei aquilo que quero falar. Entro na roda aquela, de que precisamos saber tudo para poder escrever. Pensar, mais que difícil, é arriscado. Não fomos feitos para pensar de maneira criadora. Fomos feitos, esquadrinhas, chinfrados para refletir. Para ser passivos. E é nessa passividade que esbarramos na possibilidade de criação. De produzir este pensamento inventivo que aponta os filósofos da diferença, especialmente Deleuze.²⁶³

Larrosa diz que *a ciência organizada é o lugar dos controles, o lugar das bancas, dos tribunais, das avaliações, das hierarquias, e exclui como o aparente elogio de “interessante” ou “sugestivo” o que não está ajustado ao padrão de consenso.*²⁶⁴ Esse tem sido o predicativo concedido ao ensaio, um tipo de escrita impura, aberta à diversidade de matéria, excluída por boa parte da Academia em virtude de uma potente característica: sua impureza. Sua contaminação com a multiplicidade e a irregularidade, cuidadosamente questionadas por Larrosa neste trecho:

Tudo aquilo que não entra no padrão de alguns paradigmas reconhecidos, tudo aquilo que não se ajusta às classificações em uso, tudo aquilo que não sabe o que é e para que serve, é suprimido e ignorado pelo aparente elogio de “sugestivo”. Também se é excluído com o aparente elogio de “está bem escrito”, como se dissesse: “não sei o que fazer com o que você escreve, não sei o que pensar, até acho que não serve para nada, mas está bem escrito”.²⁶⁵

²⁶³ Trechos da carta de uma professora de História.

²⁶⁴ LARROSA, Jorge. *O ensaio e a escrita acadêmica*. Revista Educação e realidade (online), v.28 – n.2, p.101 – p.115, Julho/Dez. 2003, p.107.

²⁶⁵ Ibid., p.107.

Theodor Adorno, um teórico alemão, autor do texto *O ensaio como forma*, contido na obra *Notas de Literatura I*, também questiona a regulação da escrita e do saber. Adorno denuncia o caminho sinuoso que o ensaio pode induzir, por esse não seguir *as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias*.²⁶⁶ Em seu formidável texto, o autor apresenta algumas pistas que nos ajudam a construir uma noção de como se compõe um ensaio, um tipo de experimento que *não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina*²⁶⁷. Distancia-se assustado, quando se defronta com a violência do dogma. Não se deixa envolver com o pensamento profundo, ideia que vai ao encontro do conceito de pensamento rizomático de Gilles Deleuze: *um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda*.²⁶⁸

No percorrer da pesquisa, encontrei diversos textos que versavam que o ensaio cultiva uma relação com a experiência, com conceitos externos, incluindo, sobretudo, teorias. O ensaio prova da linguagem da experiência, através da qual se transpõe questões da subjetividade e do pensamento. Ele é um experimentar da existência. De acordo com Larrosa, *é um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero de escrita*²⁶⁹. A respeito da experiência, podemos tomar como referência o conceito construído por esse autor: “aquilo que nos toca”. Ensaíar pode ser, antes mesmo de escrever, viver e sentir o que se diz. O ensaio é uma atitude existencial e individual, passível de apresentar variações históricas e contextuais. Tudo depende da visão de mundo do ensaísta. Adorno, no trecho a seguir, problematiza também a experiência:

O ensaio confere à experiência tanta substância quanto a teoria tradicional às meras categorias – é uma relação com toda a história; a experiência meramente individual, que a consciência toma como ponto de partida por sua

²⁶⁶ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.25.

²⁶⁷ Ibid., p.25.

²⁶⁸ DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p.20.

²⁶⁹ LARROSA, Jorge. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. Revista Educação e realidade (online), v.29 – n.1, p.27 – p.43, Jan/jun. 2004, p.32.

proximidade, é, ela mesma já mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica.²⁷⁰

Podemos dizer que o ensaio tem a ver com as circunstâncias que envolvem o viver, com o modo como lidamos com elas e com algumas experiências que produzem. Tem a ver, obstinadamente, com a maneira como lemos e escrevemos. Trata-se de uma atividade que requer constante exercício de leitura e escrita, intermediadas por meditação, práticas também enaltecidas no texto “escritas de si” de Michel Foucault. O ensaísta lê o que escreve e escreve o que lê. Essas práticas inventam devires e problematizações. Larrosa concede, com suas palavras, vivacidade a essa explicação:

Para o ensaísta, a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa, o seu meio de trabalho, mas também o seu problema, o ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê.²⁷¹

Outra questão, caras pesquisadoras, que Larrosa coloca em discussão é a postura de alguns acadêmicos perante o saber, particularmente, aqueles que devoram o conhecimento e em seguida colocam-se contra ou a favor de uma determinada ideia, estabelecendo juízo de valor. Isso nos remete à prática do pensamento dual, repetitivamente questionada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Segundo Larrosa, muitos de nós esquecemos, ou talvez nem sabemos, como suspender a opinião e fazer uma leitura mais demorada e delicada, a qual requeira o exercício de uma sensibilidade perante aquilo que experimentamos. Ler dessa maneira evoca lentidão para pensarmos sobre o quê o texto nos pede, para que possamos ir além de nós mesmos. Romper com o processo reflexivo da leitura e escrita.

O questionamento desse autor nos leva a pensar sobre a falta de experiência e o excesso de opinião. Na nossa era, o sujeito é alguém informado e normalmente um grande opinador. *É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo*

²⁷⁰ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.26.

²⁷¹ LARROSA, Jorge. *O ensaio e a escrita acadêmica*. Revista Educação e realidade (online), v.28 – n.2, p.101 – p.115, Julho/Dez. 2003, p.108.

*de que tem informação*²⁷². Não opinar, não exceder alguns limites da comunicação pode soar estranho para nós que convivemos na era tecnológica, em que tudo é comentado e compartilhado. A questão potente é como podemos estancar o julgamento diário por alguns momentos? Por meio de uma meditação regular e de silêncio? Lendo? Escrevendo? Ensaando? Adorno diz que *o ensaio devora as teorias que lhe são próximas; sua tendência é sempre a de liquidar a opinião, incluindo aquela que ele toma como ponto de partida.*²⁷³

O ensaio suscita uma operação no pensamento, na escrita e na vida, geradora de uma constante problematização e reproblemática do sujeito e do próprio ensaio, como Larrosa ensina. Trata-se de movimentos de experimentação que perpassa por diferentes mecanismos, talvez, possíveis de ser vistos nas cartas que escrevemos. Por estar em constante movimento, o ensaio percorre as linhas do “entre”. Ele *não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório. A sua fraqueza testemunha a própria não-identidade que ele deve expressar*²⁷⁴. Podemos entender que esse tipo de texto tem um caráter mais experimental, está em constante transformação, seu objetivo não é construir um elemento identitário. Ele está sempre em metamorfose:

o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá a pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose.²⁷⁵

O que me provoca, o que me sustenta, o que me orienta? O que me inquieta? Problematizemos.(...) Aqui escrevo de forma singular e pessoal, e acredito que isto seja o fio condutor de nossas dobras. As dobras de Foucault. A fuga de

²⁷² LARROSA, Jorge. *O ensaio e a escrita acadêmica*. Revista Educação e realidade (online), v.28 – n.2, p.101 – p.115, Julho/Dez. 2003, p.22.

²⁷³ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.38.

²⁷⁴ *Ibid.*, p.27.

²⁷⁵ LARROSA, Jorge. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. Revista Educação e realidade (online), v.29 – n.1, p.27 – p.43, Jan/jun. 2004, p.32.

um pensamento representacional que me faz repetir estruturas e esquecer de que posso criar outras formas de educar, de ser e de estar. Educação pressupõe transformação, conforme nos apresenta Rancière. E essa fuga, essa busca, nos trouxe a um mesmo lugar, a um Mestrado em Educação e Tecnologia com todas as surpresas que nos apresenta ao longo do seu percurso. Romper com estruturas dói. Pensar e criar é dolorido também. Nem tudo são flores. Mas afinal, onde estão as flores? Acredito que as flores sejam o próprio processo. A própria caminhada educativa, seja no nosso mundo acadêmico, seja no nosso mundo profissional. As flores florescem e florescer implica em espera e cultivo. Cultivando ao longo do caminho.²⁷⁶

No ensaio, o pensamento se engendra para diferentes direções formando uma tessitura cuja sua densidade depende da fecundidade do pensamento no momento da problematização. O que se compõe é um experimentar de pensamento e de escrita validado durante a caminhada investigativa, conforme os deslocamentos feitos pelo ensaísta na linguagem.

O pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la. Embora o pensamento tradicional também se alimente dos impulsos dessa experiência, ele acaba eliminando, em virtude de sua forma, a memória desse processo. O ensaio, contudo, elege essa experiência como modelo, sem entretanto, como forma refletida, simplesmente imitá-la; ele a submete à mediação através de sua própria organização conceitual; o ensaio procede, por assim dizer, metodicamente sem método.²⁷⁷

Esse modo de vivenciar o ensaio “metodicamente sem método” nos faz lembrar a forma como a cartografia é conduzida. O cartógrafo caminha sem metas fixas determinadas, mas não sem direção. Ele persegue, como já estudamos, o que faz seu corpo vibrar, destoar de sua materialidade na experimentação. É orientado por suas pistas. Ele necessita estar em movimento para que a cartografia se desenrole e abra canais de passagem para a existencialização. Os seus procedimentos? Ele tem liberdade

²⁷⁶ Trecho da carta de uma professora de Língua Portuguesa.

²⁷⁷ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.30.

para inventá-los diante do contexto que se vê inserido. *Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado.*²⁷⁸ Trata-se de um processo inventivo, possível de ser encontrado no discurso cuidadoso de cada uma de vocês. Cada parágrafo das cartas era como se fosse um verso de um poema, era como se fosse a pausa de uma prosa. A cada passo na leitura, era possível sentir a entrega de uma existência, que gentilmente se curvava diante de si, do outro e de suas “dobras”.

Essa entrega depende estritamente da capacidade do ensaísta de se abrir para o mundo. Isso requer percorrer as linhas das incertezas. É um caminho que nos pede habilidade para se colocar à prova, para se questionar as verdades mais entranhadas. O ensaio distancia-se da certeza e leva o ensaísta a aprender durante o processo. Como um estrangeiro, ele se vê obrigado a aprender a falar uma língua sem dicionário. Ele aprende experimentando o saber, visitando os diversos contextos que a vida lhe proporciona. *O ensaio não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza.*²⁷⁹

Cada linha me leva para lugares que outrora foram abafados, reprimidos, potentes, assim como a vontade de escrita. É como ficar na inércia: pensar um pensamento de si. Quebrar as certezas e problematizar os ruídos que fazem eco em nós.²⁸⁰

A respeito dos conceitos desenrolados na trama de nossa experimentação, aprendi que eles são *expostos de modo a carregar os outros, cada conceito deve ser articulado por suas configurações com os demais.*²⁸¹ Isso acontece porque o ensaio recusa o conceito superior. Podemos pensar na ideia de rizoma pelo modo como o teórico refere-se ao ensaio?

²⁷⁸ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.66.

²⁷⁹ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.30.

²⁸⁰ Trecho da carta de uma professora dividida entre os seus desejos e a maternidade.

²⁸¹ *Ibid.*, p.31.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma.²⁸²

Adorno nos diz que a articulação entre esses elementos no ensaio não constrói nenhuma estrutura ou andaime. Não poderíamos pensar na conexão entre os rizomas? Como se daria essa configuração? De acordo com Adorno, esses elementos funcionam em razão de seu movimento. Essa configuração *é um campo de forças*²⁸³. Penso na conexão dos rizomas, passível de ser interrompida a qualquer momento, do mesmo jeito que o ensaio:

O ensaio também não deve, em seu modo de exposição, agir como se tivesse deduzido o objeto, não deixando nada para ser dito. É inerente à forma do ensaio sua própria relativização: ele precisa estruturar como se pudesse, a qualquer momento, ser interrompido. O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-lo através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada. A harmonia uníssona da ordem lógica dissimula a essência antagônica daquilo sobre o que se impõe. A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito suspenso.²⁸⁴

Esse modo de escrever fluiu no decorrer da elaboração das cartas, algumas trouxeram um contentamento e uma espécie de acolhimento. Pude perceber que as dores, os cansaços e os questionamentos não eram estritamente meus no processo investigativo. Ao mesmo tempo, as potentes palavras, que expressavam o cuidado com o dizer, trouxeram-me outros conhecimentos, abriram passagem para novos modos de existencialização e, principalmente, colocaram-me em suspensão. Queria aprender.

Da tua carta... puxo literalmente das linhas têxteis literárias, um feixe de linhas que se transformam em cordas. Cordas desejanter de navegar... mas que ora se

²⁸² DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007, p.13 – p.14.

²⁸³ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.31.

²⁸⁴ *Ibid.*, p.35.

tramam e se cruzam dando voltas e se transformando em redes. Redes que não só trazem os frutos do mar, mas que também trazem o inesperado, não me importo se está leve ou pesado, mas durante este momento o que percebo é que posso vivenciar o que se passa neste instante, que por pouco parecia papel amassado que de tanto ser lido perde seu destino... vai para quem o encontrar ao vislumbrar o movimento corrente. Parece que está seguro neste invólucro bem arrolhado, poderá percorrer um longo percurso turbulento que sua poesia mesmo que estonteada, não perderá a nitidez para quem a resgatar... dar abrigo e deixá-la aos pés do candeeiro sob a luz que por momentos, mesmo que permita tremular a escrita, não permite que olhos/corações palpitem sem se tornarem aprendizes nas buscas mais intensas de significações dos gritos internos e externos vivenciais. Como se aprende?²⁸⁵

A leitura das cartas foi um momento de encontro entre corpos e suas afecções. Alguns um tanto imprevisíveis, capazes de enfraquecer o sistema. Espinosa propôs aos pensadores de sua época que questionassem as potências do corpo: “não sabemos o que pode o corpo”. Sua questão era uma provocação e interrogava os *mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões*.²⁸⁶ Isso nos remete ao “cuidado de si”. Como nos movimentamos através das cartas? Conseguimos trazer à tona as questões do corpo? Espinosa dizia que não há qualquer superioridade da alma sobre o corpo. Gilles Deleuze na obra *Espinosa – Filosofia prática* – questionava: o que Espinosa quer nos dizer quando toma o corpo como modelo? *Trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos*.²⁸⁷

²⁸⁵ Trecho da carta de uma professora de Artes.

²⁸⁶ DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002, p.23 – p.24.

²⁸⁷ *Ibid.*, p.24.

Deleuze afirma que quando um corpo encontra *outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão de suas partes.*²⁸⁸ Quando encontramos com outro corpo e o nosso corpo se compõe, adquire força, somos afetados. E, nesse caso, por uma força que traz potência para o nosso corpo: a alegria. Ao contrário, quando *um corpo ou uma ideia ameaçam nossa própria coerência, sentimos tristeza.* Que tipos de encontros conseguimos produzir através das cartas? Ou por meio do caminhar na cartografia?

Voltando a esta época, percebo que o modo como eu dou sentido ao mundo já vêm sendo desacomodado antes mesmo do advento "mestrado em Educação". Há um filme, chamado Amor além da vida, em que o protagonista diz o seguinte: Às vezes quando a gente ganha, a gente perde. Às vezes quando a gente perde, a gente ganha. Eu me perdi no descontrole da doença, na histeria da cegueira. Assim, como o silêncio pode nos dizer muito, a escuridão pode desvelar o não visto. Nos longos meses de resguardo para recuperação de uma cirurgia neurológica, fiz uma espécie de "balancete da vida"; percebi desequilíbrios e a urgência de mudanças. Algumas destas mudanças foram sutis. Todavia aquelas mais radicais reverberaram em outras alterações. Uma destas mudanças radicais foi de ordem profissional: abandonei o "jaleco branco" para ir trabalhar numa instituição de ensino. Mais tarde, retomei o "jaleco branco" num curso de mestrado em Bioquímica. Daí surgiu um problema: os jalecos já não se ajustavam ao meu corpo ou meu corpo já não se ajustava aos jalecos (não sei o que veio primeiro). Estranhamente, os experimentos não faziam mais sentido. Eu me sentia perdida; Mas às vezes se ganha quando se perde,

²⁸⁸ DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002, p.25.

lembras?! Resolvi trancar a matrícula no mestrado em Bioquímica e experimentar o mestrado em Educação.²⁸⁹

Outra questão que pululou nas nossas escritas foi a prática do “cuidado de si”. Era possível perceber a atenção de cada uma de vocês com suas questões individuais que, pela maneira como eram problematizadas, tornavam-se coletivas. O que vem a ser o “cuidado de si” estudado por Michel Foucault?

Além de uma atitude, o “cuidado de si” requeria um “olhar de atenção” do sujeito para que ele buscasse *converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”*²⁹⁰. A ousadia está em curvar-se diante do que se vê e do que se pensa para vivenciar e criar outras intensidades de saberes, como tentamos fazer através do ensaio. A ideia é estar atento ao que acontece no pensamento com intuito de realizar ações que problematizem a vida, para, possivelmente, conseguir percorrer uma transformação.

De que maneira o “cuidado de si” poderia contribuir na formação de cada uma de nós? Vejo tamanha importância dessa questão. Como a formação pode ser mais questionadora, capaz de levar os indivíduos a pensarem sobre si e o mundo, como se fazia no modelo platônico, inserido no período socrático-romano (século III – IV)? Ter cuidado com a nossa existência. Problematizar a nossa formação, como tentamos fazer por meio das cartas.

Há neste jeito de fazer pesquisa, de viver a pesquisa uma necessidade de atenção constante, um cuidado de si, como apontaste. É um trabalho de formiguinha, onde precisamos estar atentos às coisas mais banais. É um trabalho de constante movimento. Precisamos estar em todo lugar atentos aos signos que nos são emitidos, para que aquilo que pode

²⁸⁹ Trecho da carta de uma professora que abandonou os jalecos brancos.

²⁹⁰ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.14.

nos interessar nos escape. Tenho pensado muito nos desenhos de escrita...²⁹¹

Aliar o “cuidado de si” - uma prática capaz de levar o indivíduo a *retornar a si, liberar-se, ser si mesmo, ser autêntico*²⁹² - com nosso processo formativo e a nossa escrita ensaísta pode ser uma maneira de *reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os mistérios da vida*²⁹³. Será que não teríamos a composição de uma formação mais problematizadora e experimental ao atrelar essas práticas? Uma formação que pergunte mais do que afirme? Que estimule mais do que normatize? Que liberte mais do que discipline? É possível que sim, visto que o “cuidado de si” pode corporalizar um pensar baseado em questionamento e atenção com a subjetividade do sujeito. Ele constrói um ambiente propício para a experimentação do pensamento, ao invés da sua reprodução. Abre-se um espaço para a experimentação da vida por outro viés. Ainda que isso possa causar algum estranhamento. É essa esquivança que pode levar a uma reinvenção da vida, proporcionada *ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito*²⁹⁴. Experiências que vivemos com a troca das cartas e com a escrita, quem sabe, ensaísta.

Escreve ensaisticamente quem compõe experimentando; quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa...; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever.²⁹⁵

Que tenhamos um belo encontro de pensamentos.

De uma cartógrafa

²⁹¹ Trechos da carta de uma professora de História.

²⁹² FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.225.

²⁹³ GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990, p.16.

²⁹⁴ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.16.

²⁹⁵ ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003, p.35 – p.36.

Forças, inquietações e incitações

Escrever sob a orientação das Filosofias da Diferença foi um desafio e uma aventura. Por várias vezes, tive a sensação de estar sendo controlada pelos aparatos da linguagem. Tive de aprender a falar, a pensar e a escrever sob um novo olhar. Aquilo que queria dizer não fluía como antes. A escrita, por diversas vezes, parecia uma grande engrenagem entrevada. Procurava as palavras, ao contrário do que desejava, surgiam somente as que me direcionavam a outra lógica de pensamento, que, com afinco, estava entranhada em mim. Eu, como uma criança em processo de alfabetização, com o dicionário ficava a brincar, aprendendo a balbuciar distintos vocábulos com intuito de constituir um vocabulário díspar. Talvez, tomada por um “devir-criança”, conceito Deleuziano. Na fase inicial do trabalho, coloquei-me à disposição para escrever com outra composição. Um tanto mais viva e potente. E uma das propostas da minha orientadora foi o corte das conjunções do texto para destoar da escrita acadêmica tradicional, aquela considerada mais cinza. A ideia era construir uma escrita mais densa, obstaculizada. Talvez, tenha alcançado esse intento. Ainda que tenha, no percurso do pesquisar cartográfico, me dado conta que essa aposta tenha gerado alguns riscos. Escrever fora da ordem habitual, ocultando os elementos articuladores, requereu do corpo uma alta energia para criar estruturas frasais, ao ponto de trazer um grande desequilíbrio emocional. Levando-me a traçar uma linha de morte, como dizem Deleuze e Guattari. O que fiz perante essa situação? Tentei diminuir os fluxos de linhas sensíveis. Comecei a pensar demasiadamente antes de fazer escolhas. Havia outras direções, ainda assim resolvi seguir a caminhada pela mesma trilha. Desistir da proposta lançada e aderir a outra requisitória mais fôlego que, naquele momento, eu não possuía. Escrever de acordo com essa proposta dava a sensação de que o vocabulário estava dissecado, trabalhei com poucas e simples estruturas de frases. Orações menores, desviantes, que pareciam passos de alguém que estava aprendendo a caminhar em direção a uma outra lógica de pensamento. Cada vez que lançava mão de uma estrutura que, para mim, tornaria o texto mais robusto, era capturada pelo próprio discurso. A experiência proporcionada pelas Filosofias da Diferença requereu um exercício que está além do bem escrever. Nada tem a ver com o domínio da gramática tradicional. Por mais difícil que seja reconhecer, o que aprendi neste mestrado foi pensar de maneira enviesada e colocar para fora de modo potente o que se sente, respeitando as outras linhas de pensamento e experimentando algumas multiplicidades. Construimos casulos

na escrita com as verdades que carregamos. E, às vezes, nem sabemos o motivo pelo qual tomamos posse desse escrever, gastando uma energia com gritos de verdades que nem se quer são nossos. Lembrei-me das peles! Camadas e mais camadas. Caminhar com esse peso pode nos colocar em inércia e tirar toda a nossa energia vital. Caminhar é necessidade, parar no tempo também pode ser. *Parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes*, como diz Jorge Larrosa. E buscar entender os motivos pelos quais nos comportamos assim, carregando crenças que destoam do nosso pensar. Talvez, amedrontador seja assumir o papel de uma figura insipiente, distante do saber por vezes. Por isso, para muitos, o caminho mais trivial acaba sendo ser alguém munido de certezas. O “cuidado de si” permitiu-me pensar a figura do professor, quem é esse indivíduo, como manuseia o seu próprio fazer, como lida com as suas inquietações. O que faz com tudo isso? E se faz algo. E quais as consequências de sua submissão àquilo que lhe torna alheio a si mesmo? Compus um caminhar cartográfico que direcionou essas questões para mim. Esfacelei-me por intermédio de uma escrita para me afastar daquilo que me torna menos potente, compondo encontros tristes. Compreendi como me torno realizada dentro da escola. Descobri que posso exercer uma outra professoralidade em novos espaços, diferentes do âmbito educacional. E que isso não configura uma desistência. Não deixo de ser professora. São novos caminhos se engendrando. Entendi também que escrever, fazer desenho de si no papel é uma necessidade básica para mim e, talvez, possa ser também de todo e qualquer ser humano, pois as palavras proporcionam forças que inquietam, contribuindo com o exercício de uma liberdade e a composição de uma vida singular, algo tão desejado por tantos de nós. O caminhar na cartografia compôs um artístico modo de ler e de escrever. Experimentava com obstinação o que lia e lia com leveza e cuidado o que experimentava, deixando que o desejo, pelos poros, saísse. Só depois de sentir as intensidades dessas relações é que conseguia dar corpo a uma matéria em forma de escrita. Perante a essa nova maneira de se relacionar com o texto, desfrutava dos conceitos de forma ética. Nesse traçar de pensamento, não há nenhuma palavra e nenhum conceito que não tenham sido acolhidos por um motivo específico. Cada conceito era encaixado somente se, portador, fosse de um fio que o ligasse ao meu pensamento e ao das professoras. Essa postura era assumida de maneira criteriosa e firme, pois nesse tipo de pesquisa, não é o conceito que sustenta o texto. É a experiência do pesquisador que sustenta o conceito acolhido no texto. Entreguei-me de *corpo-e-*

*língua*²⁹⁶ para viver uma escrita que assumiu várias substâncias. Por vezes, densa. Por outras, cristalina. Por outras, maleável. Por tantas outras vezes, fragmentada. Rachada. Fora do eixo. Desarticulada. Uma escrita que quebrava a linearidade da oração, do próprio texto, do pensamento, que rachava, desfigurava o rosto do escritor e solicitava, do leitor, uma capacidade de ler com os olhos, com os ouvidos, com a pele, com o corpo seu e o do outro. Uma escrita desenhada para um povo que está por vir, talvez, aquele que estivesse por chegar ao grupo de pesquisa “Experimenta” e, quem sabe, em outros lugares. Uma escrita tecida por várias vozes que tornaram visível algumas texturas de pensamentos. Vozes que se encontraram, palavras que se entremearam, dando corpo a um novo texto, que, dependendo da maneira como fosse lido e por quem fosse lido, produzia um determinado sentido. Trata-se aqui de um trabalho que rogou constantemente cuidado acerca de um texto, de algumas palavras, de cartas, de um si e de um corpo coletivo, delineando um mapa móvel. Um mapa que se desenhava na constituição de percursos singulares, feitos de sinuosas curvas que impediram o pesquisador de ver o que estaria por vir. Só foi possível experimentar o “não saber”, após fazer a curva, quando o corpo deslocava sua força para uma direção que lhe levaria ao encontro daquilo que, ainda, era desconhecido. Várias intensidades chocaram-se com o meu corpo após a curva. Destaco a conversa com um corpo de professoras. Nunca imaginei que esse encontro de vozes múltiplas levaria à descoberta de uma possível escrita ensaísta, tão particular, que possui características semelhantes às da Cartografia. Nesse instante, ao contrário do que era esperado, como pesquisadora, tomei mais fôlego, mais força e investi nos jogos com a palavra, compondo uma outra linguagem. Em cada capítulo, essa linguagem adquiria uma nova textura, um novo tônus. O texto “o ensaio como forma de uma existência”, além de trazer potência para um corpo de professoras, produziu no trabalho cartográfico uma espécie de “dobra”, fortalecendo a ideia de que a possibilidade de continuar ainda é um desejo. Até breve!

²⁹⁶ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, p.66.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. Coleção Espírito Crítico: Ed. 34, 2003.
- BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2007, p.13.
- COSTA, Maria Varraber (Org). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. LARROSA, Jorge. *Literatura, experiência e formação*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2007.
- _____, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Disponível em:<
<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>> Acesso em: 16 abr. 2017. p.147.
- _____, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em:
 <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1997.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed 34, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007.
- FILHO, José Paulo C. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Editora: Record, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992.
- _____, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____, Michel. *A ordem do discurso*. 9ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2003.

- _____, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____, Michel. *O belo perigo*. Conversa com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GALLI, Mara. F.; NASCIMENTO, Maria. L.; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2004.
- KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2009.
- LARROSA, Jorge. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. Revista Educação e realidade (online), v.29 – n.1, p.27 – p.43, Jan/jun. 2004.
- _____, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002, nº19.
- _____, Jorge. *O ensaio e a escrita acadêmica*. Revista Educação e realidade (online), v.28 – n.2, p.101 – p.115, Julho/Dez. 2003.
- _____, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. – 5. ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia/Paulo Leminski*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Ed. 23, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964, p.23.
- MAURICIO, Eduardo e MANGUEIRA, Maurício. *Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 2, p. 293-304, Maio/Ago. 2011.

PEREIRA, Marcos. *Estética da Professoralidade*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013.

_____, Marcos Villela V. *O desafio da tolerância na cidade contemporânea*. In: PORTO, Tânia Maria E. (org) *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003.

RAMOS, J. do Ó. COSTA, M. *Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo*, IN: *Educação e realidade*. - UFRGS/RS, set./2007, p.111. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6653>> Acesso em: 27 jan. 2015.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007.

_____, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico* In: *Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica*. PUC/SP, set./fev. 1993.

ANEXO A – Carta de uma professora de Língua Portuguesa

Pelotas, 03 de Agosto de 2016.

Querida Juliana,

Começemos. Em algum momento temos de começar e por algum lugar, por alguma provocação. O que me provoca, o que me sustenta, o que me orienta? O que me inquieta? Problematizemos.

Agradeço o convite ao pensamento, às dobras que tua escrita, Juliana, me convida neste momento de imersão em que estamos inseridas.

Coragem. Coragem! A coragem de pensar e repensar onde estou e o que estou vivendo. Aqui escrevo de forma singular e pessoal, e acredito que isto seja o fio condutor de nossas dobras. As dobras de Foucault. A fuga de um pensamento representacional que me faz repetir estruturas e esquecer de que posso criar outras formas de educar, de ser e de estar. Educação pressupõe transformação, conforme nos apresenta Rancière. E essa fuga, essa busca, nos trouxe a um mesmo lugar, a um Mestrado em Educação e Tecnologia com todas as surpresas que nos apresenta ao longo do seu percurso. Romper com estruturas dói. Pensar e criar é dolorido também. Nem tudo são flores. Mas afinal, onde estão as flores?

Acredito que as flores sejam o próprio processo. A própria caminhada educativa, seja no nosso mundo acadêmico, seja no nosso mundo profissional. As flores florescem e florescer implica em espera e cultivo. Cultivando ao longo do caminho.

O atrever. Viver já me parece um grande atrevimento. Escolher, romper, questionar. Pensar já me parece um grande escândalo. Sair do automatismo tão criticado e ironizado por Charles Chaplin em Tempos Modernos e criar outros modos de existência dentro de uma existência controlada pelo governo, pelo Estado, conforme Foucault explicita em seus textos. Atrever-se a escrever de uma outra forma é uma grande aventura. Um convite aceito por mim também. Rever a maneira de expressar um pensamento, de concretizar uma ideia advinda de nossos estudos e experimentações ao longo de uma pós-graduação que rompe com a forma de escrita acadêmica mais formal me parece uma grande mudança. Uma escrita mais convidativa, talvez mais próxima de quem me lê. Uma aproximação com o outro. Um não estar só nesse processo. Uma negação à castração e um convite à criação de ideias. Um convite ao pensar. E encaro também

enquanto uma nova forma de viver no meio acadêmico. Um grande e escandaloso atrevimento! Ainda me acostumando e gostando. Não renego a antiga escrita acadêmica, mais séria, mais cinza. É um outro lugar de escrita.

Um novo lugar! Foi assim que pensei quando aqui (MPET) cheguei para experimentar novos conhecimentos. E também me apaixonei pela Filosofia da Diferença. Claro que sigo rompendo com estruturas, e isto é interessantíssimo. Movimentar águas que estavam cristalizadas é sempre muito bom, mesmo que num primeiro momento assuste. Uma sensação de insegurança entre aquilo que já estava pensado e aquilo que estava por começar a pensar. Um envolvimento com o sensível que até então estava adormecido. Um convite ao movimento!

Um movimento que me faz falar e questionar. Esse convite ao pensamento me faz falar e perguntar. Esqueço do silêncio e abraço a palavra. A minha e a do outro. E assim estou percebendo o quanto o outro é importante para mim. Uma união invisível e talvez fragmentada, pois vivemos de pequenos instantes – os instantes-já de Clarice Lispector – e os encontros de Jorge Larrossa. E nesses pequenos encontros acadêmicos vou me refazendo enquanto jovem questionadora de um sistema. Para deixar de estar inserida e passar a ser constituidora enquanto criadora. Afinal, não é isto o que nos move? Aquilo que nos impulsiona a um crescimento intelectual, a uma ruptura com antigas estruturas?

Obrigada pelo convite, foi uma boa tarde de ideias voadoras buscando um porto.

ANEXO B – Carta de uma professora de Artes

Uma aprendiz aprendendo com as costuras e tramas

Preciso responder a uma poeta/pesquisadora. Mas mais que pesquisadora, uma escritora que interpreta sonhos; por vezes em terra, e por vezes por mar, mas que entre um e outro, interpreta produzindo entres que se agenciam dando vida aos traços contínuos e tracejados intermináveis.

Da tua carta... puxo literalmente das linhas têxteis literárias, um feixe de linhas que se transformam em cordas. Cordas desejantes de navegar... mas que ora de tramam e se cruzam dando voltas e se transformando em redes. Redes que não só trazem os frutos do mar, mas que também trazem o inesperado, não me importo se está leve ou pesado, mas durante este momento o que percebo é que posso vivenciar o que se passa neste instante, que por pouco parecia papel amassado que de tanto ser lido perde seu destino... vai para quem o encontrar ao vislumbrar o movimento corrente. Parece que está seguro neste invólucro bem arrolhado, poderá percorrer um longo percurso turbulento que sua poesia mesmo que estonteada, não perderá a nitidez para quem a resgatar... dar abrigo e deixá-la aos pés do candeeiro sob a luz que por momentos, mesmo que permita tremular a escrita, não permite que olhos/ corações palpitem sem se tornarem aprendizes nas buscas mais intensas de significações dos gritos internos e externos vivenciais. Como se aprende? ...

Aprender e ainda relembrar, cada momento vivido no passado é uma busca do aprendizado. Os signos são objetos de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. É considerar uma matéria, um ser como se emitisse signos a serem decifrados interpretados. Não existe aprendiz que não seja estudado ou manipulado alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, o médico estudando doenças. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos (DELEUZE, 2005, p. 4).

Juliana... sigo nestas linhas não lineares.. me emocionas sempre com tua escrita que me remete logo a desejar também escrever mais e mais.

Minha gratidão pelo envio e confiança com tua carta nos percursos de tua pesquisa.

ANEXO C – Carta de uma professora de História

Agosto de 2016

Juliana Nunes... Ju, é com grande satisfação que aceito teu convite a estas experimentações. Tua escrita, antes de qualquer outra sensação me deu muita alegria. Foi com grande leveza e felicidade que me alimentei das palavras, das tuas inquietações. Sinto nas tuas provocações o carinho e angústia com que cada uma delas permeia tua escrita, tua vida. E por fim, sinto o quão maravilhoso é poder vomitar estas sensações e compartilhar. Mais do que isso, que bom saber que outros compartilham de nossas dificuldades, desse não saber, é como se tivesse outros que nos ajudasse a segurar a carga, aliás a falta de carga. Esse esvaziamento de conhecimento que nos é roubado quando entramos em contato com as obras da filosofia da diferença.

Tu abres a carta logo com a diferença, aliás o próprio amassar das folhas traz essa novidade de proposição de uma escrita. De um abandono daquilo que é asséptico. A escrita desta carta traz marcas de guerra, não somente naquilo que diz, mas na forma como se apresenta, amassada, pontilhada, com letra irregular, a heterogeneidade da vida.

Tu fala da DOR, na carnalidade do ato de escrita, no ato de pensar, dessa necessidade de trazer a superfície aquilo que anos, muitos anos de formação foi nos interiorizando. Nos entravado. Compartilho contigo esta dor. E penso que não sangramos por conta desta necessidade de fazer superfície, mas a dor acontece porque ao fazer-se superfície nossas verdades se esvaem. Ficamos sem ter onde nos agarrar. Fica em nossas mãos as responsabilidades dos mundos que criamos. É nossa pura, absoluta responsabilidade, a partir desse desfazimento, sabemos que são nossos modos de estar no mundo que fazem dele que é.

Como licenciada em História, venho de uma formação que se deseja Científica. Não que o que fazemos não seja ciência. Mas, o que quero dizer aqui, que os métodos e teorias que nos cercam enquanto tal, nos formam para o afastamento pesquisador-objeto, assim como na maioria das outras formas de pesquisa. Pensemos no seguinte, tudo que a humanidade fez, sentiu, criou, todas as ações que envolvem a humanidade no tempo são possíveis de serem historiadas, desde que sejam observadas as regras de pesquisa

histórica. Diante desse quadro confortável, pois embora pareça exigente, é confortável, está diante de mim o modelo a ser seguido, não tive, sequer cogitei um modo diferente de fazer pesquisa. Sequer, questionava esse modo de fazer pesquisa.

Havia um deslumbre enorme com a possibilidade de fazer pesquisa, de ser uma cientista. Que aquela maneira se tornou um dogma a ser seguido, para que no final eu atingisse o paraíso acadêmico. No entanto, todo crente tem um pouco de herege, afinal o que sustenta os dogmas, são as possibilidades de controle sobre os crentes. Minha heresia, durante aquele período era com a sala de aula, me incomodava e me incomoda aquele jeito de dar aula. De entender e perceber os alunos. Não entendia, e ainda não entendo, a necessidade que há de controlar os alunos e pensar que no final eles têm que saber tudo. Aliás, que eles necessitam aprender cada parte de um carregado, pesado e em alguns momentos, desinteressante currículo de história.

Incomodada com esse espaço de sala de aula, afinal, me formei professora e queria e quero ser a melhor no que faço. Então, busquei pela continuação de minha formação. Caindo em meus braços, em meu colo, como chuva densa, que encharca o corpo todo, a especialização em Educação do IFSul -Campus Pelotas. Escolhi a linha Filosofia, Arte e Educação por acreditar que Formação de Professores e Tecnologia e Educação dizer pouquíssimo ou nada sobre o aluno. Interessava-me na época saber, conhecer o aluno, para assim me preparar para estes sujeitos. E assim, através da linha de pesquisa na especialização, bem como a orientação do professor Goy, nesse período é que me foi apresentada a filosofia da diferença e esse outro jeito de ver as coisas, de fazer pesquisa.

Diante do panorama de formação apresentado e ainda acrescento, minha primeira formação é no ensino técnico. Acreditei durante muitos anos da minha vida que a única maneira de estar no mundo era ser uma rocha. Dura. Daquela que estão encravadas na terra profundamente. Daquela que seria preciso dinamites para que se conseguisse atingir sua sedentariedade. Para se olhar o que estava por debaixo. A dinamite não foi preciso, pois a água contorna as rochas e com este contorno, a esculpe. Toca. Violenta. E, mesmo encravada na terra, faz-se movimentar.

Assim como a água, as escritas da filosofia da diferença, tem me contornado, dado outras formas, e de algum modo, me tira deste sedentarismo. Vai, me puxado. Água, deixa os terrenos, os territórios movediços. E com seu passar, vai escavando a terra e em

alguns momentos, torna visível, aquilo que se esconde por debaixo da rocha. Em alguns momentos, traz a superfície aquilo que se escondia.

Este deixar escavar não tem sido um processo tranquilo. Perdemos o fôlego. Perdemos o modelo, aquele de fazer pesquisa e escrever sobre ela. Perdemos o modelo aquele, de rocha. E vamos nos esculpindo. Agindo como água em nós enquanto rocha. Esse processo é doído. Nos força a ler no entorno. Nos força a fazer escolhas pelos modos como nos apresentamos no mundo. Para além disso, nos força a criar outros modos, próprios, construídos com talhadeiras e martelos saídos de nosso corpo.

Penso que a forma como escrevemos, ou melhor, o fato de entrar em contato com estes jeitos de pensar é a subversão dos modos que foram apresentados para nós durante a vida. São os microterrorismos que nos propomos a viver, experimentar. Quer forma de terror maior que estar em um espaço institucionalizado como a escola, e te propor a dar uma aula não convencional. A partir do caos que os alunos te oferecem. Isso assusta a nós, mas principalmente, àqueles que terão que lidar conosco e com estes estudantes. É difícil, e às vezes as instituições ou quase sempre as instituições são sagazes em nos castrar. Mas, já experimentamos o buraco no guarda-sol e estes firmamentos nos alimentam, são sons, texturas, aromas que nos agradam os sentidos.

Tendo a concordar contigo, quando falas da impossibilidade de escrita rizomática sem a vivência, sem fazer disso parte de nossa vida. Estamos tão acostumados a pensar que experimentar é somente possível em laboratório, que em alguns momentos, ao menos comigo, tentei agir com relação aos conceitos, ao método da cartografia, como uma pipeta, uma placa de petri. Mas, isso foi completamente quebrado, estilhaçado, quando consegui ter esta compreensão acerca destas escritas. Tanto que o artigo para especialização foi escrito a partir da vivência de uma experiência. Do desfazimento daquela rocha que mencionei.

A professora Cynthia em vários momentos diz que pensar dói. Que pensar requer um esforço físico. Que pensar é nos tirar da razão e as vezes nos jogar para o sem razão. Para o sem palavras. Gaguejamos. Balbuciamos palavras incompreensíveis. A professora Cecilia me dizia na defesa da minha qualificação que é visceral. Falamos com gestos em nossos corpos.

Tenho vivido essa dificuldade em minha escrita. Dá medo. Adio o início de novos textos. É angustiante cada vez que preciso colocar em palavras aquilo que estudo e vivo. Às vezes penso que me falta maior intensidade na vivência da pesquisa. Outras, não sei se sei aquilo que quero falar. Entro na roda aquela, de que precisamos saber tudo para poder escrever. Pensar, mais que difícil, é arriscado. Não fomos feitos para pensar de maneira criadora. Fomos feitos, esquadrinhas, chinfrados para refletir. Para ser passivos. E é nessa passividade que esbarramos na possibilidade de criação. De produzir este pensamento inventivo que aponta os filósofos da diferença, especialmente Deleuze.

Tenho dúvidas se conseguimos romper em absoluto com esta passividade. Há neste jeito de fazer pesquisa, de viver a pesquisa uma necessidade de atenção constante, um cuidado de si, como apontaste. É um trabalho de formiguinha, onde precisamos estar atentos às coisas mais banais. É um trabalho de constante movimento. Precisamos estar em todo lugar atentos aos signos que nos são emitidos, para que aquilo que pode nos interessar nos escape.

Tenho pensado muito nos desenhos de escrita, nos jeitos de escrever, no estilo. Afinal, penso que no estilo de escrita pode ressoar um pouco dos territórios que temos construído. Mas outro dia, me pegava a pensar, que às vezes não há necessidade de rompimento completo com os jeitos institucionais de escritas, mas que estas fissuras podem vir da forma como construímos o texto. Do jeito como fazemos a pesquisa. Da forma como dou aula. Da forma como aprendo, e como aprendo! Com os alunos. Eles me potencializam, me desafiam a produzir com eles mundos que antes não seriam possíveis.

Não tenho certeza da multiplicidade da minha escrita. No entanto, já consigo perceber a multiplicidade de personagens que me habitam. Que me constituo, que me torno quem sou a partir de inúmeras facetas diárias. No entanto, ainda não consigo perceber essa multiplicidade na escrita, e, por conseguinte, como pesquisadora, que faz de si objeto de pesquisa. Tão pouco percebo essa multiplicidade como professora, como filha, como esposa, irmã, estudante. Ainda paira em mim a separabilidade de cada uma destas entidades, como se as outras não existissem. Esforço-me para que esta multiplicidade em algum momento consiga juntar-se a escrita e dar corpo, movimento para dissertação, e fazer disso mãos que escrevam com a pesquisadora.

Encerro estas linhas como trecho de uma poesia do William E Henley:

“Por ser estreita a senda - eu não declino,

Nem por pesada a mão que o mundo espalma;

Eu sou dono e senhor de meu destino;

Eu sou o comandante de minha alma.”

Com carinho,

ANEXO D – Carta de uma professora que deixou os jalecos brancos.

Pelotas, 30 de julho de 2016.

Juliana,

Neste sábado ensolarado escrevo em resposta a tua carta. De antemão, aviso que escrevo quanto leio a carta pela primeira vez, pois já nos primeiros traçados da tua escrita, sinto que ela me afeta. Logo, para que pouco ou nada desta experiência me escape por entre os dedos, agora mesmo deixo que as palavras vertam do meu corpo para a tela do computador.

Provavelmente, esta será uma experiência de algumas longas horas, talvez de alguns dias. Leio *devagar porque já tive presa*¹ e, neste deslocamento vagaroso, vou “ruminando” as palavras, degustando as ideias. E quanto à escrita! Esta não é nada fácil! Como disse Clarice Lispector: *escrever é duro como quebrar rochas*², *mas voam faíscas e lascas como aço espelhado*³. Mas, vamos adiante!

Antes de participar do mestrado em Educação, eu nunca havia sentido esta “dureza” da escrita, muito embora, só agora eu sinta certa leveza ao escrever. Eu sei! É paradoxal mesmo! Por isso já explico. Para orgulho de meus progenitores, concluí o curso técnico em Química e logo consegui um emprego. Depois, para o meu orgulho, concluí o curso superior como tecnóloga em Controle Ambiental. Na sequência vieram uma especialização e um mestrado incompleto. Resumindo: passei mais de 10 anos (e isso é mais do que um terço do que vivi até aqui) vestindo jaleco branco, respirando químicos, manipulando vidrarias e fazendo experimentos. E quanto às escritas: eram mais relatos do que criações. Eu descrevia mais do que escrevia. Mas na época essa “descrição” não me incomodava. Eu pensava que todo o conhecimento se produzia assim: pelo relato científico, pela descrição dos resultados de experimentos.

Voltando a esta época, percebo que o modo como eu dou sentido ao mundo já vêm sendo desacomodado antes mesmo do advento “mestrado em Educação”. Há um filme, chamado *Amor além da vida*⁴, em que o protagonista diz o seguinte: *Às vezes quando a gente ganha, a gente perde. Às vezes quando a gente perde, a gente ganha*. Eu me perdi no descontrole da doença, na histeria da cegueira. Assim, como o silêncio pode nos dizer muito, a escuridão pode desvelar o não visto. Nos longos meses

de resguardo para recuperação de uma cirurgia neurológica, fiz uma espécie de “balancete da vida”; percebi desequilíbrios e a urgência de mudanças.

Algumas destas mudanças foram sutis. Todavia aquelas mais radicais reverberaram em outras alterações. Uma destas mudanças radicais foi de ordem profissional: abandonei o “jaleco branco” para ir trabalhar numa instituição de ensino. Mais tarde, retomei o “jaleco branco” num curso de mestrado em Bioquímica. Daí surgiu um problema: os jalecos já não se ajustavam ao meu corpo ou meu corpo já não se ajustava aos jalecos (não sei o que veio primeiro). Estranhamente, os experimentos não faziam mais sentido. Eu me sentia perdida; Mas às vezes se ganha quando se perde, lembra?! Resolvi trancar a matrícula no mestrado em Bioquímica e experimentar o mestrado em Educação.

Foi como aluna especial que experimentei uma escrita diferente de tudo o que eu havia produzido até então: uma escrita que se constitui a partir daquilo que me afeta; uma escrita que revela mais do que relata; uma escrita que cria e não mais descreve. Clarice Lispector não se enganou: escrever é duro como rocha! Porque nesta escrita criativa temos que nos “despir” das opiniões, do senso comum, das ideias estruturadas. No entanto, sinto que nesta escrita criativa há certa leveza que talvez resulte desta “nudez” de opiniões.

Quanto ao teu convite para *percorrer outros mundos, desmanchar, nem que sejam no ato da escrita, as verdades que tiram a potência da vida e endurecem os corpos*, o aceite já foi dado antes mesmo de formulares a pergunta. Digo isto por dois motivos: primeiro porque já me vejo percorrendo estes *outros mundos* desde os primeiros contatos com as Filosofias da Diferença; e segundo porque este texto já se constitui como um aceite e comecei a produzi-lo antes mesmo de ler o trecho da carta em que me fazes o convite. Nem bem termino de dizer, vem Clarice Lispector sussurrar no meu ouvido direito: *Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida*⁵. Certo, Clarice! Eu digo. Sim, eu aceito o teu convite, Juliana.

Como tem sido escrever? Acho que novamente respondi antes de perguntares (risos). Paradoxalmente, escrever tem sido uma tarefa dura, mas que resulta em uma leveza. Como expliquei antes: a escrita criativa requer um “despir-se” dos julgamentos, da valoração. E, por vezes, esta “nudez” parece tornar a escrita desprendida, leve e fluída. Todavia, “despir-se” pode ser também mostrar-se, desproteger-se; colocar-se em risco.

Em relação a este *indagar as evidências* de que me falas em tua carta, percebo que isto está muito presente nos referenciais filosóficos que compõem nossas pesquisas. Por consequência, a problematização de algumas “verdades” instituídas tem movido minhas escritas. Os artefatos artísticos também influenciam nossas pesquisas, pois em articulação com referenciais filosóficos, aguçam nosso olhar para questões atuais. Alguns filmes produzidos por Almodóvar, por exemplo, me parecem muito pertinentes para esta problematização do instituído.

Parece-me que só conseguiremos aguçar nosso olhar para o mundo, *indagar as evidências*, se nos “despirmos” daquelas verdades que pensávamos ser nossas. O que não é nada fácil! As certezas nos dão segurança; é pisar em solo firme. Enquanto a dúvida nos desassossega, nos faz “perder o pé”. Mas é no desassossego que nos movemos em direção a *outros mundos*. Talvez estejam aqui algumas das chaves para um pensar diferente: livrar-se das armaduras da verdade; permitir que o desconhecido, nos inquiete e nos mova. *O caos gera a vida, ao passo que a ordem gera o hábito*⁶. Fico com o caos!

Sim, Juliana! Já percebo a diferença na minha escrita. Como eu já comentei, percebo uma leveza na possibilidade de criar mais e descrever menos. Tenho me aventurado na produção de contos. É incrível! Eles emergem do inusitado. De um simples atravessar a rua, por exemplo. E quanto às afetações: elas são numerosas. Gosto de brincar com isto e dizer: virei uma afetada (risos)! Falas, gestos, músicas, filmes, sons, cores, paisagens, tudo parece “dar língua” à pesquisa. Deleuze estava certíssimo quando disse que estar à espreita é terrível. Um animal em vigia!

Para encerrar, pelo menos por hora, reafirmo meu aceite em percorrer junto contigo os caminhos sinuosos da tua pesquisa. Espero que a simplicidade desta escrita contribua para os traçados do mapa cartográfico que de tuas intervenções resultará. Ah! E também que tenhas tido um *bom encontro*, como diria Espinosa, com minha escrita.

Até a próxima experimentação

03 de agosto de 2016...

ANEXO E – Carta de uma professora da área das Tecnologias

Alguns dias de agosto, setembro, outubro, novembro...

O que me afeta? O que sinto? Se sinto? Se já senti? Em todo o tempo de leitura e a partir da escuta da carta, senti, não só a intensidade da vida, o mergulho na experiência de dor, paixão; e, ao mesmo tempo, encontros, alívio, desfazimento de si.

Eu entro no fluxo, não quero parar de ler, fecho os olhos, vou para outra dimensão. Não essa do sujeito violentado com os rótulos, certezas e opiniões, mas para uma dimensão onde o pensamento de si pede passagem, pede voz, pede calma, surge o silêncio, esvaziamento! Porque me afeta, consigo enxergar na tua escrita algumas lágrimas que devem ter rolado com a dor do pensar. E essa dor encontrei no mestrado, onde tive oportunidade de experienciar outros modos de escrita e pensar aquilo que nunca foi pensado antes. Foi quando quebrei as certezas identitárias. Quando enfim deixei o pensamento livre para pensar, não era mais eu: Cíntia, filha, esposa, mãe, aluna, professora, cristã... era uma mistura de desejo, intensidades e dor. No período da escrita da dissertação, ao dormir, nas madrugadas, pois o corpo já não aguentava, os pensamentos continuavam vivos e a mente não queria parar de trabalhar. O desejo presente em todo o momento; e as palavras já não davam conta daquilo que precisava ser escrito. Sim, Juliana, toda a carta me afeta! Cada linha me leva para lugares que outrora foram abafados, reprimidos, potentes, assim como a vontade de escrita. É como ficar na inércia: pensar um pensamento de si. Quebrar as certezas e problematizar os ruídos que fazem eco em nós. Parece que a jovem de 17 anos tinha voltado. Na minha juventude gostava de fazer poesias, contemplar a vida ao redor e, sem saber, falar dos modos de vida que me tocavam - amores, dissabores, natureza, Deus... Nesses momentos o desejo produzia em mim uma vivacidade, um êxtase, como agora...

Tenho vontade de chorar, como várias vezes chorei escrevendo as páginas da minha dissertação.

O desejo a flor da pele, a dor da escrita, o medo de falar a “verdade”, aquilo que Foucault diria que é difícil mostrar quem realmente somos. E o que somos? Uma mistura de “eus” entrelaçados nas necessidades do dia a dia. O que posso ser mais do que isso? Ou como posso dar vazão àquilo que não quero ser, mas acabo sendo? Então fica a

pergunta: será que temos tempo, nos momentos do dia a dia, para nos reinventarmos, assim como nessa dimensão do pensamento ao qual mencionei? Pois por mais que as intensidades estejam pedindo passagem, existem forças de repuxo - como neste momento, minha filha de quase três anos chora pedindo colo. Escolho deixar de escrever e voltar mais tarde... E quando volto percebo que a vida é feita de escolhas...

Agradeço-te, Ju, por me convidares, mesmo aos trancos e barrancos, para fazer parte da tua pesquisa. Não me senti, em momento algum, pesquisada, e sim participando de um diálogo contigo.

Lindo teu trabalho!

Espero ter colaborado!

Beijos.

ANEXO F - Carta de uma professora

Nas linhas do entre de janeiro de 2017.

Cara professora,

Inicia um processo de esvaziamento. Rompimentos. Abre-se uma passagem: silêncio e escuta para “pensar”. Nas palavras de Michel Foucault, para “estender relações de força”²⁹⁷. Apronto-me para pensar sobre as inquietações que desvelas e provocas. Lentamente encubro o corpo com a pele do outro, mas não de outro qualquer. Tento visitar o estado daquele que dá as mãos para as *palavras-outras*, como fizestes ao te encontrar com a carta em agosto de 2016. Um encobrimento que não tem a ver com o mascaramento, mas, sim, com uma tentativa de sentir a textura da materialidade que o outro carrega. Movimentos de quebras e rupturas. Ir além de si. Avultam algumas sensações. Responsabilidade? É isso que dialogar nos convida. Sinto a frequência que escrever para outro requer. No desenrolar de cada carta, havia uma peculiar aflição na trama das experiências compartilhadas. Um medo de dizer. Talvez porque um escrever nos coloque em situação de desestabilização, a mercê do olhar do outro. Afinal, passamos recorrentemente por isso nos lugares em que transitamos. Somos interpretados quase sempre, e uma escrita pode corporalizar até mesmo o que desconhecíamos sobre nós. Em alerta, o corpo está para escutar com atenção o teu discurso. Uma tensão emerge. Ponho as mãos diante da boca com a intenção de conter qualquer palavra que contamine o dizer. Começamos. Parto da tua escrita. Na carta, tu dizes que o engendramento do texto tem requerido dedicação e atenção. Esse desequilíbrio é presença na tessitura das outras cartas. Um tremer do pensamento é coletivo. Fomos “enformadas” a tal ponto que, possivelmente, as nossas intensidades encolham-se diante dos modelos fechados de pensamentos que nos nutriram desde a infância. A partir das experiências que vivi, vem à tona que o ato de escrever não é *impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida*²⁹⁸. Escrever de maneira sinuosa requer uma torção entre viver, sentir e dizer. Parece-me que só se consegue testar os limites da linguagem se estabelecermos laços com aquilo que nos encontrou e quebrou a

²⁹⁷ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34, 2007, p.123.

²⁹⁸ Id., 1997, p.11.

normalidade das coisas. Quais lugares visitamos quando respiramos palavras? No delineamento de tua escrita, é perceptível o movimento que as tuas palavras provocam e o quanto elas fazem um corpo daquilo que viveste. Palavras vertem com força, há vitalidade e uma euforia constante. Tenho a sensação de que estás em processo de “desfazimento de si”, retirando as peles que enlaçam o teu corpo e sentindo novas texturas da tua própria epiderme. A cada camada despregada, é como se encontraste outro lugar. Posso ver largos sorrisos entremeados nos teus dizeres e ouvir gritos, como de um navegador ao encontrar um novo território: “outra terra à vista”! Isso, quem sabe, explique a alegria e ansiedade que vieram amarradas nas tuas palavras. Quem sabe, tenha sido uma mera interpretação feita por esta cartógrafa. Eu ia dizer “corrija-me”. Ao perceber para qual direção essa palavra nos impulsiona, prefiro dizer “interrompa-me”. Não te acanhes. Faça um retalhamento da tessitura textual e as costuras oportunas. A escritura desta carta não ocorre de forma linear. Durante o processo, faço diversas paradas. Já estou no segundo dia de criação. Tentando... Suporto as inúmeras interrupções. Agora, a cadeira em que estou sentada é arrastada por minha filha de quatro anos. Euforicamente, pede-me para trocar a roupa de sua boneca. Vem à mente as peles. Sou mãe também. Esta menina agitada está com pressa. Disse-me que irá fazer uma apresentação. Irá compor uma história. Nem se passaram sete minutos, e ela já está de volta pedindo-me que aprecie sua invenção. Tudo acontece de forma fugaz. O tempo corre, parece água. Por isso, é tão difícil ser afetado por aquilo que nos acontece. Mais insuportável, por vezes, escrever é. Mergulhada nesse contexto ruidoso, tento dizer o que nem sei que irei dizer. O processo está cansativo. Falas a respeito do inusitado, a surpresa da doença e da mudança no rumo profissional. Disseste que não sabia se “os jalecos já não se ajustavam ao corpo ou o corpo já não se ajustava aos jalecos”. Fiquei a pensar sobre teu ato de coragem. Ao longo da pesquisa, algumas vezes, eu disse “tenho medo do que possa vir”. Chegou o momento. E alguns traços de tua experiência formativa me incitaram a pairar nessa inquietação. Sou graduada em Letras com habilitação em Português e Literatura Brasileira. O gosto por palavras começou na infância. Primeiramente, estimulado pelas vivências com histórias em vinis, depois gibis, filmes, até chegar aos livros. A música e a poesia também me acompanharam desde os sete anos de idade. Convivi, na infância, com uma pessoa que tinha um encantamento por literatura e música. Ela gostava de recitar e escrever poemas. Ainda, recordo-me de sua estilosa letra. Fazia arte com a caligrafia. Eu tentava aprender. Família. Músicas. Rodas de conversas. Histórias. Poemas. Angústia. Necessidades.

Elementos de alta combustão que me enlaçaram no universo das palavras. Eu era uma criança que lia, mas não tanto quanto escrevia. Tive vários diários. Os pessoais e os coletivos. A cada ano, fazia um novo. Ali, havia vida registrada. Desde a embalagem de um chocolate, o ingresso de uma festa não frequentada, a alegria de um acontecimento e, até mesmo, aquilo que não tinha nome ainda, como algumas sensações desconhecidas. Lá histórias habitavam. Na adolescência, cultivei o hábito de escrever poemas a pedido de algumas colegas. Sentia-me uma escriba. Os aplausos de autoria não me interessavam. Importava as afecções que o escrito causaria em outra alma. Escrever estava além de mim, mas inevitavelmente um dia esses escritos foram morar numa caixa. Trancafiados, ali, ficaram por muitos anos, até encontrarem um novo destino. Na infância, também, tinha o hábito de ir para a biblioteca para encontrar livros didáticos. No virar de cada folha, uma explicação mais aprimorada me encontrava. Era um divertimento. Tinha facilidade para aprender sozinha. Na adolescência, descobri a habilidade para ensinar e fui rumo à faculdade. Logo, aprovada em dois cursos: Administração de Empresas e Letras (Português e Literatura Brasileira). Optei pelo segundo. Não tinha dúvidas: ensinar era a minha paixão. Concluí o curso em 2010, contudo comecei a atuar em 2008. Depois de formada, trabalhei por volta de cinco anos. Tua carta fez acordar alguns desassossegos. Não sei se eu que não tenho forças para vestir a pele de uma professora, porque minha estrutura é frágil ou se essa pele que experimento é tão pesada ao ponto de vesti-la ser desconfortável. No período em que atuei, faltou energia para dar conta da demanda que a sala de aula requeria de mim. A sensação de “não saber” compete às experiências vividas no ensino fundamental. Seus efeitos? Em mim, respingaram por longo período. Amava ensinar, mas não conseguia ser potente, especificamente naquele lugar. Era sua filosofia a causa? O problema era a falta de maturidade para lidar com alunos do ensino fundamental? Tinha escolhido uma profissão que requeria uma bagagem além daquela que possuía naquele instante? Em 2014, por tentar entender o que se passava comigo, resolvi trabalhar com o ensino fundamental através de um projeto social. Sem avaliações e sem remuneração financeira. Desprendi-me das amarras do sistema. Ali aprendi estar atenta a algumas linhas tracejadas por outros caminantes e a passear em diversas direções. O projeto tinha um cronograma de atividades, mas algumas vezes foi o inusitado que se fez presente: uma canção do celular emitida na “hora errada”, um livro de uso pessoal que me acompanhava todas as noites, esquecido na bolsa. Nesse lugar, construí o primeiro entendimento que me levava a este pensamento: caminhar se aprende caminhando; ser

educador se aprende educando e se educando. Retornando ao que tecia sobre as aulas individuais: acompanhar meus alunos em processo de transformação faz-me esboçar um largo sorriso. Desde quando era estudante de Letras, tenho encontros alegres como professora particular. No diálogo e na troca de saberes, experimento uma professoralidade revigorante. Sinto o corpo vibrar. Não é trabalho. Com que me conecto em espaços múltiplos (cantina, biblioteca, escritórios emprestados) é vida. Em 2015, tive uma experiência com a docência no ensino superior. Substituí uma professora temporariamente. Revigorei as forças com aqueles alunos e com a dinâmica da Educação a distância. Após o período de contrato, continuei a cultivar vínculos com eles. Passei a exercer a função de orientadora, indicada pela instituição. Estabeleci laços com inúmeros estudantes. Nos encontros, dividi conhecimento, servi de suporte para que eles problematisassem alguns objetivos do trabalho de conclusão e, principalmente, compusessem uma escrita com marcas de quem se escolhe, não só na universidade, mas também na vida. Ao invés de transmitir um saber, tracejei inúmeros caminhos. Linhas finas, grossas, espaçadas, pontilhadas. Tentei abrir espaço para um aprender. Dar as mãos e dizer “vamos juntos”. Encontrar uma pele, em mim mesma, de um aprendiz “*como criador (e não como sábio ou mestre)*”.²⁹⁹ Tuas palavras, que reportam algumas curvas no caminho, mostraram-me: posso continuar sendo professora, porém em outros lugares. A partir das conversas e das problematizações feitas no mestrado, fui encontrada por pensamentos animadores. Entendi que, durante a trajetória da docência, encontros tristes também vão esbarrar em nós. Como dizia Zigmunt Bauman *a árdua tarefa de compor uma vida não pode ser reduzida a adicionar episódios agradáveis. A vida é maior que a soma de momentos*³⁰⁰. Quem sabe, a missão que temos é de encontrar em que lugar nosso corpo pode ser ondulante. Quando falas do “caos”, teu largo e decidido “sim” me desestabilizou. Se puderes, gostaria de saber como foi tua travessia no caos?³⁰¹ Até breve!

²⁹⁹ ROLNIK, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico* In: Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica. PUC/SP, set./fev. 1993.

³⁰⁰ Disponível em: <<http://www.osegundoregistro.com.br/bauman-uma-reflexao-sobre-a-sociedade-contemporanea/> Acesso em: 11 jan. 2017.

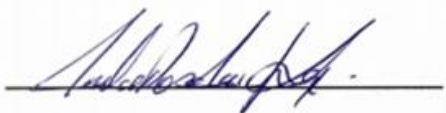
³⁰¹ Trecho da carta de uma professora de Língua Portuguesa.

ANEXO G – Autorizações para a publicação dos conteúdos textuais das cartas

Autorização para Uso de Dados

Eu, CARLA ROSANE CAMPOS LOPES,
portador(a) do RG n° _____ e CPF n°
_____, autorizo JULIANA NUNES, portadora do
RG _____ aluna do curso de Mestrado
Profissional em Educação e Tecnologia, do Instituto Federal Sul-rio-
grandense, a utilizar, para fins científicos, de modo público, os conteúdos
das cartas trocadas que constituem o banco de dados da pesquisa
intitulada CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS,
A POTÊNCIA DO CUIDADO DO SI.

Pelotas, 10 de janeiro de 2017.



Autorização para Uso de Dados

Eu, Isabel Gomes Ayres, portador(a) do RG nº [] e CPF nº [], autorizo JULIANA NUNES, portadora do RG nº [] e CPF nº [] aluna do curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, do Instituto Federal Sul-rio-grandense, a utilizar, para fins científicos, de modo público, os conteúdos das cartas trocadas que constituem o banco de dados da pesquisa intitulada CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS, A POTÊNCIA DO CUIDADO DO SI.

Pelotas, 10 de janeiro de 2017.



Autorização para Uso de Dados

Eu, Celso Pereira,
portador(a) do RG nº e CPF nº
, autorizo JULIANA NUNES, portadora do
RG nº , aluna do curso de Mestrado
Profissional em Educação e Tecnologia, do Instituto Federal Sul-rio-
grandense, a utilizar, para fins científicos, de modo público, os conteúdos
das cartas trocadas que constituem o banco de dados da pesquisa
intitulada CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS,
A POTÊNCIA DO CUIDADO DO SI.

Pelotas, 10 de janeiro de 2017.

Isela Pereira

Autorização para Uso de Dados

Eu, Cíntia Gruppelli da Silva,
portador(a) do RG nº e CPF nº
 , autorizo JULIANA NUNES, portadora do
RG nº , aluna do curso de Mestrado
Profissional em Educação e Tecnologia, do Instituto Federal Sul-rio-
grandense, a utilizar, para fins científicos, de modo público, os conteúdos
das cartas trocadas que constituem o banco de dados da pesquisa
intitulada CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS,
A POTÊNCIA DO CUIDADO DO SI.

Pelotas, 10 de janeiro de 2017.

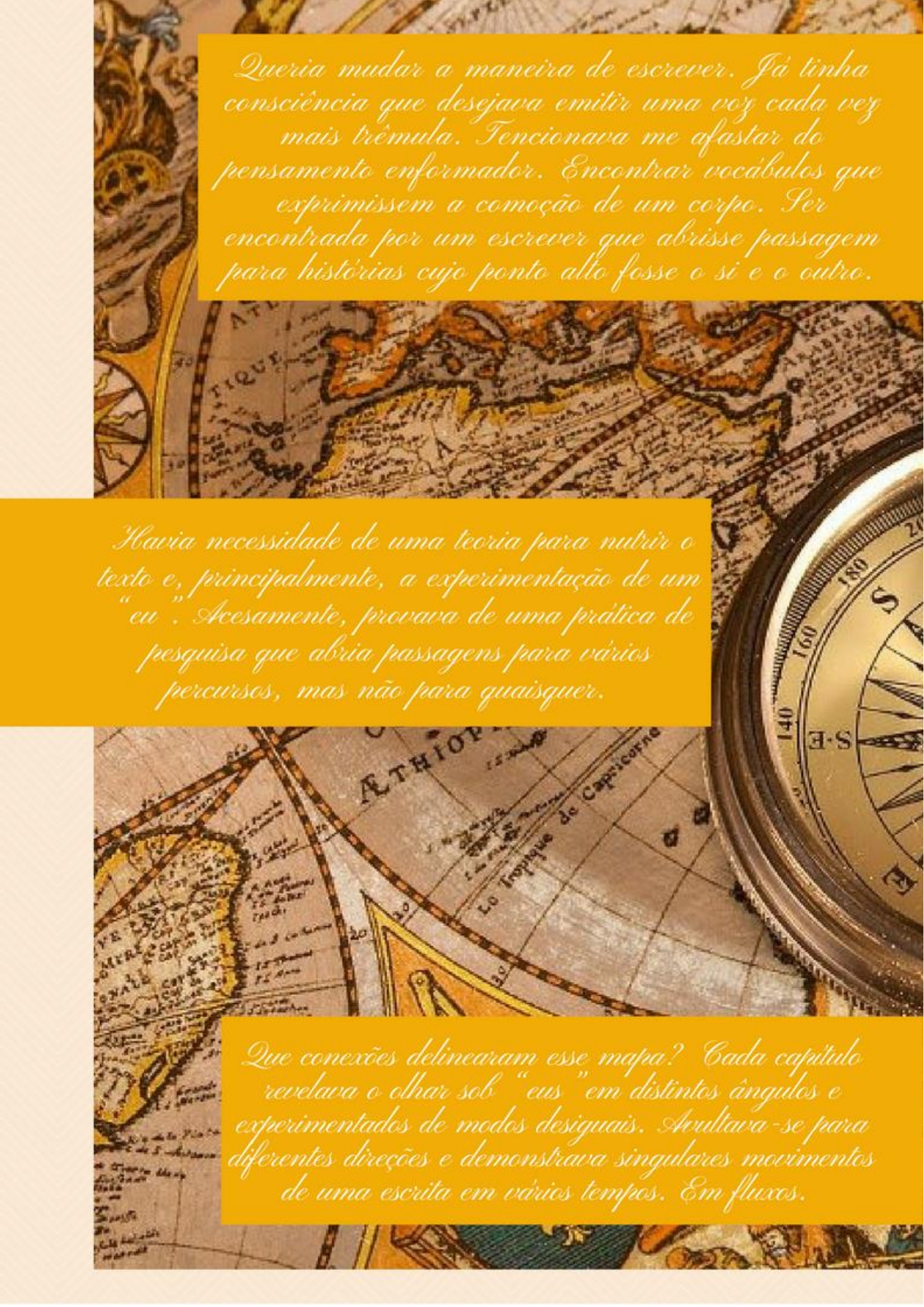
Cíntia Gruppelli da Silva

Autorização para Uso de Dados

Eu, Ruciene Silva dos Santos,
portador(a) do RG nº e CPF nº
, autorizo JULIANA NUNES, portadora do
RG nº , aluna do curso de Mestrado
Profissional em Educação e Tecnologia, do Instituto Federal Sul-rio-
grandense, a utilizar, para fins científicos, de modo público, os conteúdos
das cartas trocadas que constituem o banco de dados da pesquisa
intitulada CARTOGRAFIA EM FORMAÇÃO: ENTRE ESCRITAS E CONVERSAS,
A POTÊNCIA DO CUIDADO DO SI.

Pelotas, 10 de janeiro de 2017.

Ruciene Silva dos Santos

The background of the entire page is a detailed, aged map. It features a compass rose in the upper left and a larger, more prominent compass rose in the lower right. The map shows various geographical features, including coastlines, islands, and lines of latitude and longitude. The text is overlaid on yellow rectangular boxes that appear to be floating over the map.

Queria mudar a maneira de escrever. Já tinha consciência que desejava emitir uma voz cada vez mais trêmula. Tencionava me afastar do pensamento enformador. Encontrar vocábulos que exprimissem a comoção de um corpo. Ser encontrada por um escrever que abrisse passagem para histórias cujo ponto alto fosse o si e o outro.

Havia necessidade de uma teoria para nutrir o texto e, principalmente, a experimentação de um "eu". Acesamente, provava de uma prática de pesquisa que abria passagens para vários percursos, mas não para quaisquer.

Que conexões delinearam esse mapa? Cada capítulo revelava o olhar sob "eus" em distintos ângulos e experimentados de modos desiguais. Avultava-se para diferentes direções e demonstrava singulares movimentos de uma escrita em vários tempos. Em fluxos.